

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA - DS

BRUNO HENRIQUE BENICHIO ALVES BARBOSA

**ENTRE O PRAZER E A DOR: UMA ETNOGRAFIA EM CONTEXTOS DIGITAIS
DE DOMINAÇÃO FEMININA**

SÃO CARLOS - SP

2021

BRUNO HENRIQUE BENICHIO ALVES BARBOSA

**ENTRE O PRAZER E A DOR: UMA ETNOGRAFIA EM CONTEXTOS DIGITAIS
DE DOMINAÇÃO FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia (DS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Leite Júnior.

SÃO CARLOS - SP

2021

Ficha Catalográfica

BARBOSA, Bruno Henrique Benichio Alves.
Entre o prazer e a dor: uma etnografia em contextos digitais de
Dominação Feminina / Bruno Henrique Benichio Alves Barbosa.
- São Carlos, SP, 2021.
97f.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Leite Júnior
Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -
Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São
Carlos, 2021.

1. BDSM. 2. Etnografia digital. 3. Mídias digitais. 4.
Gênero. 5. Sexualidade I. Barbosa, Bruno Henrique Benichio
Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos.

Aprovado em: 09 de dezembro de 2021.

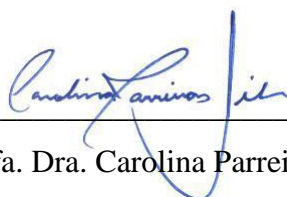
BANCA EXAMINADORA



Orientador

Prof. Dr. Jorge Leite Júnior

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)



Profa. Dra. Carolina Parreiras

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)



Me. Cristiane Vilma de Melo

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo 2020/02924-9) por me conceder uma bolsa de Iniciação Científica (IC) a qual deu origem a este trabalho. Certamente, o desenvolvimento da pesquisa não teria sido o mesmo sem o financiamento dessa agência de fomento à pesquisa, a qual me possibilitou, inclusive, apresentações desta pesquisa em nível internacional. Minhas sinceras gratulações à FAPESP!

Esta pesquisa igualmente não teria sido realizada com profundidade sem a colaboração das participantes de pesquisa, três mulheres incríveis que me auxiliaram prontamente no fornecimento de informações acerca de suas práticas de Dominação Feminina e que destinaram um tempo dos seus dias para conversar comigo. Muito obrigado pela paciência meninas!

Agradeço o meu orientador Prof. Dr. Jorge Leite Júnior por me acompanhar e me orientar atenciosamente desde o início da elaboração do projeto desta pesquisa até o final da sua execução. Obrigado, professor, por acatar essa ideia de pesquisa e trabalhar nela comigo desde sua fase embrionária! Nesse mesmo sentido, agradeço ao grande corpo de pessoas que igualmente me auxiliaram no desenvolvimento desta pesquisa, isto é, aquelas que gentilmente comentaram minhas apresentações em congressos e aquelas que indicaram aperfeiçoamentos em textos e artigos oriundos deste trabalho de conclusão de curso.

Muito grato também com as trocas acadêmicas com colegas efetuadas no âmbito do grupo de pesquisa SEXENT - Grupo de Pesquisa em Sexualidade e Entretenimento da UFSCar. Desse grupo, ressalto o intenso apoio da minha amiga Cristiane Vilma de Melo, a fada madrinha da academia que sempre me ajudou expressivamente em diversos momentos da realização desta pesquisa. Cris, muito obrigado pela paciência e atenção! Pelos inúmeros minutos de mensagens de áudio trocadas e pelos seus suntuosos comentários sobre minhas divagações intelectivas!

Meus agradecimentos se estendem à Profa. Dra. Carolina Parreiras por ter aceitado participar da banca de defesa desta monografia, assim como pelos seus instigantes cursos e palestras ofertadas no âmbito da Antropologia Digital, sendo uma referência e uma inspiração para minha vida profissional.

Para além da sociabilidade universitária, sou grato a algumas pessoas que permearam a minha vida pessoal durante antes e durante a graduação: minha mãe, tia Áurea e avós, por sempre me apoiarem a ingressar em uma universidade pública; o Cursinho Pré-Vestibular Vitoriano da UNESP de São José do Rio Preto - SP, por me proporcionar um ensino gratuito e de qualidade em 2016, o qual viabilizou meu ingresso na UFSCar; a permanência estudantil da

UFSCar, a qual possibilitou minha estadia na cidade e na universidade; ao Allam e a sua família, por me apoiarem intensamente e me receberem cordialmente em suas casas em São Carlos; a minha psicóloga por me amparar gratuitamente durante anos ao longo da graduação, graças ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Enfim, grato a todas aquelas pessoas que circundaram minha vida durante esses anos de graduação e que talvez esqueci de mencionar neste texto, mas que não deixam de ser pessoas queridas e importantes que fizeram parte dessa história.

*Girls can wear jeans and cut their hair short
Wear shirts and boots 'cause it's okay to be a boy
But for a boy to look like a girl is degrading
'Cause you think that being a girl is degrading
But secretly you'd love to know what it's like
Wouldn't you?*

What it feels like for a girl

Madonna

*Poor is the man
whose pleasures depend
on the permission of another*

Madonna

RESUMO

A presente pesquisa possui como propósito analisar as práticas eróticas no contexto do BDSM brasileiro. Como recorte analítico, optei pela Dominação Feminina, que se configura enquanto uma das categorias de papéis sexuais da comunidade BDSM (*Bondage* / Disciplina, Dominação / Submissão ou Sadismo / Masoquismo). As mulheres dominadoras utilizam mídias digitais promovendo espaços de sociabilidade, de legitimação de suas sexualidades e de textualização dos desejos e dilemas que rondam suas vidas diárias. Mediante a multidisciplinaridade dos estudos contemporâneos em contextos digitais, essa pesquisa realizou uma etnografia digital de três *blogspots* para alcançar um entendimento sobre o que é a Dominação Feminina, que experiências de gênero e sexualidade estão relacionadas às essas performances e quais são os objetivos que impulsionam as Dominadoras para o uso de mídias digitais. Ademais, mobilizo como referenciais teóricos os conceitos de Judith Butler e os de Michel Foucault para analisar em que intensidade essas práticas se configuram de modo convergente e/ou divergente, em relação aos sistemas normativos sobre sexo, gênero e desejo e utilizo como base teórica as proposições sociológicas de Eva Illouz sobre o amor e as emoções para compreender os relacionamentos afetivos que são travados no interior da Dominação Feminina.

Palavras-chave: BDSM; etnografia digital; mídias digitais; gênero; sexualidade.

ABSTRACT

The purpose of the present research is to analyze the erotic practices in the context of Brazilian BDSM. As an analytical cut, I chose Female Domination, which is configured as one of the sexual role categories of the BDSM community (Bondage / Discipline, Domination / Submission or Sadism / Masochism). Dominant women use digital media to promote spaces of sociability, to legitimize their sexuality, and to textualize the desires and dilemmas that surround their daily lives. Through the multidisciplinary of contemporary studies in digital contexts, this research conducted a digital ethnography of three blogspots to achieve an understanding of what Female Domination is, what experiences of gender and sexuality are related to these performances, and what are the goals that drive Female Dominators to use digital media. Furthermore, I mobilize as theoretical references the concepts of Judith Butler and Michel Foucault to analyze the intensity with which these practices are configured in a convergent and/or divergent way, in relation to normative systems about sex, gender, and desire and I use Eva Illouz's sociological propositions about love and emotions as a theoretical basis to understand the affective relationships that are waged within Female Domination.

Key-words: BDSM; digital ethnography; digital media; gender; sexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Cock Ball Torture</i> , <i>wax-play</i> e <i>spanking genital</i>	33
Figura 2 – <i>Cock Ball Torture</i> e <i>wax-play</i>	33
Figura 3 – <i>escravo feminizado</i>	44
Figura 4 – <i>escravo feminizado</i>	45
Figura 5 – <i>escravo feminizado</i>	45
Figura 6 – <i>escravo feminizado limpando o chão</i>	47
Figura 7 – <i>Feminização “Forçada”</i> e cintos de castidade	50
Figura 8 – <i>Feminização “Forçada”</i> e cintos de castidade	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo genérico e fictício de coleta de dados	23
Quadro 2 – Modelo genérico de categorização dos dados	24
Quadro 3 – Como feminizar um <i>escravo</i> ?	49

SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. Etnografias em contextos digitais: fundamentações teórico-metodológicas de exploração	14
2.1. Orientações éticas para etnografias digitalmente mediadas	18
2.2. <i>A Dominação e a escravidão na essência: as participantes da pesquisa e os seus blogspots</i>	19
2.3. Itinerários de exploração: plano de coleta de dados, trabalho de campo e entrevistas	22
3. <i>Como assim nunca pode dizer “não”?</i> : o <i>BDSM de verdade</i> , as orientações comunitárias e a Dominação Feminina	27
3.1. Entre a normalidade e a transgressão: desnudando as práticas de Dominação Feminina	30
3.2. <i>Um homem casto e obediente no modelo mulher dos anos 1920 para mulheres empoderadas e poderosas: a Feminização “Forçada”</i>	43
3.3. <i>As feministas vão dizer “É humilhante ser mulher?”</i> : a <i>Feminização “Forçada”</i> e seus empréstimos da normatividade	54
4. Relacionamentos afetivos e amor sobre a ótica da Sociologia das emoções	61
4.1. <i>Quero um escravo que viva em cárcere, somente para mim, nascido de mim: os Relacionamentos D/s</i>	66
5. Por que nós postamos? - Os objetivos que rondam os usos dos <i>blogspots</i>	72
5.1. <i>Eu não preciso ir atrás de novos brinquedos, eles simplesmente brotam: os blogs enquanto produtores de uma visibilidade de si e viabilizadores de novos encontros</i>	73
5.2. <i>Ser um exemplo: as possibilidades de subjetivação a partir dos contextos digitais</i>	80
5.3. <i>A escrita que resgata o tesão e a paz: sexualidade, desejo e ajuda mútua na textualização de si em blogspots de Dominação Feminina</i>	83
6. Considerações finais	91
7. Referências bibliográficas	92

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é analisar uma das categorias de práticas eróticas da comunidade BDSM brasileira (*Bondage* e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo). A categoria selecionada é nacionalmente intitulada como Dominação Feminina. Nesse meio, plasman-se cenários e relações fetichistas geridas por mulheres que assumem papéis de gênero e sexualidade constituídos por posições ativas de dominação corporal e psicológica daqueles que desejam ser submetidos às suas fantasias em práticas fetichistas compostas por jogos de poder.

Essas mulheres se denominam por nomenclaturas como *Rainhas*, *Dommes*, *Donas*, *Dominadoras*, dentre outras. Já as pessoas que ocupam o polo passivo das práticas são intitulados como *escravos*, *peças* ou *submissos(as)*¹. Ambos os sujeitos do vínculo erótico se permeiam por noções de segurança e consensualidade expressas na tríade São, Seguro e Consensual (SSC), pois os adeptos ao universo BDSM preconizam a indispensabilidade de acordos rigorosos e consensuais entre as partes do elo fetichista para a consolidação dos seus prazeres.

Os campos de investigação eleitos para explorar essa categoria do BDSM são três *blogspots*, sendo dois de autoria de uma *Dominadora* e um de produção de uma *escrava*. Os materiais disponibilizados nesses *blogs* autorais são expressivamente integrados de textos e ilustrações que buscam apresentar as experiências das *Dominadoras* em práticas e relações de *Dominação e submissão*². Nesse sentido, utilizo os estudos etnográficos da Sociologia Digital e da Antropologia Digital como aparatos teóricos e metodológicos para a coleta e análise dos dados. Tais referenciais bibliográficos me auxiliam a alcançar os objetivos específicos da pesquisa que se expressam em compreender o que motiva a criação de conteúdo nesses *blogspots* e quais são as finalidades que rondam a manutenção dos mesmos.

Nesse enquadramento, a pesquisa também procura investigar em que intensidade as práticas de Dominação Feminina são divergentes e/ou convergentes em relação aos padrões performáticos de gênero e sexualidade expressos em concepções sexistas e binárias que se

¹ Saliento que todas as palavras e frases estilizadas em itálico neste texto aludem aos termos e aos relatos enunciados digitalmente pelas colaboradoras de pesquisa. Nesse caso específico, a primeira letra da nomenclatura em minúsculo ou maiúsculo indica textualmente a hierarquia entre *Dominadoras* e *submissos* nos contextos digitais.

² A palavra *Dominação* escrita com a primeira letra em maiúsculo e a *submissão* com a primeira letra em minúsculo representam o mesmo sentido hierárquico explicado na nota anterior.

assentam em regimes normativos sobre a condução do sexo e a absorção do prazer. Essas hipóteses são exploradas mediante uma lente teórica foucaultiana que compreende que as sexualidades dissidentes não estão antes ou além dos regimes de poder, mas sobretudo são proliferadas no seu desenvolvimento.

Ademais, utilizo como referencial teórico as reflexões da socióloga Eva Illouz para analisar os *Relacionamentos D/s* no interior da Dominação Feminina, um estilo de relação afetiva travada entre as *Rainhas* e os seus *escravos* em que a hierarquia de *Dominação e submissão* passa a permear suas vivências diárias.

Deste modo, o presente trabalho se organiza da seguinte maneira: no capítulo “Etnografias em contextos digitais: fundamentações teórico-metodológicas de exploração”, realizo uma explanação sobre o que esta investigação entende por etnografia em contextos digitais pelo intermédio da contribuição de célebres expoentes que fundamentaram teoricamente e metodologicamente minhas explorações nos *blogs* de Dominação Feminina.

Em “Orientações éticas para etnografias digitalmente mediadas”, exponho algumas medidas éticas estrategicamente utilizadas para preservar a segurança das participantes desta pesquisa, considerando-se que o BDSM é rodeado de narrativas infames que preterem suas práticas. Subsequentemente, as colaboradoras da pesquisa são apresentadas no tópico “A Dominação e a escravidão na essência: as participantes da pesquisa e os seus *blogspots*”. Ao decorrer de “Itinerários de exploração: plano de coleta de dados, trabalho de campo e entrevistas”, exhibo pormenorizadamente como se deu o percurso de exploração etnográfica nos *blogs*, ou seja, explicito como ocorreu a coleta de dados nos contextos digitais.

O capítulo “*Como assim nunca pode dizer “não”?: o BDSM de verdade*, as orientações comunitárias e a Dominação Feminina” apresenta as diretrizes e os lemas de segurança que orientam os praticantes de BDSM em seus jogos de poder, demonstra uma zona de disputas acerca do que seria o *BDSM de verdade*, além de expor uma introdução sobre o que é a Dominação Feminina.

No tópico “Entre a normalidade e a transgressão: desnudando as práticas de Dominação Feminina”, executo um aprofundamento analítico sobre a Dominação Feminina mediante a lente teórica de Michel Foucault e Judith Butler, apresentando como essas práticas operam expressivamente de acordo com as normas de gênero e sexualidade, ao mesmo tempo em que tensionam essas mesmas premissas normalizadoras.

De modo similar e manuseando o referencial foucaultiano em “*Um homem casto e obediente no modelo mulher dos anos 1920 para mulheres empoderadas e poderosas: a Feminização ‘Forçada’*” e em “*As feministas vão dizer ‘É humilhante ser mulher?’: a*

Feminização ‘Forçada’ e seus empréstimos da normatividade”, exponho como as dinâmicas da *Feminização “Forçada”* se assentam simultaneamente em caracteres de transgressão e normalidade.

No capítulo “Relacionamentos afetivos e amor sobre a ótica da Sociologia das emoções”, apresento as contribuições sociológicas de Eva Illouz sobre de que modo o amor e as emoções são experienciadas na contemporaneidade, de maneira que se torne evidente no tópico “*Quero um escravo que viva em cárcere, somente para mim, nascido de mim: os Relacionamentos D/s*” o quanto as relações amorosas vivenciadas no âmago do BDSM estabelecem correlações com comportamentos normativos e trajetórias idealizadas sobre as formas de experimentar o romance em tempos hodiernos.

O capítulo final “Por que nós postamos? – Os objetivos que rondam os usos dos *blogspots*” se designa por uma breve apresentação sobre as reflexões teóricas de Daniel Miller e Heather Horst que substancialmente ancoram as análises presentes nos tópicos “*Eu não preciso ir atrás de novos brinquedos, eles simplesmente brotam: os blogs enquanto produtores de uma visibilidade de si e viabilizadores de novos encontros*”, “*Ser um exemplo: as possibilidades de subjetivação a partir dos contextos digitais*”, “*A escrita que resgata o tesão e a paz: sexualidade, desejo e ajuda mútua na textualização de si em blogs de Dominação Feminina*”, nos quais discuto as finalidades que as minhas colaboradoras de pesquisa empregam sobre o manuseio de *blogs* em suas vidas diárias.

Destarte a exposição desta introdução, o presente trabalho se soma a uma série de pesquisas que enredam etnografias em contextos digitais e estudos de gênero e sexualidade, ao passo que se propõe a explorar fenômenos sociais multifacetados que se exprimem em inter-relações entre o BDSM e os usos das mídias digitais.

2. ETNOGRAFIAS EM CONTEXTOS DIGITAIS: FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE EXPLORAÇÃO

Este trabalho se baseia nas constatações de Daniel Miller et al. (2019), expoentes que compreendem que para a execução de uma exploração etnográfica em contextos digitais é necessário que nos portemos epistemologicamente mediante um relativismo cultural ao longo de nossas investigações e análises. Nesse sentido, Miller e Heather Horst (2015) indicam que não é viável considerarmos a existência de um uso universal e unitário das tecnologias digitais, ainda que os protocolos legais de redes singulares e suas arquiteturas digitais expressas, por

exemplo, em componentes culturais de classe, gênero, sexualidade e raça induzam manuseios específicos nesses âmbitos (MILLER et al., 2019).

Essas observações assinalam que não é oportuno levarmos em conta que os contextos digitais imprimam determinantemente mobilizações igualitárias por parte dos usuários, pois cada um pode usar esses instrumentos de modos heterogêneos, implicando sentidos arbitrários sobre esses mecanismos e suas funcionalidades, mesmo que haja, por exemplo, a primazia da operação de algoritmos generificados e racializados que permeiam nossa experiência e performance digital, como assinala Safiya Umoja Noble (2018).

Tais observações fazem com que esta pesquisa procure compreender os usos de *blogspots* por parte das *Dominadoras* através das suas próprias narrativas, buscando compreender os significados que elas inserem sobre os manuseios das tecnologias digitais em suas vidas cotidianas e se apartando de outros fundamentos que poderiam inseri-las como meras partes passivas das mídias digitais³. Isso não significa que essa perspectiva me leve a um relativismo viciado que procura compreender as vivências dessas mulheres em uma perspectiva individualista e sem correlação com práticas de poder, pois se considera e se visualiza que os sentidos atribuídos ao uso dos *blogspots* estudados e as finalidades empregues ao manuseio dos mesmos se conectam à um mosaico complexo de significações que estabelecem relações com discursos e regimes de poder.

Os signos inseridos nesses *blogs* e os objetivos que rondam a criação e manutenção deles se entrelaçam entre si quando comparamos os ensejos de cada uma das colaboradoras de pesquisa, o que me possibilita visualizar que apesar de finalidades pessoais e biografias singulares, as *Dominadoras* possuem objetivos semelhantes entre si no que diz respeito ao uso de *blogspots*.

Ademais, esta exploração etnográfica igualmente se permeia por intermédio das observações de Miller e Horst (2015) sobre a ideia de um holismo etnográfico a ser empregue em pesquisas em contextos digitais. Essa percepção assinala que para além de uma análise sobre universos digitalmente mediados, devemos igualmente nos ater sobre outros contextos que circundam a vivência das nossas colaboradoras de pesquisa.

Essencialmente, a questão do holismo relaciona-se com o jeito que um indivíduo traz a si os aspectos dispersos de sua vida como pessoa, mas também como a antropologia transcende a miríade de focos de pesquisa para reconhecer a co-presença de todos estes tópicos dentro de nosso maior entendimento da sociedade (MILLER, HORST, 2015, p. 100).

³ Um exemplo de uma vertente que concebe as pessoas como inativas em relação às tecnologias é a do “determinismo tecnológico” (BAYM, 2010).

Isso quer dizer que é necessário que averiguemos os espaços urbanos pelos quais os nossos informantes de pesquisa transitam ou residem, além de vislumbrarmos os cenários culturais, políticos morais nos quais essas pessoas se inserem. Ou seja, ainda que estejamos realizando pesquisas etnográficas digitalmente mediadas, é importante que levemos em conta uma série de fatores que se estabelecem para além das mídias digitais, e que por sua vez estabelecem relações com os usos delas.

Logo, é necessário que o etnógrafo pondere sobre os contextos digitais de modo articulado com regiões geográficas específicas, com as diferenças expressas em classe, gênero, sexualidade e raça, assim como com as práticas e discursos de poder singulares em que os seus informantes de pesquisa se inserem, uma vez que toda essa miríade de fatores produz efeitos sobre os modos pelos quais se manuseiam as tecnologias digitais e o porquê das utilizações delas (MILLER et al., 2019).

À título de exemplo, em um movimento direcionado para além de edificar compreensões sobre os usos e os objetivos empregues sobre as mídias digitais em si, Miller e Don Slater (2004) e Felipe Padilha (2019) realizaram explorações etnográficas que levaram em conta a presença de delineamentos urbanos configurados por regiões geográficas específicas que rodeadas por componentes morais e culturais conduziam a utilização das mídias digitais de modo notoriamente típico, principalmente quando esses usos eram circundados por diferenças expressas em classe, gênero, sexualidade e raça ou por discursos e práticas de poder manifestos em sexismo e homofobia⁴.

Nessa perspectiva, os aspectos importantes a serem considerados em nossas pesquisas nos contextos digitais são os discursos de poder, moralidades e elementos culturais que rondam o que Avtar Brah (2006) nomeia de “diferença como experiência social”⁵, o que nos leva a admitir que os usos das mídias digitais podem ser específicos e distintos de uma suposta universalidade sobre os manuseios dessas tecnologias no momento em que ponderamos sobre subjetividades particulares que experienciam articuladamente questões de gênero, classe, raça,

⁴ Em específico, é relevante destacar que esta pesquisa possui um foco de discussão que tem como cenário mais central a intersecção entre o uso das mídias digitais e as diferenças, moralidades e discursos de poder expressos em gênero e sexualidade. Ainda que as regiões geográficas que as colaboradoras deste trabalho se inserem induzam os objetivos que as mesmas empregam sobre os seus *blogs*, esta exploração etnográfica não efetuou um foco profundo sobre os espaços urbanos em que se localizam as informantes de pesquisa.

⁵ Segundo Brah (2006), a diferença como experiência social demonstra como diferentes corpos são atravessados por contingências históricas e culturais típicas que se pautam em categorias hierárquicas de classe, gênero, raça, sexualidade, nacionalidade, dentre outras. Do mesmo modo, essa mesma ótica analítica explícita como as pessoas, vivenciam, negociam e ressignificam esses sentidos de diferenciação que são empregados sobre elas.

sexualidade, geração dentre outros aspectos em uma perspectiva interseccional ao adentrarem e experiencarem os universos digitais (MILLER et al., 2019).

O ponto dessas reflexões se fundamenta pela ideia de que as pessoas usuárias das mídias digitais não estão: “[...] presas ali em um suposto universo paralelo. Estão, portanto, sendo constituídas nesses processos mais amplos, dos quais a dimensão subjetiva não escapa” (PELÚCIO, 2019, p. 95). Ao nos orientarmos por meio da perspectiva etnográfica holística, esticamos nossas investigações para uma análise que vai para além das mídias digitais em si ou mesmo dos usos delas, o que nos possibilita engendrar concepções mais amplas sobre relações de poder expressas, por exemplo, em elementos culturais de gênero e sexualidade que circundam nossa realidade social tanto na internet, quanto fora dela.

Toda essa conjuntura etnográfica igualmente se conduz mediante uma perspectiva feminista de Donna Haraway (2009) que estabelece uma visão emblemática sobre o entrelaçamento entre fronteiras tradicionalmente concebidas como separadas pelas Ciências Humanas, como as de natureza e cultura, corpo e mente, e sobretudo, as de humano e máquina. Neste seguimento, me oriento por meio das contribuições teóricas e metodológicas de Christine Hine (2015a, 2015b), autora que nos explicita que vivemos em contextos contemporâneos em que numerosos dispositivos tecnológicos estão massivamente incorporados, corporificados e inseridos em nossos cotidianos, isto é, as tecnologias digitais e suas múltiplas instrumentalidades se estabelecem em várias esferas da nossa vida social, engendrando efeitos nas formas como vivemos, agimos, sentimos e concebemos o mundo ao nosso entorno.

Sendo assim, todo esse cenário intelectual exposto, faz com que esta pesquisa se conduza mediante perspectivas epistemológicas que edificam compreensões sobre o entrelaçamento entre contextos digitais e aqueles não mediados pela conexão da internet e dos dispositivos tecnológicos, de modo que precisamos compreender esses fenômenos como um “espaço relacional”, nos termos de Scott McQuire (2011).

O “espaço relacional”, portanto, leva em conta o local de acesso e a constante relação com outros espaços. Para uma análise sociológica das mídias isso implica pensar sobre como são construídas e negociadas as fronteiras de classe social, gênero, local de acesso, questões raciais, nível de instrução, local de moradia, entre outras diferenças, que estão postas no plano offline e que produzem um tipo de estratificação digital. Dessa perspectiva, interessa compreender como essas diferenças são articuladas e quais são as relações que mantêm com a produção e manutenção de desigualdades (PADILHA, FACIOLI, 2018, p. 309).

Além disso, nesta pesquisa, entendo por mídias digitais a repercussão de um desenvolvimento tecnológico adjunto a uma experiência histórica de ampliação da internet comercial que se designa em contraposição aos formatos e possibilidades das mídias analógicas, como a televisão, rádio e telefone. No início dos anos 2000, o desenvolvimento da *web 2.0* se caracterizou pela abertura de oportunidades para a criação de conteúdos em contextos digitais, viabilizando fenômenos distintos daqueles da *web 1.0*⁶, pois a partir do século XXI, passamos para um quadro tecnológico que se caracteriza para além de um singelo consumo de informações em sites e redes sociais, mas também por espaços de criação, compartilhamento e reprodução de materiais digitais⁷ (BAYM, 2013).

Diferentemente das mídias analógicas, e sobretudo, com o advento das tecnologias portáteis de acesso à internet, as mídias digitais e seus usos generalizados se caracterizam contemporaneamente por substratos de criação, compartilhamento e reprodução de conteúdo expressos por exemplo em publicações de si em *blogs* e redes sociais, nos quais, os usuários usualmente assumem papéis de protagonismo manifestos em suas posições de consumidores, reprodutores e criadores (MISKOLCI, 2011, 2016; PADILHA, FACIOLI, 2018). Enquanto um fenômeno cultural, as mídias digitais se expressam em contextos de produção de cultura que passaram a ser inseridos fortemente em nosso cotidiano (HINE, 2015a), configurando-se consequentemente em palcos instigantes de investigação sociológica.

2.1. ORIENTAÇÕES ÉTICAS PARA ETNOGRAFIAS DIGITALMENTE MEDIADAS

Segundo Miller e Horst (2015) e Miller e Slater (2004), os contextos digitais não se caracterizam por um “espaço” à parte da vida social não mediada pela internet. Dessa maneira, alguns pesquisadores ressaltam que as mídias digitais em que realizamos pesquisas estão

⁶ De acordo com Padilha e Lara Roberta Rodrigues Facioli (2018), nos anos 1990, a *web 1.0* se designou por um contexto da internet em que os usuários não produziam conteúdos diretamente, o que gerava um cenário composto por tipos de sociabilidades mais restritas às interações por meio de salas de bate-papo online e e-mail. Essas plataformas eram interfaces mais verticalizadas em que os usuários não produziam conteúdos de modo especializado e autônomo. Alguns exemplos desse período são o site da UOL (Universo Online) e o Portal Terra.

⁷ As possibilidades de criação, reprodução e compartilhamento de conteúdo nos contextos digitais não significam que eles sejam meios democráticos de liberdade e igualdade como algumas perspectivas utópicas sobre a internet apresentavam nos anos 1990 (LOVELUCK, 2018). Nancy Baym (2013) resalta que a principal característica da *web 2.0* é que os conteúdos são gerados por aqueles que a usam, mas por outro lado, são gerenciados por grandes corporações de mercado. Ademais, em um estágio da internet atual que se intitula como *web 3.0* e com o advento da inteligência artificial e algoritmos preditivos, Jen Schradie (2017) e Sérgio Amadeu da Silveira (2017) compreendem que as tecnologias digitais acirram um capitalismo de vigilância que decompõe nossas possibilidades de engrandecimento democrático, igualitário e libertário ao passo que essas mídias estabelecem correlações com as políticas e os princípios de realidade neoliberais.

rodeadas de moralidades, conservadorismos e regimes normativos justamente porque esses meios estabelecem conexões com outros que estão para além dos contextos digitais (MILLER et al., 2019). Ponderando-se sobre essas certificações, refleti sobre o quanto este trabalho diz respeito à praticantes de sexualidades ditas como não convencionais e que ainda convivem com certos estigmas expressos em “loucura”, “perversidade” e “criminalidade” (FACCHINI, MACHADO, 2013; RUBIN, 2017; SILVA, 2016; ZILLI, 2018).

Embora os dados das *Dominadoras* estejam de modo público em suas mídias, a divulgação científica desses conteúdos poderia gerar diversos impactos embaraçosos para as mesmas, refletindo-se principalmente sobre consequências nefastas como execuções públicas e riscos sobre suas integridades físicas e morais. Mediante essas reflexões e conclusões, tornou-se imprescindível a adoção de algumas normas éticas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Hine (2015a, 2015b) afirma que quando realizamos uma etnografia em contextos digitais não significa que não precisamos atribuir com devida seriedade as mesmas premissas etnográficas análogas às investigações não mediadas pelas tecnologias digitais. Isto é, os mesmos critérios éticos enquadrados em pesquisas etnográficas em contextos off-line devem ser aplicados em explorações envolvendo os contextos digitais, adicionando-se especialmente, alguns aspectos éticos singulares que se engendram nesses campos específicos de investigação (FACIOLI, PADILHA, 2019; LEITÃO, GOMES, 2017).

Desse modo, raciocinando-se sobre essas particularidades éticas para pesquisas em contextos digitais, a apresentação dos resultados deste trabalho se fundamenta no documento “*Internet Research: Ethical Guidelines 3.0.*”⁸ produzido por um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores da *Association of Internet Researchers* (2020). As considerações presentes nesse documento me inspiraram a apropriar-me das seguintes decisões: aplicação de nomes fictícios às colaboradoras de pesquisa e seus *blogspots*; transcrição de textos postados em suas plataformas e edição gráfica das imagens publicadas nos *blogs*, tendo em vista que se esses materiais forem exibidos diretamente, eles podem ser encontrados por mecanismos online de busca⁹.

2.2. A DOMINAÇÃO E A ESCRAVIDÃO NA ESSÊNCIA: AS PARTICIPANTES DA PESQUISA E OS SEUS BLOGSPOTS

⁸ Disponível em: <<https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

⁹ Ainda que os relatos encontrados nos *blogspots* sejam alterados tendo em vista as questões éticas exibidas, apresento-os em itálico, pois apesar de modificados, eles remetem a um discurso do campo de pesquisa.

As participantes desta pesquisa são mulheres brancas com uma idade média de 40 a 60 anos. Considerando as questões éticas apresentadas no tópico anterior, decidi intitulá-las mediante três nomes fictícios, sendo eles: Madame X, Domme Dita e Escrava Natural.

Madame X relata que desde sua infância apresentava desejos por *Dominação: as crianças brincavam de polícia e ladrão, eu queria brincar de Rainha e escravo, isso é algo que nasce com a gente*. Essa *Dominadora* conta que conseguiu dar um título para os seus desejos no final dos anos 1990, pois foi através da internet que descobriu do que se tratava a Dominação Feminina. Desde então, ela transita em contextos digitais expressos em fóruns de discussão e *blogspots* de BDSM. Além disso, Madame X me disse que já possuiu outros *blogs*, sendo o atual preservado desde 2008.

Madame X possui um relacionamento com um *escravo* que também é o seu marido há mais de 20 anos. Tal conjuntura não faz com que ela não trave relações fetichistas com outros *brinquedos*, tendo em vista que a sua posição enquanto *Dominadora* a permite auferir outras *peças*¹⁰. Ela possui diversos acessórios eróticos de BDSM para efetuar as sessões de Dominação Feminina em sua residência, embora ela relate que não precisa necessariamente utilizá-los para comandar os contextos fetichistas com os seus parceiros, pois *a Dominação está na essência*. Tendo em vista que Madame X possui um *Relacionamento D/s e 24/7*¹¹ com o seu marido, as experiências de *Fem-Dom*¹² vão para além de circunstâncias pontuais e específicas de *Dominação e submissão*, podendo se entender para o dia-a-dia dos dois em situações diversas.

As postagens de Madame X foram expressivamente férteis para os objetivos dessa pesquisa, pois, ela descreve constantemente elementos sobre a Dominação Feminina, informa características sobre seus desejos, narra experiências acerca de suas práticas fetichistas e apresenta recomendações e conselhos para aqueles que estão se iniciando nesse meio erótico ou mesmo para os que buscam um aprimoramento de si nas práticas de *Fem-Dom* e nos seus *Relacionamentos D/s*.

O *blogspot* de Domme Dita foi criado em 2009. Recorrentemente, ela se desloca geograficamente a trabalho e por isso possui alguns *escravos* em diversas cidades do Brasil, os quais ela se encontra com regularidade conforme se localiza em cidades ou regiões específicas

¹⁰ As palavras *brinquedo* ou *peça* são expressões nativas que podem ser interpretadas neste campo de pesquisa como sinônimos de *submisso* ou *escravo*. As interlocutoras deste trabalho não efetuam diferenciações precisas sobre esses quatro termos, embora em outros contextos digitais, alguns praticantes infiram distinções, por exemplo, entre *submisso* e *escravo*.

¹¹ Os *Relacionamentos D/s (Dominação e submissão)* e *24/7* (24 horas por dia e 7 dias da semana) serão descritos e analisados ao decorrer do tópico 4.1 deste trabalho. Adianto resumidamente que nos *Relacionamentos D/s e 24/7*, a hierarquia de *Dominação e submissão* entre uma *Rainha* e um *escravo* se estende para além de sessões delimitadas de Dominação Feminina, o que gera uma relação afetiva permeada por caracteres de dominância e submissão.

¹² Palavra em inglês que se refere à Dominação Feminina e que é comumente utilizada pelas participantes desta pesquisa.

para trabalhar. Nessas viagens, Domme Dita carrega uma maleta com alguns acessórios especializados para suas sessões de *Dominação e submissão*, considerando-se que as viagens a impossibilitam de ter um local físico e fixo para realizar as práticas de Dominação Feminina. Deste modo, às vezes é preciso adaptar alguns espaços como quartos de motéis para as performances de *Fem-Dom*.

A *Dominadora* relata que não consegue se ver fora das experiências oriundas do BDSM, pois *o desejo pela Dominação está no sangue*. Ademais, de modo similar ao *blog* de Madame X, a página de Domme Dita é repleta de textos e fotos referentes às práticas Dominação Feminina que ela vivencia, assim como dicas e sugestões para se aperfeiçoar nas relações e práticas de *Dominação e submissão*.

Escrava Natural¹³ é uma mulher trans que possui dois *Donos*, sendo esses um casal composto por uma *Rainha* e um *Dom*. A *escrava* e os seus *Donos* possuem um *Relacionamento D/s* e apesar de morarem em torno de 90 quilômetros de distância entre si, eles se encontram algumas vezes para realizar as práticas de BDSM¹⁴. Pelo fato de ser uma *escrava* que *entregou a sua vida aos seus Donos*, Escrava Natural relata que vive como *uma mucama*¹⁵ para servir *Rainha R e Dom Ino*¹⁶, pois *o prazer deles é o meu prazer, sou uma escrava por essência*. Na residência de sua *Dona*, há um ambiente caracterizado por acessórios como cordas e chicotes para a realização das sessões de *Fem-Dom*.

O *blog* de Escrava Natural faz parte desta pesquisa tendo em vista que ela descreve as práticas de Dominação Feminina sob a ótica de uma pessoa que ocupa o polo passivo das performances, o que consequentemente faz com que este trabalho vislumbre a perspectiva dos *dois lados do chicote*. Além disso, assim como as outras colaboradoras de pesquisa, ela preenche seu *blogspot* com numerosas informações e relatos sobre as práticas que vivencia com os seus *Donos*, configurando-se em um campo frutífero para coleta e análise de dados.

As mídias digitais foram escolhidas como campo de pesquisa considerando que essas interfaces são preponderantemente usufruídas por adeptas e apreciadores de BDSM desde o final dos anos 1990 (MACHADO, 2017). Vale ressaltar que, dentre Monarquia X, Domme Dita

¹³ Escolhi o nome fictício “Escrava Natural” porque ele se remete à forma como a informante concebe a si mesma, *uma mulher trans e escrava por essência*. A naturalização de posições e desejos no BDSM é frequentemente utilizada pelas praticantes e por adeptos de BDSM em geral. Nesses contextos, elas relatam que ser uma *submissa* ou uma *Domme* é algo *que está na essência e nasce com a pessoa*.

¹⁴ É importante mencionar que há muitas sessões de BDSM nas quais apenas a Escrava Natural e a sua *Dona* participam. Logo, várias de suas experiências se enquadram como Dominação Feminina, ainda que ela também possua um *Dono*.

¹⁵ Destaco que a palavra *mucama* e diversas outras enunciações e práticas do BDSM possuem referências escravistas, raciais, patriarcais e coloniais que são discutidas e problematizadas ao longo deste trabalho.

¹⁶ *Rainha R e Dom Ino* são nomes fictícios inseridos nesta pesquisa por conta de questões éticas já apresentadas.

e Escrava Natural, o único *blog* que pertence a plataforma *Blogger* da *Google* é o de Domme Dita. O *blogspot* de Madame X é construído no *Wordpress* e o da Escrava Natural no *Tumblr*¹⁷.

Ainda que não pertençam a *Google*, todas as plataformas mencionadas podem ser enquadradas na qualidade de *blogspots*, considerando que possuem funcionalidades similares às da empresa estadunidense ao passo que permitem publicações de textos e fotos e concedem possibilidades plurais de estilização do site através de temas e cores a serem selecionadas de acordo com as preferências de cada uma das proprietárias.

2.3. ITINERÁRIOS DE EXPLORAÇÃO: PLANO DE COLETA DE DADOS, TRABALHO DE CAMPO E ENTREVISTAS

Apesar de estar em contato com a literatura acadêmica que tem como temática o BDSM e/ou os contextos digitais desde agosto de 2019, esta pesquisa se iniciou concretamente e institucionalmente em dezembro de 2020 mediante a concessão de uma bolsa Iniciação Científica (IC) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo 2020/02924-9). Desta forma, ao longo dos cinco primeiros meses de atividades de pesquisa, isto é, de dezembro de 2020 até início de maio de 2021, realizei diversas tarefas, dentre elas: revisão bibliográfica da literatura utilizada para a construção do projeto de pesquisa; organização de um plano de coleta de dados; trabalho de campo; entrevistas com as informantes; análise preliminar dos materiais extraídos dos *blogspots* e dos encontros online com as *Dominadoras*.

Anteriormente ao ato de iniciar a coleta de dados, elaborei um documento textual no qual estabeleci alguns critérios para ordenar a minha extração de dados nos dias em que fosse realizar o trabalho de campo. A decisão de executar essa organização da recolha de dados processou-se tendo em vista as constatações de Uwe Flick (2013), pesquisador que reflete sobre a indispensabilidade de estruturarmos minuciosamente a forma como efetuamos a coleta e organização dos dados, sobretudo, nas pesquisas em contextos digitais. Nesse seguimento, descrevo a seguir como se deu essa organização da coleta de dados.

Apesar de as autoras dos *blogspots* eleitos não produzirem uma grande quantidade de publicações por mês, decidi coletar um contingente considerável de publicações, tendo em vista a necessidade de recolher o máximo de dados possíveis para a análise. Sendo assim, para o trabalho de campo, estabeleci duas semanas nas quais inseri como regra a coleta de cinco

¹⁷ Plataformas disponíveis respectivamente em: <www.blogger.com/>; <<https://wordpress.com/>> e <<https://www.tumblr.com/>>. Acesso em: 13 out. 2021.

publicações por dia em cada um dos três *blogspots* eleitos, abrindo exceções para coletar mais *posts* se mais de uma dessas cinco publicações se apresentassem dispensáveis para a recolha e análise. Os conteúdos descartáveis são os que se configuraram de maneira não tão relevante para os objetivos desta pesquisa¹⁸. Por exemplo, houveram dias em que três das cinco publicações necessitaram ser excluídas da coleta. Logo, foram sobrepostos mais três *posts* a serem coletados para suprir a quantidade dos outros três que foram dispensados.

Cada uma das publicações foi registrada em um documento em meu notebook pessoal. Nesse registro, procurei coletar as principais informações das publicações e fazer anotações sobre as primeiras impressões que experienciei através do campo. Alguns comentários dos leitores dos *blogs* foram julgados como relevantes para os objetivos da pesquisa, e assim, também foram explorados. A seguir, apresento um exemplo do modelo genérico e fictício que construí para registrar as informações recolhidas em cada um dos três *blogspots*.

Quadro 1 – Modelo genérico e fictício de coleta de dados

<p>Dia de coleta: 10/02/2021</p> <p>Post 1 – “A Dominação Feminina” (Data da publicação: 02/02/2021)</p> <p>Link da publicação: www.dominacaofeminina.com</p> <ul style="list-style-type: none"> • Principais informações coletadas: “Sou uma dominadora emponderada!”; “Estou treinando meus escravos!” “Este é o meu reino!”. • Primeiras impressões do campo: Observo que a Dominação Feminina se caracteriza por mulheres que delimitam regras específicas para suas relações, nomeando-se como emponderadas ao domesticar seus "escravos sexuais".
--

Fonte: Autoria própria (2021).

Ao final de todo dia de trabalho de campo, reli as minhas anotações e inseri as publicações de cada um dos *blogspots* em alguns eixos temáticos que foram feitos de acordo com os conteúdos principais de cada *post*. O seguimento deste procedimento me auxiliou na etapa posterior de análise preliminar dos dados, tendo em vista que foi mais simples localizar as publicações de acordo com os seus tópicos fundamentais. Esse mecanismo igualmente me amparou na averiguação dos objetivos da própria pesquisa, pois ao visualizar esses eixos ao final do período de coleta de dados, pude observar explicitamente os conteúdos e temas que mais se apresentaram em cada um dos três *blogspots*. O quadro a seguir representa tal percurso etnográfico.

¹⁸ À título de exemplo, Domme Dita e Escrava Natural comumente elaboram publicações sobre reflexões gerais sobre suas vidas ou mesmo acontecimentos diários que não possuem conexões com as práticas de Dominação Feminina. Desta maneira e considerando-se os objetivos que esta pesquisa visa alcançar, julguei esses materiais como dispensáveis para a coleta e análise.

Quadro 2 – Modelo genérico de categorização dos dados

* Efeito terapêutico do ato de escrever:	* Efeito terapêutico do ato de escrever:
- Rainha X:	- Domme Dita:
Post 1 coletado no dia 10 de julho de 2021.	Post 1 coletado no dia 10 de julho de 2021.
Post 2 coletado no dia 11 de maio de 2021.	Post 2 coletado no dia 11 de maio de 2021.
Post 3 coletado no dia 13 de maio de 2021.	Post 3 coletado no dia 13 de maio de 2021.
Post 4 coletado no dia 14 de maio de 2021.	Post 4 coletado no dia 14 de maio de 2021.
Post 5 coletado no dia 15 de maio de 2021.	Post 5 coletado no dia 15 de maio de 2021.

Fonte: Autoria própria (2021).

Seguindo o modelo de coleta de dados apresentado acima, foram coletadas 70 publicações no *blog* Monarquia X. O contato com a proprietária Madame X foi efetuado pelo *Messenger*¹⁹, mecanismo da empresa *Facebook* para diálogos de mensagens instantâneas. Para uma primeira comunicação, enviei um texto de apresentação para iniciar a conversa com a mesma, discorrendo brevemente sobre o que era a pesquisa e qual seria a importância da sua participação. Nesse excerto, ressaltéi as questões éticas que rondam este trabalho, advertindo que nenhum conteúdo digital criado por ela seria diretamente transcrito e divulgado em textos científicos que adviessem da pesquisa. Além disso, disponibilizei o meu Currículo Lattes, ponderando-o na qualidade de provocar um efeito de seriedade para a minha proposta²⁰. Amigavelmente, ela prontamente aceitou participar desta pesquisa fornecendo numerosas informações através de entrevistas semiestruturadas. Os nossos contatos se seguiram cordialmente por seis dias através da ferramenta mencionada e as entrevistas foram realizadas mediante mensagens de texto ou de voz.

No *blogspot* Domme Dita, coletei 75 publicações. O primeiro contato com ela aconteceu através do seu *e-mail* e depois passamos a conversar no *Hangouts*²¹, que é uma plataforma de mensagens instantâneas da *Google*. O convite para participar da pesquisa foi o mesmo que fiz à Madame X, ou seja, expus medidas éticas e forneci meu currículo na Plataforma Lattes. Cordialmente, Domme Dita aceitou o pedido e conversamos ao longo de seis dias por meio de entrevistas semiestruturadas no *Hangouts*.

No *blog* de Escrava Natural coletei 84 publicações. A nossa primeira comunicação se deu de modo similar à de Madame X, ou seja, através do *Messenger* e com a mesma

¹⁹ Disponível em: <<https://www.messenger.com/>>. Acesso em: 13 out. 2021.

²⁰ Creditei o meu currículo Lattes na qualidade de um fator legitimador para o convite de participar da pesquisa, tendo em vista que as minhas informantes tiveram acesso ao ensino superior. Logo, estimei que elas saberiam do que se trata a Plataforma Lattes e aceitariam participar da pesquisa, pois visualizariam que se tratava de uma proposta real e não um assédio ou qualquer outro fenômeno do gênero.

²¹ Disponível em: <<https://hangouts.google.com/>>. Acesso em: 13 out. 2021.

apresentação que enviei para as outras duas informantes. Gentilmente, ela concordou em me auxiliar com a pesquisa e mantivemos contato durante dois dias por meio de mensagens de texto. Para além de uma exploração sobre as narrativas presentes nas publicações dos *blogspots*, as entrevistas me auxiliaram a alcançar os objetivos que circundam esta pesquisa, pois os diálogos com as informantes me ampararam fortemente para analisar precisamente os dados encontrados nos contextos digitais²².

Ao decorrer de um segundo período de exploração etnográfica que se deu da segunda metade de maio de 2021 até novembro de 2021 reli trabalhos atravessados pelas tônicas do BDSM, pelas temáticas de gênero e sexualidade e pelas pesquisas em contextos digitais que envolvem estudos tanto teóricos quanto empíricos. Essa tarefa foi realizada considerando a indispensabilidade do que Flick (2013) nomeia como “leitura e revisão da literatura”, ofício eminente que auxilia o pesquisador a conectar os dados do campo e da amostra da sua pesquisa com referenciais teóricos e metodológicos mais abrangentes e com trabalhos empíricos similares ao da sua exploração. Tendo em vista o registro de fichamento desses textos em meu notebook pessoal, a releitura dessas produções foi feita exitosamente e sem delongas.

A atribuição de outros textos para o quadro investigativo desta pesquisa foi alcançada pelo intermédio de indicações do meu orientador, sugestões em eventos acadêmicos, recomendações de pesquisadoras e pesquisadores de dois grupos de pesquisa os quais participo²³ e leituras efetuadas ao longo da disciplina “Tópicos Especiais em Antropologia II Antropologia digital: teoria, métodos e ética”, ministrada pela Profa. Dra. Carolina Parreiras na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e do curso de curta duração “Metodologias, políticas, técnicas e contenciosos do digital: uma introdução” oferecido pela mesma pesquisadora e promovido pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Além disso, efetuei levantamentos bibliográficos em plataformas de buscas por textos acadêmicos, como o *Google Scholar*, *SciELO Brazil*, *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*. Tais sondagens bibliográficas auferiram novas produções para o corpo analítico desta pesquisa.

²² As indagações realizadas ao longo das entrevistas com todas as colaboradoras de pesquisa giraram no entorno de aprofundar minhas ponderações sobre as temáticas apresentadas nos seus *blogspots*. Destaco que procurei seguir uma estruturação de perguntas anteriormente elaboradas durante todas as entrevistas. De qualquer forma, algumas indagações tiveram que ser adaptadas de acordo com as respostas e interações travadas durante os meus diálogos com as participantes da pesquisa.

²³ Os grupos são: SEXENT - Grupo de Pesquisa em Sexualidade e Entretenimento (UFSCar), coordenado pelo Prof. Dr. Jorge Leite Júnior e Grupo de Pesquisa em Sociologia Digital (FURG), coordenado pela Profa. Dra. Lara Roberta Rodrigues Facioli e pelo Prof. Dr. Felipe André Padilha.

Subsequentemente, realizei o ofício de trabalho de campo nos *blogs* selecionados durante 7 dias, nos quais inseri como regra a coleta de 5 publicações por dia em cada um dos *blogspots* eleitos para a exploração de modo exato ao efetuado nos primeiros cinco meses de pesquisa. Essa incumbência foi sistematizada através do mesmo documento padrão para o registro de informações expresso no Quadro 1. Nesse contexto, anotei as principais informações dos conteúdos digitais construídos pelas *Dominadoras*, assim como efetuei notas sobre as primeiras impressões que experienciei em campo. Além disso, alguns comentários feitos por leitores dos *blogs* nas publicações foram igualmente coletados.

Cada uma das publicações foi novamente classificada em categorias singulares de acordo com suas temáticas centrais para facilitar o posterior acesso aos conteúdos caros à análise etnográfica, assim como expus no Quadro 2. Essa estratégia foi aplicada mais uma vez ponderando-se sobre a necessidade de visualizar as narrativas que mais se repetiam no campo digital, ou seja, quais fenômenos as mulheres mais textualizavam em seus *blogs*.

Após a realização deste período de 7 dias de trabalho de campo e da leitura dos novos dados coletados, foi possível detectar a presença de uma eloquente saturação qualitativa que se caracterizou por uma repetição discursiva de materiais que já tinham sido coletados ao decorrer de dezembro de 2020 à maio de 2021. Nessa conjuntura, constatei que apesar de as *Dominadoras* não estarem realizando cópias de publicações antigas, ou seja, republicações de *posts* longevos, os elementos presentes em dados coletados anteriormente estavam se reprisando nas novas informações recolhidas dos *blogspots*, provocando conseqüentemente uma dispensabilidade de executar mais dias de trabalho de campo nos contextos digitais selecionados. Nesse seguimento, retornei às anotações referentes aos primeiros 5 meses de pesquisa, momentos em que consultei e reli cerca de 70 publicações.

Seguindo o percurso de exploração etnográfica do segundo período de pesquisa, conduzi 3 entrevistas com a informante Domme Dita através do mecanismo de bate-papo online *Hangouts* da empresa *Google*. Nossos diálogos nem sempre ocorreram de modo síncrono, considerando que algumas vezes a informante solicitou que eu enviasse as perguntas da entrevista no *chat* para que ela pudesse responder em um momento posterior. Tendo em vista a releitura dos dados referentes às entrevistas realizadas no outro período desta pesquisa com as informantes Escrava Natural e Madame X, julguei não tão relevante entrar em contato com as mesmas para novas entrevistas, pois as informações geradas em nossos diálogos em outros momentos foram suficientes para elaborar a exploração etnográfica.

Em uma etapa final, todos os dados coletados expressos em relatos e imagens sobre experiências de Dominação Feminina dos *blogspots* selecionados e os materiais recolhidos

durante entrevistas online foram analisados mediante o arcabouço teórico-metodológico que esta pesquisa se baseia.

3. COMO ASSIM NUNCA PODE DIZER “NÃO”? O BDSM DE VERDADE, AS ORIENTAÇÕES COMUNITÁRIAS E A DOMINAÇÃO FEMININA

Substancialmente, “BDSM” significa: *Bondage* (restrição dos sentidos e movimentos) e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo. Essas palavras que compõem a sigla representam práticas eróticas e fetichistas que se plasmam em jogos de poder consensuais compostos por duas ou mais pessoas. No interior do BDSM, a Dominação Feminina se insere enquanto uma categoria de tipos específicos de práticas fetichistas do universo BDSM que são geridas por mulheres cis ou trans que assumem papéis ativos de dominação erótica de uma ou mais pessoas que aceitaram consensualmente estar sobre o seu poder ao decorrer de experiências de *Dominação e submissão*.

Na narrativa de Domme Dita, a Dominação Feminina *é o fato de ser uma mulher dominando, independente do seu gênero, pois na Fem-Dom, a mulher pode dominar tanto homem quanto mulher, ou travesti, gay, trans, etc.* Desse modo, observa-se que essa categoria do BDSM não se define por meio de uma conjuntura fetichista composta por uma mulher efetuando intentos de dominação erótica sobre um homem, uma vez que a Dominação Feminina pode ocorrer entre uma mulher cis e uma mulher trans, como é o caso da Escrava Natural.

As práticas de BDSM não são experiências de violação sexual ou ocorrências criminais, tendo em vista que os adeptos a esse estilo de vida acordam consensualmente em participar de relações ou práticas de *Dominação e submissão*, isto é, a comunidade BDSM²⁴ espera que nenhum indivíduo seja coercitivamente obrigado a realizar sessões eróticas ou práticas fetichistas sem sua vontade e consentimento (FACCHINI, 2008; ZILLI, 2018).

De acordo com Bruno Zilli (2018), via de regra, os adeptos do BDSM se norteiam por orientações comunitárias fundamentadas em dois pilares de segurança para suas práticas: o dispositivo *Safeword* e o lema São Seguro e Consensual (SSC). Esses controles comunitários

²⁴ A locução “comunidade BDSM” é utilizada nesta pesquisa levando em conta a forma como as participantes desta pesquisa e os apreciadores de BDSM enunciam para se referirem à grupos de praticantes em geral, caracterizando-se, portanto, em um termo êmico. Vale ressaltar que nesse contexto, o significante “comunidade” se caracteriza por uma orientação comunitária de sujeitos que se fortalecem e se legitimam ao trocar conhecimentos, administrar riscos implicados nas práticas e ao desassociar-se de doenças e do crime (ZILLI, 2018). Sendo assim, para os praticantes de BDSM, o termo não possui necessariamente conexões significativas com questões identitárias, e sim, se designa majoritariamente por uma expressão que descreve um aglomerado de sujeitos que se identificam com práticas não convencionais de prazer e que exercem empreendimentos coletivos de auxílios expressos em cuidado e informação.

são creditados na qualidade de mecanismos que distinguem suas experiências eróticas em relação ao crime e à doença. Além disso, esses elementos funcionam como aparatos estratégicos de cuidado coletivo entre os praticantes para a realização de suas práticas, refletindo-se sobre a necessidade de uma cautela com a integridade física e psicológica dos adeptos (GREGORI, 2014; MACHADO, 2017; ZILLI, 2018).

A *Safeword* é um dispositivo que se caracteriza por meio de uma palavra-chave ou um gesto corporal que pode ser efetuado pelo *escravo* e que indicará a necessidade imediata de paralisar uma prática de BDSM. Esses gestos ou verbalizações de palavras manuseados pelos *escravos* remetem a uma indispensabilidade de anular determinadas atividades presentes em cenários de *Dominação* e *submissão* nos momentos em que essas performances eróticas estiverem ultrapassando seus limites psicológicos e físicos²⁵ (FACCHINI, 2008; ZILLI, 2018).

Aplicado enquanto uma ferramenta de proteção dos adeptos ao BDSM em relação a si mesmos e inserido na qualidade de uma estratégia de legitimação contra os discursos que os preterem, os praticantes de BDSM estabelecem a SSC indicando que para vivenciar as experiências de *Dominação* e *submissão*, os apreciadores desse universo devem impreterivelmente se orientar por três aspectos indissociáveis: a sanidade psicológica, ou seja, para praticar BDSM é necessário que o indivíduo esteja em sã consciência de si mesmo; a segurança, isto é, deve-se empregar muita cautela em relação ao corpo e a mente das duas partes do vínculo fetichista durante as experiências eróticas e o último fator que se expressa na indispensabilidade de essas relações serem consensuais (ZILLI, 2018).

Para a comunidade BDSM, a última característica do SSC remete a ideia de que para viver práticas ou relações nesse meio é indispensável consentir e acordar mutuamente sobre as práticas eróticas que podem se desenrolar durante sessões de *Dominação* e *submissão*. Isso indica que todas as experiências fetichistas apresentadas a seguir se referem a contextos consensualmente estabelecidos entre os *dois lados do chicote*, distanciando-se, portanto, de vivências de escravidão real, de violação sexual ou de crime, uma vez que essas práticas fazem parte da esfera dos desejos e de fantasias sexuais dessas pessoas e são engendradas sobre a égide de uma séria consensualidade firmada entre as duas partes do elo erótico.

²⁵ Dependendo do grau de confiança entre dois praticantes de BDSM, a *Safeword* pode ser abandonada, considerando-se que ao conhecer muito determinada pessoa e praticar a muito tempo com ela, já se conhece seus gostos e limites. Por esse ângulo, a utilização da *Safeword* não é consenso integral no campo desta pesquisa e nem na comunidade BDSM. Escrava Natural menciona que: *eu não gosto muito de usar as palavras de segurança, pois se eu possuo o poder de paralisar minha Dona quando eu quiser, quem está mandando, detém o poder e domina sou eu, e não ela*. Refletindo-se sobre essa frase, pondero que se a *escrava* possuir o poder de anular determinada ação em uma sessão, ela perde o seu prazer erótico pela *submissão*, pois nesse caso, seria ela a pessoa que estaria no controle da prática e relação.

De qualquer modo, o SSC e suas considerações não são consenso na comunidade BDSM. Isso fica claro quando ponderamos sobre a expressão “*BDSM de verdade*”, que indica que a comunidade e os seus praticantes disputam significados e legitimidades no interior dos próprios campos que transitam. Por exemplo, Madame X menciona:

*BDSM sem limites? ... Que loucura é essa? Nunca pode dizer o “não”? De onde essas pessoas estão tirando uma ideia maluca desse tipo? Daí, eu digo que isso é errado e me falam “tem pessoas que são sem limites mesmo, fazer o que?”. Ué, tem pessoas que são idiotas e daí? Isso não é questionável, pensando-se em sanidade? ... Onde estão e como vivem os homens que não dizem “No!”?*²⁶ (Publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

Tal afirmação mostra que a comunidade BDSM é heterogênea e o consenso acerca de alguns princípios nem sempre se estabelece. Isso produz várias divergências e debates entre as pessoas que segundo o campo da pesquisa praticam o *BDSM de verdade* e as *pessoas que não sabem jogar*.

O lema SSC igualmente é coadunado com a necessidade de existir um diálogo constante entre os *dois lados do chicote*. Madame X e Domme Dita discorrem expressivamente sobre esse tópico durante várias publicações em seus *blogspots*, mencionando que antes e depois das práticas de Dominação Feminina é necessário que haja diversos diálogos entre a *Dominadora* e o *escravo*, momentos nos quais deve existir uma abertura para o *escravo* expor seus limites para práticas e apresentar suas sensações e dificuldades oriundas das experiências da *Fem-Dom*.

Isso quer dizer que para além da consensualidade que essas pessoas levam à sério, frequentemente é invocado a primordialidade do diálogo, do respeito e da sinceridade entre *Dominadoras* e *escravos*, pois segundo Madame X: *é isso que é BDSM de verdade e é isso que fortifica uma relação duradoura no BDSM, qualquer pessoa que esteja fora do SSC não está praticando BDSM*.

Desta maneira, quaisquer situações de *Dominação* e *submissão* auto intituladas enquanto referentes ao BDSM que se apresentarem apartadas desses parâmetros e controles comunitários podem ser consideradas por alguns praticantes como experiências não autênticas e não pertencentes ao *universo BDSM de verdade* (FACCHINI, MACHADO, 2013).

²⁶ Esse trecho e todos os outros apresentados nesta pesquisa foram transcritos e alterados considerando questões éticas anteriormente expostas. Procurei manter o significado e a coerência original dos textos, ainda que tenham sido modificados.

3.1. ENTRE A NORMALIDADE E A TRANSGRESSÃO: DESNUNDANDO AS PRÁTICAS DE DOMINAÇÃO FEMININA

De modo geral, a comunidade BDSM é composta nacionalmente e internacionalmente por uma multiplicidade de práticas eróticas que se configuram por meio de jogos de poder consensuais, nos quais comumente se enquadram pessoas em arranjos permeados por duas extremidades elementares para o engendramento das práticas e das *Relações D/s*: o polo ativo e o polo passivo. O primeiro se estabelece em um cargo de dominância física e psicológica sobre segundo, que por sua vez se insere em uma zona de submissão e devoção perante aquele que o comanda (LEITE JÚNIOR, 2000; SILVA, 2018).

Apesar dessa constatação, é importante mencionar a existência de praticantes de BDSM que se denominam como *switchers*. Essas pessoas apreciam os *dois lados do chicote*, podendo comportar-se tanto como *Dominadoras*, quanto como *submissas*. Essa ocorrência depende do contexto de BDSM anteriormente negociado e acordado e das pessoas com as quais as/os *switchers* se relacionam. Por vezes, tais indivíduos não são universalmente aceitos e legitimados pela comunidade, que comumente, força a prevalência de normatividades, concepções binárias e posições de BDSM rigidamente hierárquicas.

No campo dessa pesquisa, não encontrei menções que preterem esse tipo de praticante. Inclusive, Madame X relatou sobre uma vez que permitiu que seu *escravo* dominasse outra pessoa. Porém, mesmo nos momentos em que ocorre a possibilidade de o *escravo* estar em uma posição aparentemente de dominância perante outra pessoa, essa experiência sempre estará permeada e ambientada por algum pano de fundo de Dominação Feminina. De acordo com a colaboradora da pesquisa:

[...] se a Dona quiser ela pode mandar o seu escravo penetrá-la, pois o que é importante são as regras do seu Reino. Aí, é legal fazer isso com ele todo amarrado ou com o ânus preenchido por algum gancho anal ou dildo.
(Publicação coletada e transcrita em fevereiro de 2021).

No interior do universo BDSM há a presença de um conglomerado denso de categorias que são compostas por pessoas que se identificam com práticas específicas. Dentre esse grande contingente de categorias existe a Dominação Masculina, que é composta por um homem que encarna a posição ativa e de dominância em contextos de BDSM. Igualmente, existem as

práticas de *Petplay* que é quando o polo passivo da relação ou prática encarna um animal, como um cão ou um cavalo durante as performances eróticas²⁷.

O campo dessa pesquisa estabelece um foco em uma dessas categorias que é nomeada nacionalmente como Dominação Feminina. A fração de adeptas desse gênero do BDSM é configurada por mulheres que assumem papéis de liderança em contextos fetichistas e consensuais de dominação corpórea e mental, munindo-se, por exemplo, de múltiplas técnicas e acessórios eróticos para provocar restrições e dores corporais em homens ou mulheres que estão sobre o seu poder e igualmente dispondo-se de estratégias de gestão sobre o psicológico das pessoas que ocupam o polo passivo da prática e relação (FACCHINI, 2008; SILVA, 2015; SILVA, 2018).

Nos contextos de Dominação Feminina observados é imprescindível a utilização de vários brinquedos e objetos eróticos que auxiliam na produção das práticas, como *dildos*, chicotes, mordanças, cintos de castidade, ganchos e *plugs* anais, *paddles* e etc. Além disso, a presença de roupas específicas ou a ausência delas igualmente podem ser importantes para a consumação das experiências de *Dominação e submissão*. Toda essa parafernália não é somente relevante para a construção e viabilização das práticas em si, mas igualmente para ilustrar a posição e a persona que as praticantes representam nos jogos de poder (FACCHINI, 2008; LEITE JÚNIOR, 2000).

Através do trabalho de campo e das entrevistas com as informantes que auxiliam esta pesquisa, foi possível observar que as práticas de Dominação Feminina podem acontecer em contextos variados, abstendo-se de ser exclusiva, por exemplo, em sessões pontuais em locais de entretenimento noturno voltados para apreciadoras de BDSM (FACCHINI, 2008; MELO, 2010) ou em contratação e negociação de serviços de *Dominadoras* profissionais²⁸ (MCCLINTOCK, 1993). Mediante o intercuro no campo da pesquisa, visualizou-se que as práticas de *Fem-Dom* podem se circunscrever na rotina diária ou semanal das praticantes em configurações intituladas como *Relacionamentos D/s de 24/7* e deixando conseqüentemente de se caracterizar somente em encontros e sessões esporádicas, ainda que estes também sejam presentes. De qualquer forma, o campo desta pesquisa indicou que a Dominação Feminina está

²⁷ Em pesquisas exploratórias em outros *blogs* de BDSM, observei que existem intermináveis categorias de práticas de BDSM, sendo inviável apresentar todas neste trabalho.

²⁸ Madame X realiza sessões pagas de Dominação Feminina. No BDSM, as *Dominadoras* profissionais são nomeadas como *Dominatrix*. Essas pessoas cobram por serviços de *Dominação* realizando sessões fetichistas mediante pagamento prévio. Através de pesquisas exploratórias, visualizei que esse contexto singular de Dominação Feminina é o mais apresentado pela grande mídia. Inclusive, algumas *Dominadoras* mais famosas e conhecidas pela comunidade BDSM já ofertaram entrevistas em programas da televisão brasileira. De qualquer forma, é importante sinalizar que nem toda *Dominadora* é uma *Dominatrix*.

para além de encontros em casas noturnas de BDSM e muito além de uma *Fem-Dom* representada pelas mídias televisivas e pornográficas²⁹.

As análises sobre os dados coletados durante a pesquisa me fizeram vislumbrar que as práticas de Dominação Feminina podem se configurar de forma complexamente heterogênea. Nesse sentido, o campo desta pesquisa explicita que essas experiências eróticas podem se assentar em múltiplas técnicas de *Dominação* e *submissão* dependendo do vínculo entre os dois apreciadores, o que faz com que as práticas de Dominação Feminina se circunscrevam em um denso repertório criativo de artimanhas e táticas para subjugar aqueles que desejam ser os *escravos* das *Dominadoras* e extrair o prazer nos cenários de *Dominação*.

A criatividade em criar e gerir práticas de Dominação Feminina vão desde os próprios atos de *Dominação* e *submissão* até os cenários em que se realizam os fetiches. Apesar de ser importante a organização de um espaço físico específico para a realização das práticas de *Fem-Dom*, elas podem ocorrer em vários ambientes adaptados e improvisados pelas *Dominadoras*, desde que privados, como quartos de hotéis ou residências próprias. Domme Dita evidencia isso através de algumas publicações nas quais conta que foi necessário adaptar alguns ambientes para as sessões de *Dominação*.

Como relatado anteriormente, a Dominação Feminina é composta por numerosas práticas de *Dominação* e *submissão* a depender do contexto acordado entre as duas partes do vínculo fetichista e dos desejos e fantasias das *Dominadoras*. De qualquer maneira, o campo apresentou algumas práticas mais comuns que apresento a seguir.

A *Cock Ball Torture* (*CBT*) se caracteriza pela utilização de diversos apetrechos para a restrição e tortura genital de pênis e testículos. Nesses contextos, utilizam-se pequenas cordas para amarrar o pênis e os testículos, o que provoca inchaço nesses membros apesar de não impossibilitar a ereção. Essas torturas podem ser acompanhadas pelo *spanking genital*, prática pela qual se mobiliza alguns objetos especializados como chibatas ou *paddles* para bater ou espancar os testículos e pênis do *submisso*. Conjuntamente aos contextos de *CBT* também pode ocorrer a prática de *Wax-Play*, que se configura mediante o manuseio de velas especializadas que são acendidas para derramar a cera sobre os pênis ou testículos dos *escravos*. Além disso, podem haver práticas de *Ballbusting*, atividade que consiste em chutes nos testículos de homens.

²⁹ Em uma publicação no seu *blog*, Madame X relata que alguns filmes apresentam a Dominação Feminina de maneira superficial, como se dominar um *escravo* fosse algo que acontecesse de maneira instantânea e efêmera. Tal observação aponta novamente para uma disputa de legitimidade entre o que seria o *BDSM de verdade* e o *BDSM ilegítimo*.

As imagens do *blog* de Madame X apresentadas a seguir, representam práticas de *CBT* coadunadas com as de *wax-play* e com as de *spanking genital*³⁰:

Figura 1 – *Cock Ball Torture, wax-play e spanking genital*



Fonte: *Blogspot* Monarquia X (2018).

Figura 2 – *Cock Ball Torture e wax-play*



Fonte: *Blogspot* Monarquia X (2018).

Sendo assim, visualiza-se que as práticas de Dominação Feminina não necessariamente ocorrem exclusivamente sozinhas, ou seja, a *CBT* pode acontecer ao mesmo tempo em que outras técnicas e fetiches estão se desenrolando. Por exemplo, em algumas publicações verifica-se que a prática de *Cock Ball Torture* ocorreu coadunada a penetrações anais no *escravo* através de brinquedos eróticos como ganchos anais e se deu mediante a utilização de apetrechos como cordas para a imobilização de outras partes do corpo, como braços, mãos, pernas e pés.

³⁰ Destaco que a informante concedeu a utilização das fotos do seu *blog* para esta pesquisa. Como estratégia e critério ético, realizei algumas edições gráficas sobre as fotos, visando preservar o anonimato de Madame X, pois as imagens originais retiradas do seu *blogspot* podem ser inseridas em mecanismos de buscas online, como o da empresa *Google* e acessadas conseqüentemente por pessoas má intencionadas. Logo, a edição das fotos auxilia a manter o sigilo sobre a colaboradora desta pesquisa. Ressalto ainda que as fotos editadas foram mostradas para a interlocutora de pesquisa, a qual aprovou a utilização.

As práticas de *CBT* se apresentaram expressivamente presentes nas performances de Domme Dita, a qual frequentemente possui o hábito de imobilizar os pênis e os testículos dos seus *escravos*. Em uma das publicações coletadas, são disponibilizadas algumas imagens da genitália da *peça* permeadas por correntes de ferro e cadeados fazendo peso sobre os membros. Em outros *posts*, foi possível detectar a presença de prendedores de roupa presos por todo o pênis e testículos do *submisso*.

O *Spanking* consiste em espancar o corpo do *submisso* e é realizado mediante alguns acessórios eróticos especializados que podem ser comprados em *sex-shops* ou mesmo confeccionados pelas próprias *Dominadoras*. Esses instrumentos são utilizados para bater em partes do corpo do *brinquedo*, como nas nádegas e outras. Como mencionado anteriormente, vale ressaltar que nos contextos de Dominação Feminina o *Spanking Genital* pode fazer parte das performances. Ademais, durante essa prática, os *escravos* podem estar imobilizados pelas mãos e pernas. Segundo Domme Dita, essa prática é feita com mais segurança quando o *escravo* está amarrado, pois assim, evita-se que ele se mova com a dor provocada pelo espancamento e gera-se uma impossibilidade de os apetrechos do *Spanking* atingir partes inadequadas do corpo.

O cuidado da *Dominadora* com o corpo e a mente do *submisso* se expande para todas as práticas de Dominação Feminina. Por exemplo, para realizar o *Spanking*, existem diversos estudos que devem ser anteriormente feitos para a consumação da prática, tendo em vista os perigos de atingir brutalmente partes sensíveis do corpo e colocar em risco a integridade física do *escravo*. Toda essa cautela com a plenitude psicológica e física dos *escravos* se expande para os momentos posteriores às práticas, contexto que o campo nomeia de *Aftercare*. Isso quer dizer que o polo ativo da *Dominação* deve manter extremo cuidado e atenção sobre a condição psicológica e física do polo passivo durante e após as práticas eróticas, procurando evitar danos de diversos tipos.

Em *Escrava Natural* e Domme Dita, o *Spanking* se manifesta expressivamente e comumente misturado com outras técnicas de *Dominação*. Em algumas imagens em publicações dos dois *blogs*, elas ilustram os efeitos causados pela prática em algumas partes do corpo. Nessas fotos, é possível verificar que dependendo da intensidade, ou seja, força empreendida pela *Dominadora* para espancar o corpo, a pele fica com uma grande vermelhidão e às vezes aparecem pequenas gotículas de sangue. As marcas oriundas do espancamento são habitualmente esperadas, isto é, as praticantes almejam que ao final da prática, o corpo fique quase que em carne viva. Além disso, os vestígios e as cicatrizes advindas do *Spanking* são

veneradas e operam na qualidade de um sinal de que as práticas foram satisfatórias e bem realizadas³¹.

Como relatado antes, as práticas de Dominação Feminina apresentadas pelo campo desta pesquisa são demasiadamente heterogêneas, apresentando-se de modo plural e de acordo com a criatividade e desejos das *Dominadoras*³². Desse modo, é interessante notar que as práticas da *Fem-Dom* podem não se encerrar em si nos cenários e ambientes destinados para as performances, podendo se estender para além da co-presença física do *escravo* e da sua *Dona*. Em uma publicação, Domme Dita narra que após algumas práticas de Dominação Feminina, ela ordenou seu *brinquedo* a ir embora do local sem retirar as pequenas cordas que ela amarrou em seu pênis, fazendo com que a prática continuasse para além da presença de ambos em algum espaço físico.

As práticas de Dominação Feminina requerem um porte e deferência específicos do corpo do *submisso*. Isso quer dizer que a pessoa que está subjugada às vontades da *Dominadora* deve se munir de gestos corporais específicos que indiquem submissão, devoção e obediência. Por exemplo e em geral, é evocado que os *escravos* sempre estejam cabisbaixos e evitem olhar para suas *Donas*. Além disso, existem alguns tratamentos verbais que os *submissos* devem utilizar para se referirem às suas *Dominadoras*, como *Senhora*, *Rainha*, dentre outros. Mediante qualquer erro de conduta dos *escravos* durante as práticas ou desvios na performance do porte de gestos corporais de *submissão*, eles podem ser fortemente punidos por suas *Dominadoras*, que nessas ocasiões poderão administrar diversos castigos para os *escravos* aprenderem a servi-la *cada vez mais e melhor*.

Em *Madame X*, a *Feminização “Forçada”* é uma das práticas de Dominação Feminina mais presentes. Nessa conjuntura, a *Dominadora* busca subverter os elementos de masculinidade dos seus *escravos* mediante a aplicação de diversos processos de feminização em seus corpos pelo intermédio de adereços interpretados como femininos, como vestimentas ou maquiagens³³. Os atos de feminizações podem ocorrer conjuntamente à xingamentos que procuram inferiorizar o homem, rebaixando seus caracteres de masculinidade.

³¹ Interessante observar que *Escrava Natural* diz que as marcas provenientes do *Spanking* funcionam como uma maneira de ter e sentir seus *Donos* por perto.

³² Refleti sobre a hipótese de as práticas serem criativas e arranjadas de acordo com os contextos e desejos de *Dominação*, o que se confirmou em alguma das indagações executadas durante as entrevistas. De qualquer maneira, essa criatividade é limitada pelos acordos consensualmente efetuados anteriormente entre as *Dominadoras* e os *escravos*.

³³ O tópico 3.2. deste trabalho é destinado para descrever e analisar minuciosamente as práticas de *Feminização “Forçada”*.

É importante destacar que esses intentos de humilhação não são ações exclusivas da *Feminização “Forçada”* e podem aparecer em outros contextos de Dominação Feminina como estratégias de desumanização, animalização ou descaracterização da masculinidade. Além disso, as enunciações inseridas na qualidade de xingamentos que buscam inferiorizar e humilhar o *escravo* também podem ser refletidas enquanto assentadas sobre algumas percepções oriundas de tabus sociais, pois podemos nos indagar sobre o porquê dessas humilhações envolverem insultos como *puta, mulherzinha, cadelinha, menininha*, dentre outros³⁴.

Nos contextos de *Feminização “Forçada”*, a utilização de roupas compreendidas socialmente como femininas é fundamental para a constituição das práticas e para a fabricação do corpo do homem feminizado. Ademais, há ocorrências de modificações corporais em alguns casos, como depilações para a construção do corpo (des)masculinizado. De qualquer forma, as vestimentas socialmente decodificadas como femininas não são regras para homens em todas as performances de Dominação Feminina. A feminização em um homem através de diversos apetrechos é um comportamento mais presente nos casos de *Feminização “Forçada”*. Inclusive, em outros tipos de práticas, a ausência de roupa no *escravo* aparece como algo central. Para Domme Dita, a nudez da *peça* é bastante prazerosa, tendo em vista a humilhação que o *brinquedo* passa por estar sem vestimentas e de frente a outra pessoa totalmente vestida.

A servidão doméstica e financeira são práticas presentes na vida de Escrava Natural. A primeira se refere à contextos nos quais a *escrava* passa a funcionar como uma faxineira de sua *Dona*, efetuando afazeres domésticos como limpeza da residência da *Rainha* e preparação de alimentos. Toda essa conjuntura pode ser acompanhada por muita humilhação, momentos nos quais a *escrava* pode passar a se alimentar no chão com restos de comida dos pratos dos seus *Donos*.

Nas ocorrências de servidão financeira, o *escravo* passa a bancar monetariamente todos os desejos materiais de uma *Dominadora*, passando a comprar objetos ou alimentos que elas quiserem. A Escrava Natural conta em uma publicação de seu *blog* que a sua *Dona* a ordenou a ir em uma loja de um *shopping center* comprar roupas e calçados para ela. Nesse contexto, as vendedoras da loja sabiam que ela era uma *escrava* porque sua *Dona* deixou bem explícito a relação que elas possuíam. O fato de deixar evidente para as funcionárias da loja que a Escrava Natural se tratava de uma serva financeira se configura pelo o que as praticantes nomeiam de humilhação pública.

³⁴ Os xingamentos são baseados em vocábulos que buscam desfalar os caracteres de masculinidade no caso de *escravos* ou de moral pessoal no caso de *escravas*.

O ato de humilhar uma *escrava* ou um *escravo* em público pode estar presente em algumas ocasiões de Dominação Feminina. Em outra publicação, a Escrava Natural comenta que como castigo por não efetuar o *curtsey* corretamente (reverência à *Dona*), sua *Rainha* a estapeou várias vezes em público num *shopping center*.

Em algumas narrativas presentes nos *blogspots* de Domme Dita e Madame X, o sexo oral aparece como viável durante as práticas de Dominação Feminina. Nessa ocorrência, o *escravo* é inserido em um cenário de *Dominação e submissão* ao passo que é objetificado e interpretado como um apetrecho erótico para elas obterem prazer, isto é, nesses contextos *os submissos funcionam como um simples vibrador*. Ademais, as informantes desta pesquisa alertam: *se uma Domme quiser, ela pode ser fodida pelo seu escravo, tudo isso vai depender da sua vontade, afinal, quem manda é você e o que vale é as regras do seu Reino*. Isso não quer dizer que essa ocorrência de penetração não seja caracterizada por um cenário de *Dominação e submissão*. Nessas circunstâncias, apesar de ter a permissão de penetrar sua *Dona*, o *escravo* pode estar imobilizado por cordas, algemas, ou mesmo com o ânus penetrado por *sex-toys*.

De qualquer modo, esses episódios não são universalmente aceitos e bem vistos pela comunidade BDSM ou por algumas *Dominadoras*, entretanto elas mencionam que *o que vale é as regras e as vontades do Reino, ainda que uma parcela da comunidade BDSM repreenda Dominadoras que almejem ser fodidas e chupadas pelos seus escravos*.

Mediante as entrevistas e igualmente por intermédio dos dados coletados e analisados, pude verificar algumas singularidades sobre os prazeres eróticos de cada um dos *lados do chicote*. Domme Dita e Madame X demonstram que o tesão erótico da Dominação Feminina está assentado na subjugação do *escravo* e na sua entrega integral para a sua *Dona*. Tal realidade indica que a excitação advém do fato de possuir homens submissos, obedientes e devotos aos seus ensejos. Nesse cenário, os componentes físicos desses sujeitos não são relevantes para o despertar do prazer. A atração se dá mais pelo nível e capacidade de entrega dos *escravos* e menos pelos seus caracteres corporais³⁵.

No caso das pessoas que são *escravas* nas relações e práticas de Dominação Feminina, o prazer está assentado no ato de servir e proporcionar os desejos das *Dominadoras*. Segundo Escrava Natural: *a minha felicidade e o meu prazer são os dos meus Donos*. Isso quer dizer que as *peças* auferem seus prazeres ao passo que destinam integralmente seus corpos para os desejos

³⁵ As minhas informantes mencionam que a estética física pode, em algum grau, se configurar enquanto algo importante para o prazer. Mas o fator mais preponderante para a obtenção do prazer de *Dominação* está fundamentado no nível de entrega do *escravo*. Geralmente, esse contexto é uma marca usual dos praticantes de BDSM, como mostra Jorge Leite Júnior (2000) e Regina Facchini (2008).

fetichistas de uma *Dominadora*. Nesses contextos, os modos de condução desse prazer e as noções de carinho e afeto são por vezes ressignificadas, como menciona Escrava Natural ao dizer que *as lágrimas são o orgasmo de uma escrava* e ao contar que a carícia permitida para expressar afeto a sua Dona é *lamber suas botas e beijar seus pés*. Sendo assim, verifica-se que o prazer é recíproco e consensualmente construído, tendo em vista que ambas partes do vínculo absorvem alguma sensação satisfatória dos contextos de *Dominação e submissão*.

No caso de *brinquedos* que são homens, a *graça dos jogos de poder* está em (des)masculinizar ou desumanizar o *escravo* rebaixando todos os seus caracteres de masculinidade viril e dominante ou dizimando componentes considerados socialmente como morais e éticos mediante diversas estratégias, como: xingamentos e humilhações, inutilização e inferiorização do pênis, fazendo o *escravo* chegar ao orgasmo somente com a permissão da *Dona* ou através do seu ânus penetrado por objetos, dedos ou mãos.

Essas operações fetichizadas também podem ser atribuídas para o *treinamento do escravo*, pois para tornar-se um *escravo e ter uma relação verdadeira no BDSM é necessário tempo, dedicação mútua da Dominadora e do submisso e muita paciência. Além disso, ser um escravo casto e obediente é algo que deve começar por dentro do brinquedo, na sua cabeça*. Como Domme Dita me informa, *é preciso dar um tempo para o escravo ruminar sobre tudo o que aconteceu com ele durante a prática, eu tenho que ser sua mãe, médico, psicólogo, padre e etc.*

Isso nos faz vislumbrar que as práticas de Dominação Feminina e as relações que as *Dominadoras* estabelecem com suas *peças* não são engendradas sobre processos efêmeros, pois necessitam de um dispêndio mútuo e demasiadamente árduo para acontecerem. Os *treinamentos* também são chamados de *castigos* e são imprescindíveis para a fabricação do corpo do *submisso*, tendo em vista que o porte e deferência do *escravo* não ocorre instantaneamente. Logo, esses intentos são necessários para a peça aprender *a ser obediente e saber qual é o seu lugar na relação e para aprender a servir cada vez mais e melhor*³⁶.

Essas afirmações são expressivamente encontradas em publicações nos *blogspots* das minhas informantes. Em diversos *posts* coletados e analisados elas aconselham outras *Dominadoras* e *escravos* sobre como funcionam as práticas e relações de *Fem-Dom*, assim como orientam sobre *escravos* descomprometidos com o vínculo e relações abusivas evidenciando que a Dominação Feminina e os *Relacionamentos D/s* são construídos por meio

³⁶ Em publicações no seu *blog*, Madame X proporciona diversas dicas e conselhos para suas leitoras de como adestrar os *escravos*. Essas estratégias podem envolver desumanização e animalização do brinquedo, como defecar em suas mãos ou urinar em seu corpo, para que, de fato, *ele aprenda quem manda e como deve se portar*.

de uma determinação pessoal exaustiva e recíproca dos *dois lados do chicote*, que precisam se empreenderem constantemente e fortemente sobre si para solidificarem práticas e relações proveitosas.

Apesar de algumas similitudes, a Dominação Feminina se diferencia de outras categorias do BDSM, como por exemplo da Dominação Masculina, conjuntura na qual uma mulher é *escrava* de outro homem. Nas experiências fetichistas da *Fem-Dom* observa-se a presença de mulheres que adotam performances divergentes em relação aos papéis de gênero e sexualidade fundamentados em concepções tradicionalistas e normativas que expressam ideais sobre como uma mulher deve se portar sexualmente e socialmente, isto é, de modo dócil, passivo e submisso. Isso porque nesses cenários de Dominação Feminina se solidifica a presença de mulheres que assumem posições ativas de gerência e dominância em atividades eróticas, sendo a *Fem-Dom* nas palavras de Madame X um conjunto de *experiências que fornecem muito ao feminismo: mulheres empoderadas e poderosas e homens obedientes e submissos*.

De modo geral, constata-se que passividade, devoção e obediência, elementos esses interpretados socialmente pelos discursos normativos como referentes ao “universo feminino” são ressignificados nesse contexto de Dominação Feminina, possibilitando novas experiências de gênero e sexualidade para mulheres ao passo que essas configurações as permitem encarnar-se de papéis sociais permeados por condutas distintas daquelas convencionalmente destinadas para mulheres de acordo com diversos critérios normativos de corpo, gênero e sexualidade pautados em uma ordem compulsória do sexo, gênero e desejo³⁷ (BUTLER, 2019).

De qualquer modo, a presente pesquisa seria demasiadamente reducionista ao assinalar que as práticas de Dominação Feminina significam um rompimento revolucionário do gênero e da sexualidade em relação aos critérios discursivos e normativos sobre o sexo, tendo em vista

³⁷ Isso não quer dizer que as *Dominadoras* não possam se definir por meio de caracteres ou se dispor de comportamentos considerados socialmente como femininos, como delicadeza e vulnerabilidade. Madame X e Domme Dita mencionam para suas leitoras que para se tornar uma *Dominadora* não é necessário ser uma mulher totalmente (des)feminizada. Em suas palavras, as *Dommes* e *Rainhas* não precisam se munir de coerências entre suas posições no BDSM e personalidades e atitudes individuais, isto é, as *Dominadoras* podem ser, por exemplo, pessoas frágeis. Toda essa conjuntura é palco de discussão em alguns comentários nas publicações dos seus *blogspots*, nos quais podemos visualizar leitores dizendo que elas não são *Dominadoras de verdade*, pois não utilizam roupas de látex ou saltos pontiagudos para dominar seus *escravos*. Madame X menciona em um *post* que o seu nome estilizado na comunidade BDSM que remete à elementos de delicadeza e vulnerabilidade já foi alvo de críticas severas por praticantes, com acusações do tipo: *Como uma Dominadora pode ser delicada e meiga?* Isso me fez pensar que a comunidade BDSM pode ser bastante normativa em alguns casos e que as minhas colaboradoras de pesquisa se posicionam de maneira mais flexível em relação a algumas concepções que podem permear o cenário de praticantes de Dominação Feminina, embora essa flexibilidade somente é permitida para as *Dominadoras* e não para os *escravos* que precisam sempre performar a obediência, a submissão e a devoção.

que essas manifestações de sexualidades ditas como não convencionais³⁸ não estão para além do poder expresso no dispositivo da sexualidade e adiante dos regimes de verdades proliferados no seu desenvolvimento, uma vez que essas práticas estão assentadas no próprio desenrolamento do dispositivo, sendo capaz de simultaneamente se aproximar e se distanciar dele em suas performances (FOUCAULT, 2018).

Para não me inserir em uma discussão determinista, Michel Foucault (2017, 2018) e Judith Butler (2019) me ampararam neste momento de análise dos dados desta pesquisa, pois pude refletir sobre o quanto a Dominação Feminina pode se alicerçar sobre alguns regimes normativos de sexualidade e com que intensidade suas práticas podem relativamente se estruturar em uma ordem de coerência entre o sexo/gênero/desejo, ao passo que essas experiências se configuram através de concepções demasiadamente tradicionalistas e patriarcais sobre gênero, corpo e sexualidade, como aparece em uma das narrativas de Madame X: *quero um homem no modelo mulher dos anos 1920, que viva em cárcere somente para mim*.

Embora a *Fem-Dom* se manifeste enquanto uma possibilidade inusitada para mulheres vislumbrarem os prazeres dos seus corpos e se direcionarem para além do que convencionalmente se destina como viável, sadio e “normal” para elas, as práticas de Dominação Feminina não deixam de, ao mesmo tempo, absorver alguns empréstimos performativos da díade homem e mulher, transpondo para os *escravos* os arquétipos de condutas do “universo feminino” e transferindo às mulheres os protótipos de comportamentos do “mundo masculino”, ainda que não sejam contextos de *Fem-Dom* circundados por práticas de *Feminização “Forçada”* como confirma Marcelle Jacinto da Silva (2015) em uma de suas considerações:

Em muitas das situações relatadas, há uma passividade masculina e uma atividade feminina, geralmente, associada a atitudes que retomam uma ideia de virilidade própria do “universo masculino”: o homem “come” a mulher, “pega de jeito”, nesse caso, quem realiza essa função é a mulher: os papéis são invertidos (SILVA, 2015, p. 104).

Preliminarmente, podemos especular que os discursos presentes nos *blogspots* e nas entrevistas evidenciam que as *Dominadoras* encarnam papéis de gênero tradicionalmente destinados aos homens e os *escravos* personificam comportamentos convencionalmente

³⁸ Reforço o excerto “sexualidades ditas como não convencionais” argumentando que não é possível demarcarmos determinadamente se essas práticas sadomasoquistas são tão inusuais como se pensa. Me oriento pela hipótese de que os desejos fetichistas podem ser mais comuns do que se imagina, sendo indevido considerá-los como integralmente “não convencionais”. O “não convencional” pode se remeter mais à um ideal discursivo sobre o BDSM e o fetichismo do que algo que se plasma na realidade empírica.

atribuídos às mulheres, condutas essas que estão demasiadamente permeadas por percepções fundamentadas em um modelo de sociedade patriarcal, sexista e colonial, que são fetichizadas e encenadas nessas ocasiões (MCCLINTOCK, 1993, 2010). Desse modo, é esperado que os *escravos* passem a performar condutas ditas como femininas, assim como os maridos do universo *baunilha*³⁹ tradicional expectam de suas esposas *recatadas e do lar*.

O “universo feminino” e seus elementos passam a ser operações que precisam ser absorvidas pela subjetividade e conduta corporal do *escravo*, ainda que ele não esteja em práticas de *Feminização “Forçada”*. O *brinquedo* deve se munir de gestos corporais contidos e devotos coadunados a comportamentos de obediência e submissão perante à *Dominadora*, que nesses contextos parece encarnar a persona masculina que deve ter suas vontades respeitadas e prontamente atendidas.

Todo esse contexto de *submissão* é operado mediante uma anulação e abstenção de si efetuada pelo *escravo* em relação à sua *Dona*, assim como uma *mulher dos anos 1920* narrada por Madame X precisava fazer em relação ao seu marido, ou seja, ser obediente e viver em função do seu cônjuge. Nessa narrativa, observamos o quanto as práticas de Dominação Feminina e o BDSM em geral podem absorver empréstimos performativos de concepções normativas sobre gênero e sexualidade.

Apesar disso, existe uma diferença expressa no pilar da consensualidade que distancia essas experiências de BDSM das relações matrimoniais normatizadas dos anos 1920, pois as primeiras são consensuais e as segundas eram compulsórias. Desse modo, apesar de nesse caso existir assimilações de normatividades em práticas de Dominação Feminina, a consensualidade aparece como um elemento que rompe com as concepções daquela temporalidade histórica do início do século XX, pois um/uma *escravo/escrava* no BDSM escolhem e adotam seus papéis consensualmente e uma mulher casada dos anos 1920 não tinha opção e direito de escolha⁴⁰.

Caso esses *escravos* não se comportarem de acordo com as regras invioláveis estabelecidas pelas *Dominadoras* em seus *Reinos*, eles estarão passíveis de sofrer severas consequências, como castigos, humilhações e punições, da mesma maneira que mulheres do século passado experimentariam. Ademais, os *escravos* não podem possuir outras *Donas*, fator esse permitido para as *Dominadoras*, que podem se dispor de vários *escravos*.

³⁹ O termo *baunilha* é manuseado pela comunidade BDSM para aludir a tudo que não é referente ao seu universo fetichista de práticas afetivas e sexuais não convencionais.

⁴⁰ De qualquer maneira, é possível refletirmos sobre algumas ponderações acerca de vulnerabilidades e das condições em que se consente no BDSM, como alerta Maria Filomena Gregori (2014).

Essa e as outras reflexões me fizeram pensar que de modo excessivamente ambíguo e assentando em uma fronteira entre normalidade e transgressão, a Dominação Feminina não deixa de se distanciar das proposições de um modelo social tradicionalista, uma vez em que o “não” é bem respeitado pelas *Dominadoras*. Diferentemente do que via de regra acontece em relacionamentos tradicionais do universo *baunilha*, um *escravo* ou uma *escrava* podem dizer “não” para uma relação ou prática⁴¹. Sendo assim, visualizo que a consensualidade e o respeito aos limites dos *escravos* são fatores demasiadamente evocados como necessários de serem levados à sério pelas colaboradoras desta pesquisa.

À despeito dessa ambiguidade a qual se solidificam as práticas fetichistas que observei, igualmente podemos refletir sobre algumas performances de Dominação Feminina compostas por técnicas que os *escravos* não suportam, ou sejam práticas que eles ainda não conseguem realizar. Nesse contexto, é evocado pelo campo que os *escravos* possuem limites que devem ser respeitados. Essas limitações são conhecidas por meio de diálogos intensos que devem ocorrer fundamentalmente antes e depois das sessões de *Fem-Dom*. De qualquer forma, as participantes desta pesquisa mencionam que os limites dos *escravos* devem ser sempre superados, ainda que se respeite *o tempo de cada um*. Segundo elas, a superação desses limites é realizada através de *muito diálogo, respeito, cumplicidade, intensa vontade e determinação pessoal dos dois lados do chicote*.

As ambivalências expressas em elementos de normalidade e transgressão nas práticas de Dominação Feminina também se manifestam quando ponderamos sobre as questões dos cuidados que uma *Dominadora* deve ter em relação ao seu *escravo* e sobre a narrativa de que é ela que gera e fabrica o corpo do *submisso*. Nesses enquadramentos, é esperado que a *Dominadora* assuma um papel que tem como referência as normas sociais expressas em cuidados maternos e femininos de uma mãe em relação aos seus filhos e/ou de uma mulher em relação ao seu marido⁴². Isso porque é a *Dominadora* que *gera e cuida* da sua *peça*, tomando todas as cautelas em relação à integridade física e psicológica da mesma e dando origem a sua existência.

⁴¹ Mediante os discursos encontrados nos *blogspots*, obtive uma primeira impressão de que em relações nomeadas como *Total Power Exchange*, não existiria a possibilidade do “não” para o fim do relacionamento e que a entrega absoluta do *escravo* à uma *Dona* seria algo eterno e sem possibilidades de retorno. Entretanto, em entrevistas com Madame X, esses elementos foram explanados de maneira mais nítida, circunstâncias nas quais eu disse a seguinte frase que Madame X concordou: *nenhuma Dominadora vai sair correndo atrás de um escravo que largou a coleira querendo matá-lo e obrigá-lo a voltar para a relação, se fizer isso, já não é mais BDSM*.

⁴² Ainda que esses ideais possuam referências normativas, é importante sublinhar que o cuidado com o polo passivo das práticas se solidifica como algo indispensável para o BDSM em geral, considerando-se a posição de vulnerabilidade física e psicológica que essa pessoa pode se enquadrar. Por exemplo, mesmo no caso da Dominação Masculina, o *Dominador* também precisa preservar a sua *submissa*, empenhando uma cautela rígida em relação à integridade corporal e psíquica da sua *escrava*.

Tais observações se manifestam explicitamente em trechos de relatos como os de Madame X: *um escravo nascido de mim*, frase que alude que os *submissos* apenas nascem a partir de suas *Donas*, e em excertos de narrativas como as de Domme Dita: *eu preciso ser sua mãe*, que se refere à ideia de que o *escravo* necessita de cuidados de teor materno.

Por sua vez, o *escravo* performa uma suposta “passividade feminina natural”, que é frágil e precisa de cautela e atenção, ao mesmo tempo que se beneficia da sua masculinidade, encarnando o posicionamento do homem que necessita de cuidados femininos e maternos de uma *Dominadora*.

Desta maneira, visualizo que ao mesmo tempo em que essas práticas estão assentadas sobre percepções e papéis tradicionais de gênero e sexualidade, elas igualmente vão além de concepções normativas, imbricando ao mesmo tempo a normalidade e a transgressão⁴³, assim como operam diversas outras sexualidades dissidentes (FOUCAULT, 2018). Ainda que encenando as desigualdades sociais, invertendo posições de hierarquia e ressignificando lógicas de poder (MCCLINTOCK, 1993), as práticas de Dominação Feminina não deixam de estar assentadas em algumas normatividades, representando em consequência, as próprias proposições sexistas que ao mesmo tempo desloca.

Hipoteticamente, isso quer dizer que as práticas de Dominação Feminina podem provocar tensões nas convenções advindas dos dispositivos regulatórios de gênero e sexualidade e na ordem do sexo/gênero/desejo, ao mesmo tempo em que se articulam sobre um regime dúbio que tem como referências e bases as díades “macho” e fêmea” ou ativo e passivo.

De qualquer modo, essas considerações não procuram promover um julgamento moral ou uma denúncia às praticantes de Dominação Feminina, mas demonstrar exemplos demasiadamente instigantes de como se dá a operação de sexualidades dissidentes sobre o dispositivo da sexualidade.

3.2. UM HOMEM CASTO E OBEDIENTE NO MODELO MULHER DOS ANOS 1920 PARA MULHERES EMPODERADAS E PODEROSAS: A FEMINIZAÇÃO “FORÇADA”

⁴³ Essas constatações e as outras feitas anteriormente são percebidas pelo próprio campo. Durante uma de nossas entrevistas, Madame X chega à mesma reflexão que apresento neste trabalho, ou seja, de que as práticas de Dominação Feminina estão simultaneamente estruturadas em caracteres de normalidade e transgressão.

A *Feminização “Forçada”* aparece expressivamente no escopo das experiências fetichistas e das publicações criadas por Madame X⁴⁴. Durante as entrevistas realizadas com Domme Dita, pude observar que a feminização dos seus *escravos* não faz parte das suas preferências eróticas, tampouco não circunda as experiências *servis* da Escrava Natural, tendo em vista que ela é uma mulher trans. Sendo assim, este tópico alude aos relatos recolhidos das entrevistas com Madame X e se refere aos textos e imagens coletados no seu *blog*.

De acordo com Madame X, o termo *Feminização “Forçada”* com a última palavra entre aspas acentua textualmente nos contextos digitais o fato de que essas práticas são envoltas por critérios rigorosos de consensualidade e acordos entre os adeptos do elo fetichista. Logo, essa prática não se configura por uma experiência impelida a estrito senso, pois assim como qualquer outra prática que se denomina como referente ao universo BDSM, expecta-se que ela seja ancorada por parâmetros de consentimento e expressivamente permeada por diálogos e negociações anteriormente estabelecidas entre os praticantes (ZILLI, 2018).

Nesse seguimento, a *Feminização “Forçada”* concerne à um conjunto de práticas no interior da Dominação Feminina que buscam descaracterizar os elementos de masculinidade do sujeito dominado pelo intermédio de diversos processos de feminização em seus corpos, inserindo adereços interpretados socialmente como femininos, como maquiagens, sutiãs, meias calças, espartilhos e calcinhas e igualmente através de atos de depilação dos pelos corpóreos do *escravo*. Essa feminização e manuseio de apetrechos se caracterizam de maneiras expressivamente caricaturais, isto é, fundamentam-se mediante uma figura estereotipificada sobre um “ser mulher” típico, uma vez que se visa implementar no *escravo*, por exemplo, vestimentas rosas, saias com babados e batons vermelhos, para que ele represente o máximo possível uma “figura de mulher” em um sentido hiperbólico.

Para representar a *Feminização “Forçada”*, apresento abaixo algumas imagens de *escravos* feminizados que foram retiradas do *blog* de Madame X. As fotos se referem à uma publicação de 2018 que narra as práticas realizadas durante uma festa de BDSM que ocorreu em sua residência:

Figura 3 – *escravo* feminizado

⁴⁴ Ao longo desta pesquisa, pude verificar que a expressão *Feminização “Forçada”* também pode aparecer nos contextos digitais como *Feminização Masculina*, como apresenta Silva (2015). Optei por manusear a locução *Feminização “Forçada”* para esta pesquisa tendo em vista o uso da mesma no *blog* em que se realizou a etnografia.



Fonte: *Blogspot Monarquia X* (2018).

Figura 4 – *escravo feminizado*



Fonte: *Blogspot Monarquia X* (2018).

Figura 5 – *escravo feminizado*



Fonte: *Blogspot* Monarquia X (2018).

Deste modo, as técnicas referentes à essa gama de experiências fetichistas incorporam para suas performances o manuseio de apetrechos culturalmente decodificados como referentes à um suposto “universo feminino”, assim como estabelecem em seus meios desde a operacionalização de modificações corporais que envolvem a retirada de pelos corporais, a estilização de unhas e cabelos até a administração de hormônios, sendo as duas primeiras empreitadas mais comuns que a última intervenção. À título de exemplo, pelo intermédio dos seus informantes de pesquisa, Silva (2015) sinaliza a existência de *escravos* que almejam a feminização e que utilizam hormônios para acentuarem caracteres decodificados socialmente como femininos em seus corpos, visando engendrar uma persona mais feminina possível.

De qualquer modo, vale ressaltar que a hormonização do *escravo* não é uma regra para essa prática, sendo inclusive uma ocorrência mais esporádica no meio, dado a necessidade de preservar a vida pessoal do *escravo*, ou seja, manter seguridade e anonimato sobre suas relações travadas para além da esfera fetichista. Conforme Madame X, a hormonização do *escravo* pode provocar problemas para sua vida pessoal, uma vez que a ingestão de hormônios gera transformações corporais evidentes. Mesmo a depilação de pelos corpóreos como os das pernas, peitos, abdomens e tórax seriam problemáticos para aqueles *escravos que possuem uma vida dupla*, ou seja, para aqueles que não podem assumir sua persona BDSM publicamente e necessitam de sigilo e discrição sobre seus estilos de vida no universo fetichista.

Portanto, o que define de modo acurado a *Feminização “Forçada”* é a anulação dos caracteres de masculinidade relacionados à performance corporal externa do *escravo*, isto é, o

modo que conduz seus gestos corporais e os adereços que utiliza durante as sessões ou ao longo do dia-dia com a *Dona*, ainda que os caracteres de submissão e a feminilidade sejam relatadas como fatores que emanam *do interior e da cabeça do escravo*, o que envolve um engajamento subjetivo do mesmo para o aperfeiçoamento das práticas⁴⁵.

A *Feminização “Forçada”* pode se direcionar mais adiante de sessões ou encontros pontuais entre *Dominadoras* e *escravos*, ou seja, é possível que essa prática se estenda para momentos do cotidiano dessas pessoas, cenários nos quais a *Dona* induz comportamentos socialmente referentes à um suposto “universo feminino” para os hábitos diários do seu *brinquedo*, no que diz respeito, por exemplo, à momentos de entretenimento e lazer.

Segundo Madame X, a feminização pode ser otimizada por meio dos momentos livres do dia-a-dia do *escravo*, cenários nos quais ele deve se ocupar com empreendimentos referentes ao acesso de ensinamentos pedagógicos de como higienizar uma casa, cozinhar e também ao estudo do BDSM, mais especificadamente da *Feminização “Forçada”* nos contextos digitais. Para além de ser algo que deva iniciar da vontade do *escravo* em se feminizar através da absorção de materiais ditos do “universo feminino”, o trabalho da *Dominadora* na administração de tais empreendimentos é fundamental, pois essa deve induzir seu *escravo* à essa busca pelo aperfeiçoamento e pela feminização de si (SILVA, 2015).

À título de exemplo, em uma publicação repleta de conselhos para outras *Dominadoras* adestrarem seus *escravos*, Madame X relata que feriados prolongados e fins de semanas seriam ideais para adestrar o *escravo* e torná-lo em suas palavras *uma menininha*. Durante o *post*, Madame X recomenda que a *Dona* induza o *submisso* a se inteirar sobre assuntos referentes à culinária e também aos cuidados e higiene doméstica de residências. A *Dominadora* menciona que feriados são contextos estratégicos para ensiná-lo a realizar os *deveres da casa*.

Para ilustrar essas recomendações de Madame X, a figura abaixo ilustra um dos seus *escravos* realizando a limpeza do solo durante uma confraternização de BDSM em sua residência:

Figura 6 – *escravo* feminizado limpando o chão

⁴⁵ Tanto as tendências pessoais e psicológicas para a submissão quanto as para a dominância são constantemente relatadas neste campo de pesquisa como fatores inatos ou como uma essência natural. De modo sintético e na narrativa das informantes: *nasce com a pessoa, está no sangue*. Ademais, pondero que os relatos compostos por possíveis ações que visariam uma transformação corporal interna e hormonal do *escravo* são aparentemente referentes ao reino da fantasia, e não necessariamente experiências reais da vida dessas pessoas, levando-se em conta, sobretudo, as sociabilidades que essas pessoas possuem para além de experiências no BDSM e o sigilo e discrição que muitas delas têm que inserir sobre seus estilos de vida fetichistas dado a existência de moralidades e tabus que rondam o BDSM, preterimentos esses proficuamente apresentados em pesquisas como as de Facchini e Sarah Rossetti Machado (2013), Gayle Rubin (2017), Vera Lucia Marques da Silva (2016) e Zilli (2018).



Fonte: *Blogspot Monarquia X* (2018).

De acordo essa interlocutora de pesquisa:

É legal por ele pra assistir programas de culinária, tem até aqueles que ensinam a realizar limpeza da casa. Minha dica é que você pode fazer uma lista de todas as coisas que ele tem que aprender para se tornar um bom escravo doméstico. Atenção: proíba os esportes e o futebol e qualquer outro tema que não seja importante para seu desenvolvimento feminino (publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

Apesar de ser uma prática de Dominação Feminina que pode se estender para o dia-a-dia dos adeptos, é mencionado por Madame X que a *Feminização “Forçada”*, assim como qualquer outra vivência no interior do BDSM, não deva atrapalhar seus *escravos* com suas incumbências relacionadas a responsabilidades profissionais ou familiares. Logo, os feriados ou fins de semanas seriam mais ideais para essas práticas de feminização, pois geralmente esses períodos são caracterizados por dias em que as pessoas possuem mais tempo livre para lazer e estão em suas casas.

Ainda que a *Dominadora* e o *escravo* não morem na mesma residência, essas empreitadas podem ocorrer à distância, através de *ordens* da *Dona*. Por exemplo, em algumas publicações, Madame X sugere que um *escravo* pode ser *dominado* através de chamadas de vídeo, ou seja, utilizando tecnologias digitais. De qualquer modo, é importante ressaltar que é recomendado que *escravos* que possuam *uma vida dupla*, isto é, casados com outras pessoas ou não assumidamente adeptos ao BDSM, sejam cautelosos para que esses atos de feminização não sejam expostos para suas relações e sociabilidades alocadas para além do BDSM.

Para exemplificar um dos conselhos e sugestões fornecidos por Madame X para a feminização da *peça*, apresento abaixo uma publicação retirada do seu *blog*:

Quadro 3 – Como feminizar um *escravo*?

1. Vestimentas:

a) **Calcinhas:** estes são os principais itens, certamente seu escravo já provou algumas, mas ele tem suas próprias? Quantas vezes ele usa? Usar na frente da Dona é fácil. Logo, quanto mais tempo ele passar com ela, mas ele consolida sua posição. Portanto, ordene que ele sempre fique de calcinha e que passe alguns dias da semana com ela.

b) **Camisolas:** mesmo dormindo, o escravo tem que manter sua feminilidade, deste modo, faça ele usar uma.

c) **Meias calças:** ele pode começar usando por debaixo das calças mesmo em público.

d) **Bônus:** leve seu escravo para fazer compras e o humilhe em público, dizendo que as roupas de mulher ficarão ótimas neles.

2. Maquiagens:

a) **Batons:** busque usar batons discretos nele em público, mas entre 4 paredes, coloque os mais femininos possíveis.

b) **Esmaltes:** procure inserir os mais coloridos e femininos possíveis.

3. Extra:

a) **Pelos:** se possível depile todos os pelos corporais do seu escravo, para que ele pareça de fato uma menininha.

b) **Plugs anais:** faça com que ele utilize plugs diariamente ou mesmo saía de casa com eles para que ele aprenda a putinha que ele é.

c) **Cintos de castidade penianos:** você pode fazer com que seu escravo utilize cintos de castidade durante dias ou semanas, para que entenda que seu pênis não serve para nada.

Fonte: Madame X (2021).

Os trabalhos mútuos das *Dominadoras* e dos *escravos* para aprimorarem seus *Relacionamentos D/s*, sessões de Dominação Feminina e processos de feminização são demasiadamente encontrados nos relatos presentes nos três *blogspots* desta pesquisa. Conforme Silva (2018), é comum a existência de uma narrativa de que os elos travados no universo BDSM devam ser simbióticos, de modo que ambas as partes do vínculo fetichista se entreguem para esses cenários e empreendam tentativas árduas de se aperfeiçoarem no meio, sejam nas práticas, personas e posições que representam em sessões ou sejam em *Relações D/s*. Essa simbiose também diz respeito à uma compreensão de que uma *Dominadora* não existe sem o seu *escravo*

e vice-versa, pois, ambos precisam um do outro para *exalarem suas essências* e para *extravasarem suas personas BDSM*⁴⁶.

Esses atos de feminização são empreendimentos realizados mediante o que o campo intitula de *treinamentos* ou *adestramentos*. Segundo Madame X, é necessário a dedicação e dispêndio árduo de ambos os praticantes para obter um *escravo perfeito e obediente*, uma vez que *não se vira escravo da noite para o dia*⁴⁷. Essas técnicas funcionam como uma *domesticação* do corpo do *submisso* à sua condição servil perante sua *Dominadora* e devem ser manuseados constantemente para o aperfeiçoamento do *escravo* e para que ele absorva subjetivamente sua posição de *submissão*.

Uma das dicas de *adestramento* que aparece em várias publicações de Madame X é a castidade e o controle do gozo do *submisso*. Para tal empreendimento, utiliza-se um cinto de castidade peniano que pode ser tanto de plástico quanto de ferro, sendo esse um objeto que permeia toda a genitália de quem o veste⁴⁸. Esse apetrecho pode ser administrado pela *Dona* em seu *escravo* durante dias ou semanas e serve para impedir o acesso do *escravo* ao seu pênis para masturbação, além de provocar dor quando o mesmo está excitado.

As imagens abaixo apresentam cintos de castidade sendo utilizado pelos *escravos* de Madame X:

Figura 7 – Feminização “Forçada” e cintos de castidade

⁴⁶ Interessante mencionar a presença de alguns relatos nos *blogspots* que apresentam a ideia de que o *escravo nasce a partir da Dona*. Em várias publicações, Escrava Natural escreve frases do tipo: *eu somente nasci a partir do momento que entreguei a minha vida aos meus Donos e passei a servi-los*.

⁴⁷ A realização de *treinamentos* para adestrar o corpo do *submisso* de acordo com portes de feminilidade ou passividade não são exclusividades da *Feminização “Forçada”*, aparecendo igualmente em outros contextos de Dominação Feminina ou de *Relacionamentos D/s*.

⁴⁸ Como a *submissão* deve ser algo que *vem de dentro da pessoa*, Madame X relata por vezes que o cinto de castidade não precisa ser mobilizado, pois é necessário que o *escravo* subjetivamente absorva sua condição de servidão para além de qualquer acessório: *à princípio, a castidade tem que ser internalizada por ele, ela não funciona se o cara não estiver disposto de fato, usando ou não o cinto ele tem que aceitar e desejar sua condição*.



Fonte: *Blogspot Monarquia X* (2019).

Figura 8 – *Feminização “Forçada”* e cintos de castidade



Fonte: *Blogspot Monarquia X* (2018).

Nesse sentido, Madame X menciona que o orgasmo do *escravo* pode ser controlado através dos *treinamentos*, nos quais o seu gozo é administrado e aceito somente mediante a permissão da *Dona*. Em outras sugestões de Madame X no seu *blog*, o *escravo* pode ser *treinado* para atingir o orgasmo apenas quando estiver com *plugs* anais, imobilizado, humilhado e *vestido de menininha*. Deste modo, a genitália do escravo não é inutilizável nesses contextos, sua existência não é nula tendo em vista que possui uma agência para significar a feminização,

a submissão e a posição do *escravo*, cenários em que a *Dominadora* o utiliza para atos de ridicularização, inferiorização e humilhação do pênis.

Madame X sugere em algumas publicações que é interessante que a *Dominadora* possua amantes e que faça sexo com eles na frente do *escravo*, esse que durante a transa deve estar imobilizado e utilizando um cinto de castidade. Como recomendação, esse cenário pode ser circundado por verbalizações que visam ridicularizar o pênis do *submisso*, de modo a inseri-lo em uma zona de insignificância. Em um *post*, ela sugere que a *Rainha* pode ordenar que o *escravo* lave as roupas íntimas do amante após o sexo. Essa prática é conhecida no interior do BDSM e também para além dele como *Cuckold* (em português *Corno*) e igualmente pode ser manuseada para *treinar* o *escravo*, fazendo com que ele aprenda sua posição e existência de *servidão*.

Nesse seguimento, em uma postagem Madame X sugere que:

Outra coisa fundamental em casa é comer o cu dele. É importante. Se não gosta de comer, ponha ele de 4 e enfie qualquer coisa. Na verdade, um plug é o ideal. Mas pode ser dedo, cenoura, pepino. Coloque um vestido nele, faça ele apenas gozar se estiver bem feminino, de mocinha (publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

O controle do orgasmo e da ereção através dos cintos de castidade partem de um pressuposto normativo de que a sexualidade masculina é excessiva, ansiosa e incontrollável, isto é, essa técnica tem como referência a concepção de que os homens possuem uma volúpia natural acentuada que precisa ser constantemente extravasada e liberada em altos graus de intensidade e a qualquer custo. Logo, administrar o acesso do *escravo* ao seu próprio gozo e excitação se insere nesses contextos como uma punição, tendo em vista a hipótese de que privar os homens dos seus prazeres seria um desafio expressivo para as suas tendências supostamente naturais. Do mesmo modo e se fundamentando em sistemas normativos sobre gênero e sexualidade, essas performances auxiliariam proficuamente na desmasculinização do *escravo* porque derivam da ideia de que um homem despossuído de sua sexualidade serial estaria mais próximo de caracteres socialmente decodificados como femininos.

Todo esse contexto de *Dominação e submissão* envolto por intentos de feminização e *treinamentos* são acompanhados pelo o que o campo intitula de *punições* que procuram disciplinar o corpo do *escravo* de acordo com os ensejos da sua *Dona*, o que denota que qualquer desvio perante o porte do corpo e a desobediência do *escravo* podem ser severamente punidos pela *Dominadora*, para que o *escravo* passe *servir cada vez mais e melhor*. Sendo assim, é cabível que a *Dona* puna a sua *peça* para que ela *entenda a sua posição*.

Um das diversas dicas de punições oferecidas no *blog* de Madame X, são: privar o *escravo* de se alimentar com comidas específicas ou se nutrir com restos de comida apenas aos pés da sua *Dona* na mesa; impedir que ele se higienize tomado banho, *para que ele feda e entenda o lixo que ele é*; estapear o *escravo* ou xingá-lo em locais públicos; fazer ele *limpar um banheiro sujo com uma escovinha de dente* e caso ele não consiga espancá-lo, dentre inúmeras outras sugestões⁴⁹. Apresento abaixo, outras dicas que são explanadas pela *Dominadora*:

As humilhações da feminização podem começar desde cedo, primeiro por exemplo ele pode começar com a faxina. Preste atenção, pois o resultado da limpeza e o modo que ela é conduzida deve ser do jeito que você quer. Lembre-se que você pode espancá-lo na hora que quiser. Uma opção ótima é o banheiro. Nem precisa bater nele, só ameaçar e obrigar ele a limpar o vaso com a língua caso algo saia do seu planejado que isso já o assusta bem. Obrigue que ele higienize com uma escova de dentes cada espacinho entre os azulejos, e se você encontrar qualquer sujeira, espanque-o. Quando bater, não tenha dó, mas deixe claro a ele a safeword sempre! (publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

Esses *treinamentos* envolvem a criação de técnicas e espaços que visam fazer com que o *escravo* compreenda e assuma de modo eficaz a sua posição de servidão perante à *Dona*. Madame X relata que para tal empreendimento, deve existir um trabalho árduo operado tanto pela *Dominadora* quanto pelo *escravo*, esse que deve subjetivamente assumir sua posição de *escravidão*, pois segundo essa informante, *a submissão é um elemento que vem de dentro da pessoa, da cabeça dela, ninguém se torna um escravo sem sua plena e forte vontade*.

Nessa mesma lógica e de acordo com Madame X, um *escravo feminizado* deve se portar como uma *mocinha, sentar, andar e urinar como uma*. É esperado nesses cenários um porte específico do corpo, o qual o *submisso* deve performar. As condutas corporais esperadas pela *Dominadora* são pautadas em um hipotético “universo feminino”, isto é, nos comportamentos e gestos corporais que se referenciam em uma feminilidade hiperbólica, estereotipificada, sexista e caricatural, em sua narrativa: *um homem no modelo mulher dos anos 1920*.

Na *Feminização “Forçada”*, os mesmos papéis sócio-sexuais coercitivamente delegados às mulheres dos anos 1920 são dados para *escravos feminizados*, uma vez que ao assumir consensualmente a posição de submissão e servidão, espera-se que eles se manifestem corporalmente e subjetivamente se fundamentando em um universo simbólico e prático das

⁴⁹ Destaco que esses conselhos não necessariamente indicam que a *Dominadora* passará a realizar tais atos durante todos os dias da semana e em um período integral. Por exemplo, tais *punições* podem fazer parte de sessões e cenários específicos ao longo de algumas horas ou mesmo durante um final de semana.

mulheres do século passado⁵⁰. Logo, em uma orientação análoga às estabelecidas às mulheres de mais de 100 atrás, o *escravo* deve se especializar em questões ligadas à higienização de cômodos de uma casa e também às incumbências relacionadas à preparação de alimentos, sendo uma persona integralmente submissa e devota à sua *Rainha*.

À título de exemplo, Madame X recomenda que: o *escravo* se posicione aos pés da *Dominadora*, esteja cabisbaixo em sua presença, solicite permissão para falar com a *Dominadora* e faça reverências a ela. Além disso, existem algumas regras manifestas em tratamentos verbais que os *submissos* devem utilizar para se referirem às suas *Dominadoras*, como *Senhoras*, *Rainhas*, *Dommes*, dentre outros, ao passo que o *escravo* feminizado igualmente possui um nome “feminino” para esses cenários, o que visa a descaracterização da sua masculinidade e o acentuamento da sua feminilidade.

3.3. AS FEMINISTAS VÃO DIZER “É HUMILHANTE SER MULHER?”: A FEMINIZAÇÃO “FORÇADA” E SEUS EMPRÉSTIMOS DA NORMATIVIDADE

Exibida toda a miríade de técnicas e especificidades da *Feminização “Forçada”*, torna-se viável ponderar sobre essas performances fundamentando-se em Foucault (2017) e sua conceitualização sobre as relações de poder. A operação do poder segundo o autor, se executa de modo multilateral, de modo que se torna inautêntico situarmos um grupo ou sujeito como o protagonista que possui o poder e detém a verdade absoluta dos saberes sobre os corpos, da mesma forma que é impreciso afirmar a primazia determinística dos mecanismos de poder sobre a conformação das subjetividades de acordo com saberes normalizadores (FOUCAULT, 2017; 2018).

A análise genealógica do autor, assim como a conceitualização no entorno do que ele nomeia de efeitos de poder demonstram que a atuação do dispositivo da sexualidade, isto é, o conjunto de práticas e discursos de poder que promulgam a verdade sobre os corpos e a sexualidade não se designa de modo repressivo e totalizante na construção do assujeitamento do corpo social, pois esse mesmo instrumento incita a subjetivação do sujeito mediante técnicas de si e espaços que escapam a concretude da soberania do poder. Sendo assim, no momento em que nos munimos epistemologicamente por essa compreensão, efetuamos uma análise genealógica que:

⁵⁰ Ressalto que essas afirmações não sinalizam que mesmo contemporaneamente muitas mulheres não sejam obrigadas a assumir os mesmos papéis que as suas ancestrais assumiam nos anos 1920.

Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. (FOUCAULT, 2018, p. 268).

Essa percepção acerca das relações de poder sinaliza a existência de lacunas no exercício do poder em que se constroem outros saberes e práticas sobre sexo, gênero, sexualidade e desejo, nas quais de acordo com Judith Butler (2019), os sujeitos deslocam e/ou absorvem narrativas e elementos da heteronormatividade e da coerência entre sexo, gênero e desejo para seus discursos e performances sociais.

De qualquer forma, Butler (2019) afirma que essas dissidências sexuais não são cópias ou objetos derivados de uma matriz unitária e originária da identidade, no caso da heterossexualidade, pois segundo a autora, a própria performance de gênero das sexualidades dissidentes demonstra como a heterossexualidade tida socialmente como natural não passa de um constructo social performado.

A “presença” das assim chamadas convenções heterossexuais nos contextos homossexuais. [...], não pode ser explicada como representação quimérica de identidades originalmente heterossexuais. E tampouco elas podem ser compreendidas como a insistência perniciosa de construtos heterossexistas na sexualidade e na identidade gay. A repetição de construtos heterossexuais nas culturas sexuais gay e hetero bem pode representar o lugar inevitável da desnaturalização e mobilização das categorias de gênero. A replicação de construtos heterossexuais em estruturas não heterossexuais salienta o status cabalmente construído do assim chamado heterossexual original. Assim, o gay é para o hétero não o que uma cópia é para a original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia (BUTLER, 2019, p. 66).

Em uma lógica similar sobre as brechas presentes na operação do poder, Foucault (2017; 2018) demonstra que aqueles que eram considerados como “perversos” e “pederastas” passam ao longo do século XIX a produzir suas próprias verdades e saberes, tendo em vista que as subjetividades possuem uma margem de agência sobre os seus próprios processos de subjetivação, dotando-se do que o autor intitula de uma mesma vontade de saber.

Mas, tomando ao pé da letra tais discursos e contornando-os, vemos aparecer respostas em forma de desafio: está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e, se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. [...]. É a inversão estratégica de uma “mesma” vontade de verdade. (FOUCAULT, 2018, p. 350-351).

Como exposto, esse cenário não indica que essas sexualidades não trarão para suas condutas e experiências os elementos oriundos de sistemas de normativos fundamentados, por exemplo em processos de diferenciação sexual heterocentros e generificados, pois segundo Foucault (2018) e Butler (2019) não existem subjetividades para além ou antes do poder, uma vez que elas operam suas dissidências se assentando sobre o regime de poder do dispositivo da sexualidade e dos seus saberes.

A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o sexo não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se com uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, circular, diferenciar os corpos que controla. O “sexo” é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo (BUTLER, 1993, p. 1, tradução livre⁵¹).

Esse arcabouço teórico fornece uma ótica epistemológica que aparta esta exploração etnográfica de um debate determinístico que se basearia em constatar as performances das dissidências sexuais na qualidade de experiências integralmente transgressoras ou totalmente normativas, considerando que essa visão sociológica estabelece uma lente analítica que permite o pesquisador vislumbrar e se indagar em que intensidade essas sexualidades dissidentes operam conexões com os componentes da normalidade e simultaneamente se caracterizam através de elementos que produzem inflexões sobre o dispositivo da sexualidade e os seus saberes. Desta forma, sinalizo que “não se trata mais de opor vinculamento e desvinculamento, mas bons e maus vínculos, não há mais do que um meio para decidir a qualidade desses laços: perguntar-se o que eles são, o que fazem, [...]” (LATOUR, 2016, p. 71).

Contextualizando para a realidade empírica de um fenômeno social como a *Feminização “Forçada”*, esse prisma teórico auxilia a compreender os estilos de vida das informantes desta pesquisa e dos seus *escravos* de modo a não inseri-los em observações que os alocariam como sujeitos que reforçam estruturas de opressão, como algumas vertentes feministas apresentadas por Rubin (2017) alegam sobre o BDSM, mas sim, refletir sociologicamente sobre a agência

⁵¹ *The category of “sex” is, from the start, normative; it is what Foucault has called a “regulatory ideal.” In this sense, then, “sex” not only functions as a norm, but is part of a regulatory practice that produces the bodies it governs, that is, whose regulatory force is made clear as a kind of productive power, the power to produce - demarcate, circulate, differentiate - the bodies it controls. Thus, “sex” is a regulatory ideal whose materialization is compelled, and this materialization takes place (or fails to take place) through certain highly regulated practices. In other words, “sex” is an ideal construct which is forcibly materialized through time.*

dessas pessoas e compreender como são negociados, experienciados e roteirizados os caracteres de diferenciação social fundamentados sobretudo em desigualdades de gênero.

Nessa lógica e se fundamentando nas considerações de Anne McClintock (1993), é viável compreender o BDSM e o seu conjunto de práticas em geral, como performances de gênero e sexualidade que têm como base componentes sociais e culturais advindos de esferas que estão para além dos contextos consensualmente teatralizados e fetichizados, de modo que os adeptos ao BDSM roteirizam desigualdades presentes no mundo social, encarnando para suas performances lógicas que possuem referências, por exemplo, escravocratas, patriarcais, raciais, sexistas, militares e coloniais⁵² (MCCLINTOCK, 2010; SONTAG, 1974).

Baseando-se em McClintock (1993; 2010), podemos refletir sobre como o BDSM em geral traz para o seu universo fetichista inúmeras práticas que se fundamentam em desigualdades oriundas de sistemas normativos que interseccionam hierarquias de classe, gênero, sexualidade, raça, dentre outras. Ao passo que se encenam consensualmente tais ambientações, esse arcabouço erótico explicita a não naturalidade das relações sociais de diferenciação, o que executa consequentemente inflexões sobre o dispositivo da sexualidade ao desnaturalizar as desigualdades sociais e os papéis promulgados por elas, cenário que ao mesmo tempo não deixa de absorver empréstimos dos mesmos regimes de poder que simultaneamente se desloca.

Como teatro, S/M empresta seus apetrechos, seus trajes, sua decoração (cordas, correntes, vendas) e suas cenas (quartos, cozinhas, masmorras, conventos, prisões, impérios) das culturas cotidianas do poder. À primeira vista, então, S/M parece um servo do poder ortodoxo. Ao contrário, com sua ênfase exagerada sobre os trajes e cenas o S/M encena o poder social de forma roteirizada e ainda como permanentemente sujeito a transformações. Como um teatro da conversão, o SM reverte e transmuta os significados sociais que toma de empréstimo, ainda também sem finalmente pisar fora do encantamento do seu círculo mágico. No S/M, o paradoxo é desfilado, e não solucionado. [...] SM encena o poder social como contingente e constitutivo ao mesmo tempo, sancionado nem por destino nem por Deus, mas pela convenção e invenção social, e aberto, então, à mudança histórica. [...] A parafernália do SM (botas, chicotes, correntes, uniformes) é a parafernália do poder de estado, punição pública convertida em prazer privado. SM encena o poder social de frente para trás, visivelmente encenando hierarquias, diferença e poder, o irracional, o êxtase e a alienação do corpo como o centro da razão ocidental, então revelando a lógica imperial do individualismo, mas também irreverentemente recusando-a como destino (MCCLINTOCK, 1993, p. 89-91, tradução livre⁵³).

⁵² A própria mobilização do termo *escravo* é um exemplo profícuo para pensarmos o quanto o BDSM faz alusão à contextos coloniais, militares e imperialistas.

⁵³ *As theater, S/M borrows its decor, props, and costumery (bonds, chains, ropes, blindfolds) and its scenes (bedrooms, kitchens, dungeons, convents, prisons, empires) from the everyday cultures of power. At first glance,*

Nesse sentido, a *Feminização “Forçada”* se caracteriza por práticas que têm expressivamente como referências diversos elementos sociais e culturais que se pautam em desigualdades de gênero, como as relações entre homens e mulheres em um sentido sexista, conservador, colonial e hiperbólico. Baseando-se em papéis sociais generificados que se encontram em nossas sociedades e culturas, a *Feminização “Forçada”* decodifica o papel de passividade e obediência como algo referente à um suposto “universo feminino” natural que nesses cenários é fortemente alocado em uma zona de humilhação e ridicularização para o *escravo*, isto é, nesses âmbitos, feminizar um homem denota inferiorização, como se para um homem, o fato de aparentar-se uma mulher fosse estopim para atos de degradação.

Sendo assim, na *Feminização “Forçada”*, o sujeito *submisso* é um homem que deve portar gestos corporais e condutas que têm como base componentes normativos sobre a categoria “mulher”, comportamentos esses que se estabelecem nesses ambientes em performances fetichistas que denotam inferioridade para tudo aquilo que é referente à um ideal “universo feminino” e que manuseiam como base para humilhação tudo que diz respeito à uma feminilidade caricatural.

[...], os “mundos” femininos e masculinos são colocados em lados opostos, sendo o feminino subjugado ao masculino. O masoquismo e a feminização são diretamente relacionados ao fator do “psicológico feminino”: a feminização é uma humilhação, mesmo consentida. É um processo que já é humilhante por si só, e a depreciação do feminino, com palavras como os mencionados, efetiva uma dupla humilhação (SILVA, 2015, p. 103-104).

Simultaneamente à uma significação de inferioridade em relação ao “ser feminino” ou ao “aparentar-se mulher” dada para o *escravo feminizado*, essa mesma feminilidade inferiorizada nele é positivada para a *Dominadora*, sendo alocada nos discursos das informantes desta pesquisa em caracteres de transgressão e empoderamento da mulher. Isso quer dizer que o “universo feminino” é alocado em âmbitos em que o manuseia para intentos de humilhação e

then, S/M seems a servant to orthodox power. Yet, on the contrary, with its exaggerated emphasis on costume and scene, S/M performs social power as scripted, and hence as permanently subject to change. As a theater of conversion, S/M reverses and transmutes the social meanings it borrows, without finally stepping outside the enchantment of its magic circle. In S/M, paradox is paraded, not resolved. [...] S/M performs social power as both contingent and constitutive, as sanctioned neither by fate nor by God, but by social convention and invention, and thus as open to historical change. [...] The paraphernalia of S/M (boots, whips, chains, uniforms) are the paraphernalia of state power, public punishment converted to private pleasure. S/M plays social power backward, visibly staging hierarchy, difference and power, the irrational, ecstasy, and the alienation of the body as being at the center of western reason, thus revealing the imperial logic of individualism, but also irreverently refusing it as fate.

ridicularização, ao mesmo tempo em que é utilizado para destacar um suposto poderio feminino e natural das mulheres.

Nessa outra lógica, “ser mulher”, “aparentar-se uma” ou dotar feminilidade se estabelece em uma zona positiva circundada por uma ressignificação das possibilidades de si para as *Dominadoras*, na narrativa de Madame X, *uma oportunidade para o feminismo: mulheres poderosas e empoderadas e homens castos e obedientes*⁵⁴. Concomitantemente, o mesmo porte de feminilidade é decodificado em uma atmosfera de degradação e inferioridade, dado que usar adereços socialmente compreendidos como femininos ou se depilar é a medula óssea da humilhação e da ridicularização do *escravo* feminizado.

De qualquer modo, é interessante notar que mesmo para aquelas pessoas que ocupam o polo passivo das práticas de Dominação Feminina, para além da *Feminização “Forçada”*, a posição de *submissão* é constantemente significada como algo disruptivo em relação às normas sociais (SILVA, 2018). Em diversas publicações no seu *blog*, *Escrava Natural*, a colaboradora trans e lésbica, menciona que o próprio fato de ela ser *uma escrava, uma mucama em pleno o século XXI* representa uma transgressão frente à sociedade:

*Muito se fala hoje em dia sobre empoderamento, vou aproveitar para falar o que sinto, como é ser uma escrava sobre esta ótica do poder. Em primeiro lugar eu não escolhi ser uma escrava, minha alma é escrava eu nasci assim. “EMPODERAR é um verbo que significa dar poder de si próprio para outra pessoa.” Eu me dei aos meus donos! Uma mulher empoderada é a que se liberta dos padrões sociais e que ousa ser o que ela quer. Eu ousei, sou transexual e escrava assumida! Eu sou EMPODERADA sim, pois a vida toda lutei para ser quem sou a despeito de tudo e todos. Eu tenho muito ORGULHO de ter os meus Donos. E SIM SOU EMPODERADA!*⁵⁵ (publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

Ao longo de uma entrevista com Madame X, abordei em algumas perguntas a temática sobre as práticas de Dominação Feminina ou mesmo de *Feminização “Forçada”* se caracterizarem como inflexões em relação aos sistemas normativos de gênero e sexualidade, ao

⁵⁴ É importante apontar que o relato de Madame X não procura definir o que são os movimentos feministas, de modo a associá-los com propostas misândricas e supremacistas. A narrativa de Madame X se direciona para um sentido de que a Dominação Feminina e/ou a *Feminização “Forçada”* oferecem muitos benefícios ao feminismo, dado que proporcionam cenários consensuais compostos por jogos de poder em que mulheres assumem a posição de protagonismo e autonomia, tornando-se, portanto, empoderadas, assim como propõem as diversas vertentes feminismo.

⁵⁵ Em uma de nossas entrevistas, *Escrava Natural* me disse uma frase emblemática que expressa proficuamente a ambiguidade sobre a qual se insere o BDSM: *sou escrava, mas sou ser humano*. Isso indica que no estilo de vida BDSM, mesmo que alguém seja uma *escrava* e deva ser tratada como tal, essa pessoa ainda sim é considerada um ser humano e deve ser respeitada como um, mesmo que a própria palavra *escrava* denote a ausência de humanidade.

passo que fornecem para mulheres oportunidades de dotarem papéis sociais expressos em posições sexuais e fetichistas de dominância, do mesmo modo que essas experiências trazem para suas performances inúmeros elementos referentes aos regimes normativos sobre classe, gênero, raça e sexualidade.

Nesse seguimento, pude constatar que efetuar dinâmicas disruptivas em relação ao sexismo ou ao machismo não fazem parte das preocupações de Madame X ou mesmo das outras colaboradoras de pesquisa, ainda que no relato de Domme Dita durante em uma entrevista, o BDSM seja algo decodificado por ela como *transgressor*. As correlações que suas práticas poderiam fazer com estruturas patriarcais, sexistas e misóginas são reconhecidas em algumas publicações de Madame X, as quais ela realiza um debate com o feminismo, apesar de não intencional resolver essa contradição ou implicar muita preocupação no entorno do tema. Em tom debochado em um *post*, Madame X menciona:

As feministas vão dizer “É humilhante ser mulher?” Não se caso você pare para refletir sobre as mulheres que somos no mundo contemporâneo. Mas, para a mulher que desejamos que o escravo seja, será muito humilhante sim! Já foi para nós, para nossas familiares, como avós e mães, imaginem como será para eles homens! Eu já fui muitas vezes questionada sobre isso, alguns falam que o jogo de Feminização “Forçada” é arbitrário em relação ao meu discurso feminista, dado que eu reproduzo o machismo com essas práticas. Os escravos feminizados incorporam um papel de mulher extremamente submissa, modelo típico que deixamos a anos de ser. Será um desejo de vingança que se perpetua a anos entre as mulheres? Freud explicaria? (publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

Ao decorrer das entrevistas, Domme Dita e Madame X entram na conclusão de que suas práticas se configuram cenários que têm como referências desigualdades sociais expressas, sobretudo, em gênero e sexualidade. Da mesma maneira, elas igualmente visualizam que seus estilos de vida representam desvios e inflexões em relação à essas mesmas desigualdades, tendo em vista que esses contextos ressignificam posições sociais e papéis sexuais de mulheres, fornecendo-as vivências que se pautam em uma libertação do desejo em relação às amarras morais e aos parâmetros sexistas.

Sendo assim e de modo geral, pude constatar que a *Feminização “Forçada”* operacionaliza inversões táticas sobre os diversos mecanismos da sexualidade, nos termos de Foucault (2017), trazendo para o âmago dessas mesmas ressignificações os ingredientes reguladores de gênero e sexualidade que ao mesmo tempo são deslocados e distorcidos, o que permite nos direcionarmos para uma compreensão assentada na “[...] ironia desse dispositivo: é preciso acreditarmos que nisso está nossa “liberação”” (FOUCAULT, 2017, p. 174).

Se as regras que governam a significação não só restringem, mas permitem a afirmação de campos alternativos de inteligibilidade cultural, *i.e.*, novas possibilidades de gênero que contestem os códigos rígidos dos binarismos hierárquicos, então é somente no interior das práticas de significação repetitiva que se torna possível a subversão da identidade. A ordem de ser de um dado gênero produz fracassos necessários, uma variedade de configurações incoerentes que, em sua multiplicidade, excedem e desafiam a ordem pela qual foram geradas (BUTLER, 2019, p. 250).

4. RELACIONAMENTOS AFETIVOS E AMOR SOBRE A ÓTICA DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

Tendo como campo de pesquisa bens culturais da sociedade norte-americana do final dos anos 1990, Eva Illouz (1997) explora o amor e as relações afetivas visualizando que ambos, em algum nível, não mais se permeiam no que ela nomeia de pós-modernidade de um ideal de naturalidade e espontaneidade, ou seja, em um contexto contemporâneo, os sentimentos amorosos e a construção de relacionamentos afetivos cessam de se circundar por percepções de que esses fenômenos são gerados e construídos mediante aspectos naturais e acidentais⁵⁶. Sobre o universo simbólico do amor na contemporaneidade, a autora constata que os ideais de um “amor à primeira vista” e que a fantasia de que o sentimento amoroso seria algo espontâneo e irracional são substancialmente substituídos pela concepção de que essas emoções romanceadas seriam sustentadas e engendradas pelo intermédio de alguns componentes que se fundamentam sobre uma calculabilidade dos afetos e sobre uma racionalização das condutas amorosas.

Deste modo, Illouz (1997, 2011) destaca que o espectro dos relacionamentos e emoções que envolvem o amor tal qual se experienciam hodiernamente se assentam em repertórios que se baseiam em uma avaliação vigorosa de si e em uma condução racional dos sentimentos. Esse conjunto de valores tem como uma de suas origens, alguns discursos e práticas de poder do universo empresarial, de modo que os laços afetivos passam a se pautar em alguns aspectos que têm como referência as competências expectadas pelo mundo do trabalho.

Isso não quer dizer que os sujeitos que compõem laços afetivos se destituam de elementos românticos e que se fundamentam apenas em cálculos utilitários e frios na condução dos seus sentimentos amorosos, tendo em vista, por exemplo, que o campo dos afetos e a esfera e a lógica da economia são meios que se intersectam, compondo nessas junções algumas

⁵⁶ Apesar de Illouz (1997) possuir como contexto de pesquisa a sociedade estadunidense, é evidenciado ao decorrer do próximo tópico que as mesmas premissas do amor pós-moderno da socióloga se aplicam com certo vigor no cenário dos *Relacionamentos D/s* vivenciados no campo desta pesquisa.

conexões harmônicas e/ou divergentes (ADELMAN, 2011; PISCITELLI et al., 2011; ZELIZER, 2009). Tal contexto indica que a inserção de condutas racionais e pautadas no cálculo das emoções não fazem com que o sentimento ancião de um amor utópico, puro, idealizado e espontâneo se cesse na contemporaneidade⁵⁷ (ILLOUZ, 1997).

Nessa lógica, Illouz (2011) sinaliza o surgimento de uma narrativa da administração empresarial que se pautou em alguns parâmetros do que ela nomeia de competência afetiva no interior de empresas e que estipulou condutas específicas para os trabalhadores, pautando-se em uma psicologização das emoções e racionalização dos afetos. De modo homeostático, a socióloga explicita como essa atmosfera de condutas esperadas no mercado de trabalho estenderam seus efeitos para os relacionamentos amorosos, engendrando parâmetros de comportamento e repertórios para as relações amorosas.

Tais elementos expressos em uma racionalização dos sentimentos amorosos na pós-modernidade se baseiam no que Illouz (2011) intitula como “estilo afetivo” e se fundamentam em variadas condutas que idealmente são expectadas em elos afetivos contemporâneos, como: negociação e exposição das necessidades e sentimentos de cada pessoa do vínculo afetivo através de diálogos mútuos e objetivos; compatibilidade afetiva, o casal precisa combinar um com o outro no que diz respeito à gostos, metas e desejos similares; igualdade de gênero, não se deve haver hierarquias, ambas as pessoas do casal devem estar sobre o mesmo nível de igualdade de possibilidades e desejos; relacionamentos como um trabalho duro em parceria e em equipe; controle das emoções e automonitoramento de si, os sentimentos precisam ser inspecionados arduamente para a consolidação de laços afetivos; avaliação introspectiva de si e igualmente uma análise retrospectiva das experiências do passado, visando aperfeiçoar as atuais e futuras (ILLOUZ, 1997, 2011).

O “trabalho” tornou-se assim uma das metáforas de relacionamento mais amplamente utilizadas. Trabalha-se numa relação de sucesso “lançando as suas bases” e depois “construindo-a”. Os parceiros são “colegas” envolvidos em “trabalho em equipe”; a pessoa “investe” em um relacionamento para “se beneficiar” dele, e assim por diante (ILLOUZ, 1997, p. 193, tradução livre⁵⁸).

⁵⁷ Por exemplo, pelo intermédio das narrativas dos seus colaboradores de pesquisa, Illouz (1997) explicita como a calculabilidade das emoções e esse amor racional contemporâneo são visualizados por algumas pessoas com tom de desapontamento, como se esse planejamento reflexivo dos sentimentos e das relações amorosas provocasse uma fratura sobre a utopia de um amor utópico supostamente autêntico, espontâneo e natural.

⁵⁸ “*Work*” has thus become one of the most widely used metaphors for relationship. One works at a successful relationship by “laying its foundation” and then “building” it. Partners are “coworkers” involved in “teamwork”; one “invests” in a relationship in order to “benefit” from it, and so on.

Adjunto ao ideal de um amor empresarialmente orientado, Illouz (2011) explicita que as relações amorosas não se pautam somente através de um *ethos* empresarial, pois igualmente se fundamentam em uma constelação de sentidos oriundos de outras esferas sociais. A autora evidencia como discursos advindos da psicologia e também do feminismo engendraram sugestões voltadas para um aperfeiçoamento das emoções e dos relacionamentos. Sobre a narrativa do campo da psicologia, a socióloga apresenta a noção da calculabilidade das emoções e do automonitoramento das mesmas como regulamentos idealizados para se vivenciar ou para se solidificar o amor entre parceiros em um contexto contemporâneo. De uma perspectiva feminista, a autora expõe como os ideais de igualdade entre os gêneros pautados em trocas equitativas entre homens e mulheres geraram impactos sobre os modos que se vivencia o amor, gerando, inclusive, algumas problemáticas para se sustentar o ideário de igualdade entre gêneros em relacionamentos afetivos (ILLOUZ, 2012, 2014).

O controle dos sentimentos, o esclarecimento dos valores e metas do sujeito, o uso da técnica do cálculo e a descontextualização e objetificação dos sentimentos, tudo isso acarreta uma intelectualização dos laços íntimos, em nome de um projeto moral mais amplo: criar igualdade e trocas equitativas, mediante o engajamento numa comunicação verbal implacável sobre as necessidades, os sentimentos e as metas do indivíduo. Tal como nas empresas, aqui a comunicação é um modelo de e um modelo para que ao mesmo tempo descreve e prescreve relações. A incompatibilidade sexual, a raiva, as brigas por dinheiro, a distribuição desigual das tarefas domésticas, a incompatibilidade de gênios, os sentimentos secretos, os acontecimentos da infância - tudo isso tem que ser compreendido, verbalizado, discutido, comunicado e, dessa maneira, segundo o modelo da comunicação, resolvido (ILLOUZ, 2011, p. 52).

Todos esses parâmetros regulamentários oriundos de um mosaico complexo de discursos tanto orientados pelo mercado quanto mediados por narrativas científicas e de movimentos sociais passam a promover a possibilidade do surgimento de palcos intensivos de inspeção, introspecção e retrospectão sobre as emoções, como se através dessas viagens psíquicas pudesse ser possível encontrar o diagnóstico e a solução para conflitos amorosos, isto é, como se pelo intermédio desses fundamentos racionalizados os amantes pudessem administrar os seus sentimentos e se aprimorar na esfera dos afetos, resolvendo suas problemáticas afetivas atuais e futuras.

Conforme Illouz (2011, 2014), esses discursos estão massivamente presentes em bens culturais, como em livros impressos ou em conteúdos de autoajuda na internet. Ainda de acordo com a pesquisadora, tal contexto cultural não indica que as pessoas serão determinadamente orientadas ou integralmente levadas a agirem de acordo com esses parâmetros normativos,

considerando-se a inteligibilidade que cada uma das pessoas pode efetuar sobre esse ideário cultural, o que não indica ao mesmo tempo que ele não possua um poder de influência sobre nossas condutas e sentimentos amorosos (ILLOUZ, 1997, 2011).

Nesse seguimento, Illouz (1997, 2011, 2014) expõe que o amor e a solidificação de relacionamentos amorosos aparecem como sinônimos de autorrealização pessoal, ao passo que, possuir uma relação aparece contemporaneamente como uma possibilidade de ser reconhecido e ser alguém especial para outra pessoa. Em suma, pautando-se nesse ideário, o amor viabilizaria ao sujeito um processo de tornar-se um indivíduo único em um mundo permeado por processos de flexibilizações e volatilidades das relações sociais.

Essas inseguranças sobre a identidade advêm segundo Illouz (2011, 2014), tanto de processos de flexibilização oriundos de uma reestruturação produtiva do mundo do trabalho, quanto de modificações progressistas na área de gênero e sexualidade que acentuaram os ideais de igualdade, liberdade e autonomia do indivíduo. Tal contexto não sinaliza que a socióloga se posicione de modo contrário às transformações sociais elencadas pelo feminismo e pela revolução sexual do século XX. De outro modo, compreendo que a autora evidencia que dado as reformas neoliberais sobre a esfera do trabalho e as progressistas sobre o campo do gênero e da sexualidade, acentuam-se processos do que Stuart Hall (2006) nomearia de “descentramento do sujeito”, cenários que fazem com que o ideal de identidade fixa e unitária se perca relativamente, o que gera consequentemente contextos em que as pessoas buscam remontagens de si nesse quebra-cabeças do “eu” na pós-modernidade. Nesse caso específico, viver o amor, ou possuir experiências romanceadas possibilitaria o sujeito de se tornar novamente um “indivíduo” frente à um mundo fluído e descentrado.

Além dos enredos românticos aparecerem como elementos associados à realização pessoal e ao sucesso existencial, eles igualmente se manifestam em uma atmosfera ideária de transgressão social que se assentam na imaginação de um suposto mundo melhor e de uma libertação de si frente às amarras morais, como se experimentar o amor pudesse gerar cenários de expansão e desenvolvimento das possibilidades de si em um sentido hedonista ou mesmo em uma perspectiva de um empreendedorismo de si (ILLOUZ, 1997, 2014).

Uma das fantasias que o romance cumpre reside nesta esperança secreta: que ao consagrar o nosso valor interior, o amor faz da pessoa comum que somos um ser único. O amor permite ao indivíduo moderno, por assim dizer, triunfar

sobre a competição; torna-o único, diferente, distinto dos outros (ILLOUZ, 2014, p. 74, tradução livre⁵⁹).

Portanto, culturalmente, o amor na contemporaneidade é um sinônimo de realização e satisfação pessoal em um sentido de que se tudo ocorre exitosamente no campo dos afetos, todas as outras áreas da vida do sujeito, como por exemplo, a profissional e a social, igualmente serão proficuamente bem vividas, como se através de um amor bem experienciado o amante pudesse gerar efeitos positivos sobre todas as outras esferas que permeiam sua vivência social.

De modo geral, o sucesso está no que é prometido: uma receita para potencializar a ação do indivíduo em todos os campos de atuação, desde a vida privada – nos relacionamentos afetivos e amorosos – até na estima coletiva e no trabalho, tornando-o capaz de ter total controle sobre si e sobre os outros e de ser permanentemente disciplinado para atingir o “sucesso” dentro dessa estrutura (GAIAD, 2019, p. 41).

De qualquer modo, Illouz (1997, 2011, 2012) demonstra como essa mesma racionalização dos afetos pautada em referências advindas do mundo do trabalho não necessariamente solucionam os problemas enfrentados nos relacionamentos afetivos, mas de modo perverso, insere as mesmas incertezas e angústias oriundas das sociabilidades e relações travadas em um universo laboral flexível e orientado por políticas neoliberais⁶⁰. Baseando-se em Illouz (2012), Maraisa Gardinali Gaiad (2019) ressalta que:

A liberdade sexual modificou o que a autora chama de “ecologia de escolha”, pois multiplicou consideravelmente as amostras de escolha amorosa. A ecologia de uma escolha corresponde às restrições objetivas (estrutura espacial e sociológica do ambiente) que fazem com que se escolha determinado objeto ou cônjuge no lugar de outro. A liberdade sexual, portanto, organiza, enquadra e legitima as desigualdades, bem como faz a liberdade econômica (p. 33).

Toda essa conjuntura de incertezas pode levar algumas pessoas a procurar por bens culturais circundados pela temática da autoajuda para resolver seus conflitos e incertezas

⁵⁹ *L'un des fantasmes qu'accomplit le roman réside dans ce secret espoir: qu'en consacrant notre valeur intérieure, l'amour fasse de la personne ordinaire que nous sommes un être singulier. L'amour permet pour ainsi dire à l'individu moderne de triompher de la concurrence ; il le rend unique, différent, distinct des autres.*

⁶⁰ Algumas pesquisas contemporâneas realizadas em aplicativos de relacionamentos como as de Richard Miskolci (2014, 2017) e a de Larissa Pelúcio (2019) anunciam a existência de uma economia do desejo que se manifesta em um mercado afetivo de aplicativos para relacionamentos nos quais vemos casos empíricos de relações que são atravessadas por repertórios de mercado. À título de exemplo, ao estudar aplicativos para relacionamentos heterossexuais, Pelúcio (2019) constata a presença do que ela nomeia de “amores neoliberais”, “[...] por reproduzirem na esfera íntima valores que estruturam o mercado financeiro e o mundo do trabalho precarizado.” (PELÚCIO, 2019, p. 203).

amorosas, ou seja, buscam-se mercadorias romanceadas para poder fortificar, metrificar e qualificar as relações em que se vive, sobretudo na internet, de modo a buscar uma felicidade prometida que seria auferida pelo intermédio da racionalização das emoções (ILLOUZ, 2011, 2014; CABANAS, ILLOUZ, 2019).

A narrativa terapêutica da autorrealização tem ampla penetração por ser praticada numa grande variedade de locais sociais como grupos de apoio, programas de entrevistas, aconselhamento, programas de reabilitação, seminários remunerados, sessões terapêuticas ou a internet: todos são lugares para a atuação e reatualização do eu (ILLOUZ, 2011, p. 72).

Em suma, Eva Illouz nos fornece um complexo arcabouço teórico para compreendermos o amor e os relacionamentos na contemporaneidade de modo a ponderar sobre em que intensidade essa emoção e os seus vínculos se permeiam pelo intermédio de repertórios que têm como origem o mundo laboral. Os efeitos dessa atmosfera empresarial conduzem a criação de um estilo afetivo que denota as formas pelas quais culturalmente e idealmente se espera ser performado pelos sujeitos que se inserem em relações que envolvem amor. Esse imaginário social se solidifica em bens culturais, como em mídias impressas, analógicas e digitais que prescrevem medidas para as pessoas se aprimorem e se avaliem na esfera dos afetos, calcando-se em uma racionalização e calculabilidade das emoções.

No tópico a seguir, exponho uma descrição sobre o que são os *Relacionamentos D/s* e trago algumas reflexões para pensarmos esse elo na Dominação Feminina enquanto um fenômeno que apesar de se enunciar por vezes como um cenário que está para além da sociedade e dos seus valores, não deixa de veicular e consumir os mesmos parâmetros regulamentários do amor pós-moderno. À princípio, adianto que as emoções romanceadas no BDSM racionalmente empreendem tentativas de se estabelecerem através de aspectos considerados como positivos para o amor, como a racionalização dos afetos e o cálculo dos sentimentos, ao passo que visam se distanciar de componentes negativos que *abaunilhariam*⁶¹ os laços, como ciúmes e mentiras, o que nos leva a crer que “O amor BDSM, portanto, dialoga com o amor romântico, procurando afastar-se do que os nativos identificam como sentimentos negativos.” (SILVA, 2018, p. 147).

4.1. QUERO UM ESCRAVO QUE VIVA EM CÁRCERE, SOMENTE PARA MIM, NASCIDO DE MIM: OS RELACIONAMENTOS D/S

⁶¹ O neologismo expresso no verbo *abaunilhar* se refere ao ato de inserir elementos oriundos de relacionamentos afetivos convencionais em *Relações D/s*, o que segundo o campo, estraga ou destrói os laços de amor no BDSM.

Os elos afetivos na comunidade BDSM se enquadram de modo distinto em relação aos parâmetros que permeiam um relacionamento monogâmico convencional. Nessa conjuntura, os praticantes podem se caracterizar de maneira flexível acerca de se constituir de parceiros fixos ou de se munir de posições e práticas sexuais convencionais, negociando e modificando suas relações de acordo com cada contexto de vínculo entre os dois adeptos. Especialmente, os apreciadores desse universo buscam se distanciar das performances regulares de gênero e sexualidade, nomeando as experiências sexuais dos regimes normativos como *baunilha*.

Em contexto brasileiro, a tese de doutorado intitulada “Sob a égide do chicote: uma leitura acerca do amor na contemporaneidade” de Silva (2018) analisa especificamente o amor e os relacionamentos afetivos no cenário do BDSM brasileiro. A pesquisa de Silva (2018) teve como objetivo compreender as concepções de amor empregadas por praticantes de BDSM nos relacionamentos amorosos que eles travam entre si. Pelo intermédio de uma etnografia em contextos digitais, a autora constatou a existência de um formato de amor com delineamentos específicos do campo do BDSM, mas que possui similarmente como referência as noções de romance esperadas para as relações afetivas que se solidificam em outros âmbitos externos ao BDSM (SILVA, 2018).

Desta forma, Silva (2018) destaca que o estilo de vida e o amor vivenciado por essas pessoas trazem diferenças e tipicidades notáveis em relação aos sistemas normativos de gênero e sexualidade, assim como igualmente emprestam as inferências de um mesmo universo simbólico e romântico que paira em geral sobre relacionamentos convencionais. No campo singular da minha pesquisa, pude encontrar configurações semelhantes às da pesquisa de Silva (2018) no que diz respeito aos afetos, ao ideal de amor e aos relacionamentos travados entre as *Dominadoras* e os seus *escravos*⁶².

Nos contextos de BDSM ou mesmo de Dominação Feminina surgem algumas relações afetivas singulares, as quais o campo denomina como *Relacionamentos D/s*. Segundo Silva (2018), os *Relacionamentos D/s* dizem respeito à um acordo entre a *Rainha* e o *escravo* para que a hierarquia de *Dominação* e *submissão* entre eles se estenda para além de encontros e sessões pontuais, ou seja, mesmo fora de um cenário erótico ou de uma prática de Dominação Feminina, a *Dominadora* passa a ser um agente imperativo sobre a condução da vida do *escravo*, e nesse sentido, empreende diversas técnicas fetichistas de *Dominação e submissão*

⁶² Apesar de semelhanças entre os dados encontrados por Silva (2018) e os desta pesquisa, sinalizo que possui um marco teórico de análise centrado nas pesquisas de Eva Illouz. Apesar de Silva (2018) utilizar algumas vezes as conclusões de Illouz como referência, a pesquisadora se pauta centralmente em outros autores para sua análise, como Anthony Giddens e Jurandir Freire Costa.

expressas em *adestramentos, treinamentos e punições* no dia-a-dia da sua *peça*. Operando como uma espécie de namoro ou de casamento, mas com outros sentidos e práticas implicadas, o *submisso* se insere em uma configuração fetichista em que se subjugua à sua *Rainha* durante alguns dias, durante um final de semana ou mesmo no que o campo denomina de *24/7*.

Conforme Silva (2018), os *Relacionamentos D/s 24/7* aludem a contextos nos quais consensualmente se estabelece uma relação de poder entre *Dona* e *escravo* que se estende por 24 horas por dia e 7 dias da semana⁶³. Entretanto, essas relações não indicam que a *Dona* literalmente empreenda atos de *Dominação* e passe a administrar o seu *escravo* durante o dia todo ou integralmente em suas ações, pensamentos e responsabilidades cotidianas. De acordo com o campo de Silva (2018), essa subjugação da *peça* não ocorre inteiramente, considerando por exemplo, necessidades essenciais que ela possui e que a *Dona* não deve interferir, como trabalho e família⁶⁴.

Em suma, o controle e a gestão do *escravo* efetuado pela *Dona* são executados para além de sessões e cenários delimitados de *Dominação* e *submissão*, podendo se expandir para outras atividades rotineiras do *brinquedo*, como modos de vestimenta, alimentação, expressões corporais, formas de entretenimento, assim como ocorre nas práticas de *Feminização “Forçada”* já expostas anteriormente (SILVA, 2015; SILVA, 2018).

Apesar de não ser um consenso na comunidade BDSM, como evidencia Silva (2018), por vezes, os sujeitos que vivenciam os *Relacionamentos D/s* evocam a necessidade de que esses vínculos devam envolver amor e afeto. Em singular, os textos que relatam essas relações nos *blogs* em que se realizou esta pesquisa caracterizam as *Relações D/s* como fenômenos saturados de sentimentos amorosos, sendo as emoções romanceadas imprescindíveis ou até pilares para se fundamentar concretamente esse tipo de união denominada pelo campo como simbiótica.

Embora Escrava Natural mencione que o afeto e amor despertado em relação à sua *Dona* ocorreu de modo espontâneo e natural, nos textos de Madame X e Domme Dita, e mesmo em alguns outros relatos de Escrava Natural, os *Relacionamentos D/s* surgem como fenômenos que só podem ser construídos mediante processos árduos, demorados e que levam bastante tempo e paciência, isto é, auferir esse tipo de relacionamento no BDSM ou mesmo na *Dominação Feminina* não ocorre pelo intermédio de dinâmicas efêmeras, não racionalizadas e calculadas.

⁶³ É relevante mencionar que nem todo *Relacionamento D/s* é *24/7*.

⁶⁴ À título de exemplo, dado incumbências pessoais e profissionais, os praticantes de BDSM que foram informantes de Silva (2018) relatam que é difícil manter um *Relacionamento D/s* que seja de fato *24/7* (24 horas por dia e 7 dias da semana). No máximo, essa configuração se estende por alguns dias, ao longo de um final de semana ou ao decorrer de um feriado prolongado.

Desta maneira, o ideal do amor contemporâneo descrito por Illouz (1997, 2011) que se plasma enquanto um universo simbólico a ser consumido na pós-modernidade por casais que se encontram para além do universo BDSM estende seus valores igualmente para o cenário desta pesquisa e para os relacionamentos que se buscam estabelecer nesse meio. De acordo com as colaboradoras, possuir um *Relacionamento D/s* profícuo e estável não é algo que surge de modo automático ou instintivo, pois é necessário um dispêndio e uma entrega vigorosa de ambos os *lados do chicote* para solidificar essas configurações, trabalho esse realizado mediante: intensos diálogos entre *Dominadora* e *submisso*; demasiadas negociações entre ambos; exposição dos limites e explicitação das metas e necessidades dos amantes; avaliação racional da conduta de cada um, feita pelo intermédio de introspecções e retrospectões sobre os modos que cada um agem nos relacionamentos e nas práticas, dentre outros fatores que circundam o que Illouz (2011) intitula de estilo afetivo⁶⁵.

Nesse sentido, os *Relacionamentos D/s* aparecem nos relatos dos *blogspots* analisados como configurações que só podem ser alcançadas mediante à um conjunto de prescrições que se pautam em uma racionalização e em uma calculabilidade das emoções que pode ser feita através de uma comunicação objetiva e clara entre os dois praticantes, de modo que nesses cenários os *escravos* exponham seus limites e as *Rainhas* expressem suas metas em relação ao relacionamento.

De acordo com Domme Dita, para o aperfeiçoamento das práticas de Dominação Feminina e dos *Relacionamentos D/s*, é preciso que ela seja *o pai, o padre, a mãe, o psicólogo e o médico do escravo*, de modo que todas as suas dificuldades, necessidades e limites devam ser evocadas, inspecionadas e monitoradas racionalmente, além de serem retrospectivamente avaliadas pautando-se em experiências ou traumas do passado. Ademais, é expectado uma competência afetiva entre os dois, que conseqüentemente necessitam de um tempo longo para se conhecer e vislumbrar se o relacionamento dará certo. Nessa lógica, ambos precisam se entregar profundamente para a construção desse vínculo, no relato das *Dominadoras: fazer um trabalho duro e em equipe*.

A “entrevista romântica” faz com que o encontro romântico se concentre na troca de conversas, ao mesmo tempo que torna a conversa a ferramenta pela

⁶⁵ Como exposto mais adiante neste trabalho, a avaliação racional de si pode ser promovida através da escrita e releitura das postagens dos *blogs*, momentos em que se pode rememorar contextos de modo a corrigi-los e aprimorá-los para experiências do futuro.

qual se identifica o parceiro verdadeiramente compatível (ILLOUZ, 1997, p. 235, tradução livre⁶⁶).

De modo similar ao encontrado por Illouz (1997, 2011, 2014) sobre os valores que circundam o amor na pós-modernidade, o ideário das *Relações D/s* encontrados nos *blogs* explorados igualmente preconizam que é através dessas configurações ditas pelo campo como simbióticas que se é possível auferir uma autorrealização e felicidade pessoal, de maneira que é a partir desses contextos que o sujeito se tornaria único e reconhecido como alguém especial. Esse ideário aparece em diversos relatos de Escrava Natural, como: *eu só nasci quando entreguei minha vida aos meus Donos*, ou mesmo no discurso de Madame X: *o que seria de uma Rainha sem o seu escravo?* Ademais, os *Relacionamentos D/s* se pautam em uma perspectiva de libertação de si frente às barreiras morais, como se *entregar a vida à Dona* fosse sinônimo de *empoderamento feminino*, como aparece nos relatos de Escrava Natural e também no discurso da personagem *submissa* do *best-seller* “*Fifty Shades of Grey*”⁶⁷ analisado por Illouz (2014).

Ainda baseando-se em Illouz (1997, 2012), nem sempre essa racionalização ou mesmo essa romantização do amor como algo transgressor solucionam os conflitos que surgem nesses contextos. Por exemplo, os *blogs* das informantes desta pesquisa são palcos de desabafos sobre relacionamentos que *não deram certo* e que geraram sentimentos de constrangimento e frustrações nas praticantes.

Além disso, a hierarquia estabelecida entre *Rainha* e *escravo* nesses cenários denota as mesmas correlações com sistemas normativos que se estabelecem para além do BDSM, como demonstrado no tópico sobre as práticas de *Feminização “Forçada”*. Tais contextos erotizam desigualdades sociais expressas em disparidades de gênero e sexualidade que encontramos no entorno do nosso mundo social, no que diz respeito sobretudo às posições e papéis sociais destinados aos homens e mulheres em configurações amorosas.

De modo invertido, mas ainda resguardando elementos normativos, os *Relacionamentos D/s* na *Dominação Feminina* inserem a mulher em posições de poder, como se ela ocupasse uma persona masculina convencional, conservadora e tradicionalista nesses contextos, ao passo que a pessoa que se subjugua se estabelece em uma zona de inferioridade e disposta à intentos de humilhação e degradação, personificando de certo modo uma feminilidade passiva que é

⁶⁶ The “romantic interview” makes the romantic encounter focus on the conversational exchange at the same time that it makes conversation the tool through which one identifies the truly compatible partner.

⁶⁷ No Brasil, o livro recebeu o título de “50 Tons de Cinza”.

manuseada com o objetivo de expressar as diferenças entre *escravos* e *Rainhas*, destacando o poderio das últimas e a inferioridade dos primeiros.

De acordo com Illouz (2014), as relações afetivas do BDSM apresentadas no *best-seller Fifty Shades of Grey* empreendem tentativas de apresentar que essas configurações mantêm prescrições que são preconizadas para os relacionamentos na contemporaneidade, como as da ideia de autonomia, igualdade, consensualidade e individualidade. Esse mesmo romance igualmente apresenta uma relação amorosa BDSM e as experiências romanceadas do casal como sinônimos de autorrealização, satisfação pessoal e expansão das possibilidades de si, em que a soberania do “eu” e seus critérios de escolha pautados na consensualidade não são apagados em uma relação hierárquica de *Dominação e submissão*, pelo contrário, são fortificados e aprimorados.

O BDSM acompanhou o desenvolvimento do feminismo e avanço da igualdade de gêneros ao invés de seu recuo, o que sugere que ele reflete uma mudança da sexualidade para o campo da política de identidade, baseada na promoção dos direitos humanos e valores de autorrealização (ILLOUZ, 2014, p. 91, tradução livre⁶⁸).

Tal contexto nos leva a ponderar sobre como as *Relações D/s* observadas no campo desta pesquisa se assentam sobre os mesmos ideais do livro. Ainda que o campo desta pesquisa e o do BDSM em geral, rejeite o romance analisado pela socióloga marroquina, observa-se que o campo desta pesquisa resguarda diversos elementos que aparecem na obra para o seu âmago, de modo que as *Relações D/s* apresentadas nos *blogspots* explorados são narradas como fenômenos que estão acima da ordem e que se caracterizam de modo transgressor, ao promover um amor profuso, igualitário que empodera as pessoas, além de ser uma configuração assentada sobre critérios de consensualidade, elementos estes tão caros à concepção de indivíduo para o liberalismo.

De modo similar às conclusões de Illouz (2014), o romance BDSM se manifesta nos relatos coletados como meios pelos quais pode se viver um *mundo melhor*, isto é, ao passo que se tem um *amor verdadeiro*, à medida em que *a entrega de Dona e escravo ocorrem perfeitamente para a relação* e *as práticas de Dominação são aperfeiçoadas*, todas as outras esferas da vida dessas pessoas de maneira concomitante serão profícuas, sadias e bem-vividas. Nos relatos de Domme Dita durante uma entrevista, tais considerações ficam mais evidentes:

⁶⁸ *Le BDSM a accompagné le développement du féminisme et les progrès de l'égalité des sexes, plutôt que son recul, ce qui suggère qu'il reflète un déplacement de la sexualité vers le champ de la politique de l'identité, fondé sur la promotion des droits humains et des valeurs de réalisation personnelle.*

Claro, uma pessoa que faz o que gosta com quem gosta, é sempre benéfico, tanto na vida familiar quanto na vida profissional. Pessoas felizes trabalham melhor. E eu tenho sorte com isso, pois sou feliz em ambas as áreas, sexual e profissional e também no ambiente familiar e pessoal, inclusive na relação com amigos. Se vc faz o que gosta, uma coisa acaba melhorando a outra. Da mesma forma se vc não faz o que gosta, as coisas podem piorar, pois já está aborrecido com uma coisa, vai fazer outra emburrado. O ciclo só faz piorar (relato de entrevista realizada em junho de 2021).

Conclui-se, portanto, que as *Relações D/s* vivenciadas na Dominação Feminina emprestam os elementos de um ideal de amor romântico pós-moderno que se situa em relações amorosas convencionais. Longe de se distanciar integralmente dos componentes idealizados e contemporâneos sobre o amor, essas pessoas trazem para o seu âmago uma mesma receita que se fundamenta em uma racionalização do romance e das relações e em uma calculabilidade das emoções e das condutas afetivas. Deste modo, podemos destacar pelo intermédio dos termos de McClintock (1993, p. 89) que o BDSM não “pisa fora do seu círculo mágico”, pois:

Fazer amor é uma forma de materializar e reproduzir estruturas sociais e culturais [...]. A sexualidade é [...] uma maneira de ratificar as hierarquias e a boa moral (mesmo as práticas transgressivas são definidas socialmente, a noção de transgressão tem referência na norma) (ILLOUZ, 2014, p. 54, tradução livre⁶⁹).

5. POR QUE NÓS POSTAMOS?⁷⁰ - OS OBJETIVOS QUE RONDAM OS USOS DOS BLOGSPOTS

Miller e Horst (2015) nos proporcionam algumas reflexões metodológicas para etnografias efetuadas em contextos digitais destacando a relevância da aplicação de um relativismo cultural e um holismo etnográfico ao decorrer do desenvolvimento de nossas etnografias em/dos/sobre os contextos digitais. Essa reflexão insere uma perspectiva de que não existe um uso universal e unitário da internet e seus mecanismos. Isto é, de acordo com cada região geográfica, grupo de pessoas, contextos culturais e políticos, se engendram manuseios distintos de redes sociais e diversas outras ferramentas encontradas nos contextos digitais (MILLER et al., 2019).

⁶⁹ *Faire l'amour est une manière de matérialiser et de reproduire des structures sociales et culturelles [...]. La sexualité est [...] une manière de ratifier les hiérarchies et la bonne moralité (même les pratiques transgressives sont définies socialement, la notion de transgression n'ayant de sens qu'en référence à une norme).*

⁷⁰ Esse título faz referência ao projeto de pesquisa “*Why we post?*” de Daniel Miller. Disponível em: <<https://www.ucl.ac.uk/why-we-post/>>. Acesso em: 29 out. 2021.

Desse modo, apesar de ser possível estabelecer alguns padrões de usos que são persuadidos demasiadamente de acordo com certas conjunturas que permeiam determinados contextos digitais, não é prudente generalizarmos os modos de usos, tendo em vista que a atribuição de manuseios singulares e significados subjetivos delegados às mídias podem ser dispostos de acordo com cada país, região, cidade, grupo e indivíduo (MILLER, SLATER, 2004; MILLER, et al., 2019). Além disso, enquanto pesquisadores devemos contextualizar o nosso campo de pesquisa, estabelecendo um holismo etnográfico que explore os ambientes em que se inserem os usuários de alguns contextos digitais em específico (HORST, MILLER, 2012; MILLER, HORST 2015).

Mediante essas constatações e por meio de entrevistas e trabalhos de campo realizados durante a pesquisa, visualizei que as finalidades empregadas na criação de conteúdos digitais sobre práticas e relacionamentos de Dominação Feminina se estabelecem em um mosaico complexo de significações, nas quais cada uma delas atribuem sentidos diferentes aos seus manuseios. De qualquer maneira, existem pontos de convergência em relação às finalidades que cada uma delas empregam aos usos de *blogspots*. Sendo assim, apresento a seguir os objetivos que as *Dominadoras* inferem sobre a utilização de *blogspots*.

5.1. EU NÃO PRECISO IR ATRÁS DE NOVOS BRINQUEDOS, ELES SIMPLEMENTE BROTAM: OS BLOGS ENQUANTO PRODUTORES DE UMA VISIBILIDADE DE SI E VIABILIZADORES DE NOVOS ENCONTROS

Machado (2017) destaca que anteriormente ao advento das mídias digitais, ou seja, nos anos 1980 e no início dos anos 1990, os apreciadores de BDSM e do universo fetichista norteavam suas condutas eróticas pela literatura erótica de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo e criavam contatos para a realização de práticas através de revistas e classificados pornográficos. A ausência de mecanismos digitais que ampliam e facilitam contemporaneamente o encontro entre os praticantes de BDSM ou a escassa existência de locais especializados para a realização de práticas implicavam alguns limites para possibilidades de subjetivação, reconhecimento de si enquanto um adepto e encontro com pessoas com desejos e fantasias similares⁷¹.

⁷¹ A Escrava Natural me relatou que possuía desejos de servir e ser dominada por uma mulher desde sua infância e adolescência. Durante os anos 1980, a única maneira que ela tinha para entrar em contato com o universo BDSM era por meio de livros estrangeiros e classificados em revistas. Ela levou trinta anos para encontrar sua *Rainha*, pessoa com a qual ela possui um relacionamento e se sente finalmente realizada. O contato entre as duas foi viabilizado através do *Facebook* de Escrava Natural há alguns anos atrás.

No final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 a comunidade BDSM começou a se mobilizar expressivamente através da internet, sendo esses meios digitais um dos fatores que explica o crescimento e desenvolvimento do conglomerado de praticantes no Brasil, pois com a expansão das possibilidades do uso civil da internet houve uma eclosão de instrumentos presentes nesses meios que eram expressos em fóruns, *blogspots*, salas de bate papo, nos quais os adeptos buscavam trocar e compartilhar informações sobre o universo BDSM e igualmente encontrar parceiros para realizar seus desejos (FACCHINI, 2008; MACHADO, 2017). Esse panorama de utilizações constantes e rotineiras dos contextos digitais por parte dos praticantes de BDSM não se evadiu ao decorrer do tempo, sendo ainda um dos principais canais de comunicação entre os adeptos, sobretudo para aqueles que não se encontram no eixo metropolitano paulistano e carioca, como apresentam Aparecido Francisco dos Reis e Gabriel Zamian de Carvalho (2016) e Fátima Regina Almeida de Freitas (2012) em pesquisas sobre BDSM na região Centro-Oeste.

Apesar da existência de alguns avanços significativos contra a psiquiatrização e patologização das praticantes de BDSM como mostra Silva (2016) em sua análise sobre o discurso presente na edição mais recente do “*Diagnostic and statistical manual of mental disorders*” (DSM-V), as pessoas apreciadoras desse gênero de sexualidade convivem sobre a operação de alguns discursos morais que estão em voga em sociedades ocidentais. Esses diagnósticos médicos e interpretações psiquiátricas sobre uma condução considerada como normal do corpo, da sexualidade e do prazer fazem com que as práticas de BDSM possam ser visualizadas por outros espectros da sociedade como condutas doentias, “perversas” e criminosas, gerando uma impossibilidade de livre expressão desse estilo de vida e muitas vezes uma gestão expressiva sobre o segredo dessas experiências eróticas para familiares, colegas de trabalho, dentre outros. (FACCHINI, MACHADO, 2013; SILVA, 2016; ZILLI, 2018).

A desaprovação do BDSM igualmente pode ocorrer mesmo em tendências mais progressistas em relação à liberdade do gênero e da sexualidade. Rubin (2017) destaca que a vertente feminista radical e outros alinhamentos do feminismo consideram práticas de BDSM como autenticadoras de violência contra a mulher, pois suas condutas fetichizam a violação. Logo, tais práticas são associadas ao “crime” e a “perversão”, como se todo e qualquer adepto ao BDSM fosse um estuproador ou uma pessoa com transtornos mentais. Isso pode gerar diversas complicações para praticantes de BDSM, pois como evidenciam Facchini e Machado (2013), essas pessoas não possuem aparatos jurídicos para defendê-las. Isso quer dizer que suas práticas

eróticas podem ser facilmente denunciadas para a polícia e interpretadas como violência sexual⁷².

Nesse sentido, podemos indicar que existem modos singulares de uso de *blogspots* por parte dessas mulheres, além de objetivos e significados específicos destinados à manipulação dessas tecnologias. Refletindo sobre as proposições teóricas e metodológicas de Horst e Miller (2012, 2015) que nos alertam sobre a relevância de explorar os contextos off-line que permeiam nosso campo de pesquisa, visualizo que toda a conjuntura de formatos particulares de usos de *blogspots* e as finalidades típicas inseridas sobre os mesmos estão permeadas por algumas especificidades engendradas por discursos moralistas e contextos sociais, culturais e urbanos que ainda concebem proposições deletérias sobre praticantes de BDSM.

Facchini (2008) e Marília Loschi de Melo (2010) evidenciam que existem casas noturnas apropriadas para o encontro de pessoas praticantes de BDSM. Desse modo, torna-se evidente que há a possibilidade dos adeptos se encontrarem em locais físicos especializados para seus estilos de vida, nos quais poderão se expressar e realizar práticas fetichistas, desde que tenham dinheiro e tempo disponível. Entretanto, nesses casos, aplica-se um explícito recorte urbano que se expressa na realidade de que esses ambientes especializados se situam em grandes centros metropolitanos brasileiros, como São Paulo e Rio de Janeiro. Em pesquisas exploratórias, observei que outras capitais ou cidades grandes no Brasil possuem igualmente alguma espécie de comunidade organizada, como mostra Freitas (2012) na região Centro-Oeste.

Por exemplo, uma de minhas informantes faz parte de uma comunidade BDSM do Nordeste brasileiro. De qualquer maneira, para uma grande parcela de apreciadores de BDSM no Brasil, os contextos digitais são praticamente uma das únicas ferramentas viáveis que são mobilizadas para estabelecer contato com outros sujeitos portadores de ensejos semelhantes, pois as tecnologias digitais e seus instrumentos fornecem possibilidades de sigilo e anonimato e podem proporcionar experiências para pessoas que residem em espaços urbanos interioranos, por exemplo. Sendo assim, a utilização desses *blogspots* de um modo específico pode se explicar considerando-se uma atmosfera moral e urbana que delega impactos restritivos à liberdade das sexualidades dissidentes, que encontram nos contextos digitais uma possibilidade de vivenciar e falar sobre seus desejos e fantasias, ainda que com a mobilização de estratégias de anonimato e sigilo (MISKOLCI, 2017; PADILHA, 2019).

⁷² Em pesquisas exploratórias em um grupo de BDSM brasileiro com mais de 300 membros que fiz parte durante a realização da pesquisa, a falta de amparos legais e a presença de estigmas contra adeptos da comunidade foram tópicos de discussões durante um dia todo, evidenciando-se nessa ocasião, certas preocupações que permeiam alguns praticantes de BDSM no Brasil.

É relevante destacar que moralidades e discursos de poder não são exclusivos de sociabilidades não mediadas pela internet. De acordo com Miller et al. (2019) e Miller e Horst (2015), não é viável definirmos os contextos digitais como integralmente normativos ou revolucionários, pois eles estabelecem uma inter-relação com os contextos não conectados pela internet, e logo, tornam-se contaminados por interesses de mercado, rodeados de protocolos legais de uso e de julgamentos morais de múltiplas narrativas normativas, sejam elas sociais, culturais e/ou políticas. Essa conjuntura se torna explícita no momento em que observamos o porquê de um certo grupo de pessoas postarem conteúdo específicos em algumas redes sociais e em outras não, ou seja, os diferentes contextos digitais são usados de maneiras distintas de acordo com suas singularidades, como demonstram Mirca Madianou e Miller (2013) por meio do conceito de *polymedia*:

Uma das primeiras observações a emergir dos nossos dados é a evidência que os usuários concebem cada meio em relação à uma estrutura integrada de diferentes mídias. [...], é somente através da recente proliferação de plataformas que os usuários podem verdadeiramente explorar uma variedade de oportunidades para comunicação livre das restrições de funcionalidade de cada meio (MADIANOU, MILLER, 2013, p. 174-175, tradução livre⁷³).

Desse modo, apesar de em alguns momentos os rostos de duas informantes aparecerem em suas plataformas, os *blogspots* ainda podem ser pensados na chave de estratégias de discrição, pois ao pensarmos que não existe apenas um “contexto digital” e sim diversos “contextos digitais” (MILLER, HORST, 2015), os *blogs* podem se configurar com contextos singulares e distintos de uma rede social qualquer, detendo-se de visibilidades e públicos distintos de leitores.

O rosto de Domme Dita não aparece nas fotos presentes no seu *blog*, assim como não temos acesso ao seu “nome verdadeiro” ou de seu perfil pessoal em redes sociais. Ela me explicou que sua família não sabe sobre o fato de ela ser uma *Dominadora*. Isso não acontece com Madame X. Apesar de ela possuir um pseudônimo para sua persona BDSM, seu rosto é facilmente encontrado nos materiais do *blog*, além do fato que a mesma fornece links de acesso para sua rede social pessoal. Entretanto, em uma publicação, Madame X relata que não pode postar muito sobre BDSM em seu *Facebook* pessoal. Igualmente à Madame X, o rosto de Escrava Natural sempre aparece explícito em fotos dela ou de práticas de *Fem-Dom* no seu

⁷³ *One of the first observations to emerge from our data is the evidence that users conceive of each medium in relation to an integrated structure of different media. [...], it is only through the recent proliferation of platforms that users can truly exploit a variety of opportunities for communication freed from the constraints of each medium's functionalities* (MADIANOU, MILLER, 2013, p. 174-175).

blog. Além disso, a escrava também fornece *links* para suas redes sociais pessoais e para perfis comerciais de *e-commerce* que ela possui.

Ademais, as informantes possuem o hábito de não mostrar o rosto dos *escravos* que aparecem em fotos publicadas em seus *blogs*, pois os mesmos podem auferir problemas pessoais ao serem expostos, considerando-se que eles estão performando gênero de um modo divergente em relação ao que os parâmetros normativos da heterossexualidade esperam de homens cis e heterossexuais⁷⁴. As concepções unitárias e universalistas de gênero e sexualidade expectam que um indivíduo heterossexual dote uma coerência entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2019), isto é, dote-se de comportamentos e desejos sexuais de dominância e virilidade em relações íntimas com outras mulheres, performance pela qual eles optaram por abandonar ao seguir seus desejos de submissão e servidão.

A partir desse enquadramento, é possível ponderar que os *blogspots* para as praticantes de BDSM se configuram de modo similar à mobilização de outros contextos digitais por parte de homens que possuem desejos homoeróticos secretos, circunstância nas quais a internet para essas sexualidades dissidentes se caracteriza como os antigos guetos urbanos que viabilizavam o sigilo, discrição e anonimato para prostitutas, homossexuais, dentre outros (MISKOLCI, 2009). Tal ocorrência nos faz refletir sobre como essas interfaces mediadas pela internet podem se constituir em novos armários⁷⁵, nos quais, por um lado se possibilita a obtenção do prazer e reconhecimento de si, e em outra face, se perpetua com o segredo e anonimato para pessoas adeptas de prazeres ditos como não convencionais. Desse modo, podemos compreender que esses usos e os efeitos advindos desses manuseios podem se caracterizar de maneira dialética, como nos informam Horst e Miller (2012), nos quais se visualiza que é demasiadamente reducionista afirmarmos que a utilização desses contextos digitais provoca algum gênero de emancipação e libertação dessas pessoas frente às amarras moralistas e conservadoras que as circundam (MILLER et al., 2019).

De qualquer modo, podemos visualizar que esses contextos mediados pela internet e as ferramentas que se encontram em seu âmago, como os *blogspots*, possibilitam o acesso de duas das minhas informantes, Domme Dita e Madame X, aos novos candidatos para serem seus *escravos* e *brinquedos*. Tal realidade se conecta com os achados de outras pesquisas como as

⁷⁴ Nas palavras de uma de minhas informantes, esses são os dilemas de uma *vida dupla*, isto é, *vida no BDSM e vida fora do BDSM*. Esse fato ocasiona alguns impeditivos para a feminização de homens submissos. Madame X relatou em uma das publicações que não poderia depilar o seu parceiro porque ele possuía uma *vida fora do BDSM*.

⁷⁵ O vocábulo “armário” é um termo utilizado por Eve Kosofsky Sedgwick (2007) para significar a vivência de homossexuais que comumente têm que administrar um segredo sobre suas sexualidades, sendo coercitivamente alocados em diversos armários dependendo do contexto em que se inserem.

de Padilha (2019) que demonstram a mobilização de aplicativos⁷⁶ homoeróticos por parte de homens *fora do meio*⁷⁷ que não se encontram em grandes centros metropolitanos e possuem o intento de encontrar parceiros para sexo casual ou relacionamentos. Nessas circunstâncias, os contextos digitais engendram possibilidades de encontro com pares para a realização de desejos sexuais, apesar da recorrente existência de frustrações com essas experiências⁷⁸.

Domme Dita possui um trabalho que frequentemente a faz deslocar por cidades brasileiras nas quais, ainda que por vezes, de médio porte, não possuem espaços de entretenimento noturno para realizações de práticas ou mesmo alguma comunidade BDSM organizada como em capitais e cidades maiores. Logo, em suas palavras, o *blog* entra na qualidade de um mecanismo para auferir novos candidatos para serem seus *brinquedos*⁷⁹, considerando-se que geralmente ela efetua postagens sobre quais cidades e regiões ela se encontra por um determinado período de tempo a trabalho conjuntamente a fotos e descrição de práticas de Dominação Feminina que realizou na região. Segundo Domme Dita, ela não precisa procurar por escravos sexuais porque eles simplesmente *brotam*, ou seja, ao criar conteúdo sobre práticas em seu *blogspot* indicando os locais em que se encontra no momento, os homens que desejam servi-la sexualmente entram em contato para possíveis e futuros encontros presenciais para a realização de práticas de Dominação Feminina.

Nessa trama presente no meu campo em específico, refleti sobre a possibilidade de haver práticas de BDSM à distância mobilizadas pela Domme Dita, ou seja, a ocorrência de Dominação Feminina por meio dos contextos digitais e seus instrumentos. Raíra Bohrer dos Santos (2016) executou uma pesquisa na qual se constatou experiências de BDSM corporificadas em tecnologias digitais expressas em uma plataforma online intitulada como *Second Life*. Todavia, apesar de existirem algumas adeptas de BDSM que possuem o hábito de realizar os seus fetiches de dominação à distância com o auxílio de aplicativos de mensagens e câmeras embutidas em seus *smartphones* ou computadores, Domme Dita me informou que tais ocasiões não são empregadas em sua vida.

⁷⁶ Similarmente a existência de aplicativos voltados para a procura de relacionamentos homoeróticos, o “*Fetlife*” é uma rede social criada para praticantes de BDSM encontrar possíveis parceiros para práticas eróticas. Esse site não possui centralidade para as participantes desta pesquisa, sendo os *blogs* mais relevantes em suas vidas.

⁷⁷ Essa expressão diz respeito à indivíduos que não possuem suas sexualidades ou desejos enunciados publicamente e que querem manter suas fantasias homoeróticas em sigilo e anonimato.

⁷⁸ Casos como esses também ocorrem com as minhas informantes. Inclusive, elas realizam postagens nos *blogs* sobre desilusões e constrangimentos oriundos de experiências e relacionamentos BDSM com novos *brinquedos que não sabem jogar*. De qualquer forma, as frustrações expressas nos desabafos dizem respeito mais às irresponsabilidades afetivas e às imaturidades dos *escravos* do que algo relacionado ao uso de tecnologias para auferi-los, ou seja, o desapontamento é com os parceiros em si, e não com as mídias digitais.

⁷⁹ O elegimento de um novo *escravo* não é um processo efêmero e instantâneo como apresentado anteriormente.

Nesse sentido, em algumas publicações no seu *blogspot* e durante as entrevistas, Domme Dita destacou que o *blog* se insere na qualidade de uma ferramenta estratégica para extrair um primeiro contato com novos e possíveis parceiros para a execução de práticas de Dominação Feminina. Isto é, sua plataforma opera como um contato inicial com os *submissos*, situação na qual o indivíduo entra em contato com ela através de comentários nas postagens ou por meio do seu e-mail e *Hangouts* que são disponibilizados para os leitores do *blog* logo em sua página inicial.

Transferindo-se para o aplicativo ou para a troca de e-mails, ambos trocam informações sobre si mesmos e passam a possuir um contato recorrente para se conhecerem melhor, ou seja, para possuírem informações sobre desejos e limites no BDSM, o que por sua vez pode gerar um encontro presencial no futuro para a realização de práticas de Dominação Feminina. Desse modo, observo que a dominação à distância e a partir de tecnologias digitais se designa por algo inviável e indesejável, pois como a mesma diz: *sou como um homem, preciso tocar e sentir*.

Para Madame X, seu *blog* igualmente se introduz na qualidade de uma ferramenta de auferir *novas peças para brincar*, pois é através dele que os novos candidatos à *escravos* entram em contato com ela a partir dos comentários nas postagens, por exemplo. Deste modo e igualmente à Domme Dita, os contatos primários com os *submissos* são viabilizados por conta do *blog* e sua visibilidade, o que faz com que apareçam *escravos* a sua procura. No caso de Escrava Natural, não existe a finalidade do *blog* enquanto um mecanismo estratégico de obtenção de novas parceiras sexuais, pois ela possui um *Relacionamento D/s* com uma *Rainha* que a impossibilita de se relacionar com outras *Dominadoras*.

Entretanto, diferentemente de Domme Dita, Madame X relata que possui *escravos* que residem distantes dela e que ela efetua sessões de Dominação Feminina através de tecnologias especializadas, isto é, aplicativos e acessórios como *webcams*. Tal realidade não se caracteriza como algo frustrante em suas experiências, considerando-se que ela diz auferir prazer erótico mesmo dominando e *treinando o escravo* à distância.

O manuseio da internet e seus mecanismos para a obtenção do prazer por parte de Madame X corrobora com as constatações de Hine (2015a, 2015b), pesquisadora que nos fornece compreensões sobre a correlação de tecnologias digitais com os nossos corpos, subjetividades e sentimentos. As conclusões da pesquisadora detectam que vivemos em sociedades em que vários dispositivos tecnológicos estão massivamente incorporados, corporificados e inseridos em nossos cotidianos, ou seja, os contextos digitais e suas múltiplas instrumentalidades se circunscrevem em diversas esferas da nossa vida social, provocando

impactos na forma como vivemos, sentimos, agimos e concebemos o mundo ao nosso entorno (HINE, 2015a; HINE, 2015b).

Por fim, toda essa conjuntura exposta anteriormente nos evidencia a presença empírica de um arranjo no qual se observa um contexto moral e urbano em específico que induz a utilização de plataformas da internet de um modo singular, além de uma intersecção entre contextos digitais e sua ligação intrínseca com os contextos não mediados pela internet, enquadramento no qual há mobilização dos primeiros para a indução de efeitos sobre o segundo (HORST, MILLER, 2012; MILLER et al. 2019).

5.2. SER UM EXEMPLO: AS POSSIBILIDADES DE SUBJETIVAÇÃO A PARTIR DOS CONTEXTOS DIGITAIS

De acordo com Foucault (2017), as relações de poder se configuram de modo multilateral, nas quais é inviável elegermos uma zona protagonista ou pessoa circunscrita que detém o poder, o saber e a verdade sobre os corpos. Isso quer dizer que há lacunas no poder nas quais se produzem outros saberes a partir, por exemplo, do próprio dispositivo da sexualidade, no qual frequentemente as sexualidades dissidentes podem se deslocar dele ou absorver empréstimos para suas performances de gênero e sexualidade (BUTLER, 2019).

Deste modo, verificamos em alguns contextos a presença de múltiplas produções de saberes e verdades sobre corpos, sexo e prazeres por diversas sexualidades, as quais criam em seus meios, numerosas defesas frente aos regimes de verdade do gênero e da sexualidade que são baseados demasiadamente em modelos unitários e coerentes de sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2019).

Atualmente, tais inversões do dispositivo da sexualidade e as contestações do mesmo estão circunscritas nas ações de diversos sujeitos ou movimentos feministas, negros e LGBTQIA+, sejam nos contextos digitais ou em meios não mediados pela internet⁸⁰ (ESPINDOLA, 2017; SILVA, 2020; SILVA, PINTO, OLIVEIRA, 2017). Usualmente, essas agentes produzem de modo individual ou coletivo um aglomerado de saberes e novas verdades sobre si que se caracterizam em autenticações de seus corpos, sexualidades e estilos de vida (FACCHINI, 2008; ZILLI, 2018).

⁸⁰ Vale ressaltar que as possibilidades e os limites que os ativismos em contextos digitais possuem pode ser pensado mediante as conclusões de Horst e Miller (2015) que compreendem a internet e seus instrumentos de um modo dialético. Isso quer dizer que o engajamento dessas pessoas em militâncias online não significa necessariamente que o movimento social atinja satisfatoriamente os seus objetivos expressos em pautas sociais progressistas.

Historicamente esquadrihados como sexualidades patológicas e anormais, os praticantes de BDSM empreendem múltiplos esforços para lidar com os impactos nocivos dos discursos de poder fabricando estratégias de inversão de saberes médicos, psiquiátricos e moralistas, ao passo que constroem suas próprias verdades sobre si em suas redes de contato presenciais e digitais, como é o caso dos *blogspots* (FACCHINI, 2008; FACCHINI, MACHADO, 2013; ZILLI, 2018). Nesse sentido, ao produzir conteúdos digitais caracterizados por uma legitimação de suas práticas e estilos de vida, os adeptos proliferam numerosos aparatos de subjetivação para pessoas iniciantes no universo BDSM.

De acordo com Paula Sibilía (2016), residimos em um quadro tecnológico em que os processos de subjetivação, ou seja, as formações das subjetividades são expressivamente modeladas mediante os contextos digitais. Majoritariamente, essas ocorrências são delineadas pelo intermédio de atos de confissão manifestos em publicações costumeiras que elaboramos sobre nós mesmos ou lemos, considerando-se que os instrumentos e mecanismos tecnológicos existentes na internet são vigorosamente incorporados, corporificados e cotidianos em nossas subjetividades e emoções (HINE, 2015a). Ademais, o comportamento de publicar sobre si nas mídias digitais se relaciona para além de uma lógica grupal ou um caso isolado, plasmando-se em um espectro macrossocial composto por dispositivos de poder proliferados no advento da internet durante os anos 2000 e que nos compelem massivamente para o exibicionismo e a confissão de si nas redes sociais, *blogspots*, dentre outros⁸¹. (SIBILIA, 2016).

Exibido todo esse contexto, somos condicionados a compreender que se antes, os livros ou os encontros geograficamente referenciados viabilizavam a subjetivação das praticantes de BDSM (MACHADO, 2017), contemporaneamente os contextos digitais podem se configurar como modelos maciços de formação e reprodução de saberes e identidades, à medida que conformam mecanismos nos quais as pessoas estão em posição protagonistas de criadoras, reprodutoras e compartilhadoras de conteúdos que saturam emoções e engendram subjetividades (PADILHA, FACIOLI, 2018).

Os contextos digitais enquanto aparatos de subjetivação e criação de saberes específicos sobre corpo, sexo e prazer é a principal finalidade do *blogspot* de Escrava Natural:

[...] tenho o blog para relatar o que estou sentindo e mostrar um pouco do que eu vivo, com isto posso ajudar várias pessoas que são o que um dia eu fui

⁸¹ Sibilía (2016) constrói seu argumento apresentando a ideia de que existem grandes empresas lucrando excessivamente através das nossas confissões na internet. Por esse ângulo, Silveira (2017) constata a existência de algoritmos especializados que capturam nossos dados na internet para fortalecer ensijos de companhias bilionárias, colocando em risco nossa privacidade e autonomia nas redes.

*e que sonham e que têm o desejo de ler histórias verdadeiras para se identificarem*⁸² (Publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

Como a mesma menciona em algumas publicações e igualmente na entrevista, o principal objetivo do seu *blog* é: *mostrar para pessoas com desejos similares aos meus que é possível chegar onde eu cheguei*. A informante concebe que por meio de suas publicações confessionais compostas por práticas de Dominação Feminina e pelo *Relacionamento D/s* que possui com os seus *Donos*, ela pode ajudar outras pessoas com histórias de vida parecidas, fazendo-as por exemplo, se aceitarem, se reconhecerem ou se esforçarem fortemente para serem, nos seus termos, uma *escrava real e perfeita em pleno o século XXI*, na medida em que ela expõe: *passo a passo tudo o que eu vivo para que pessoas iguais a mim superem seus medos e vivam livremente as suas essências*.

Sendo assim, através das suas experiências de submissão e da legitimação de si enquanto uma *escrava* de sua *Rainha*, ela concebe que proporciona um exemplo para outras pessoas que almejam ser uma *escrava perfeita* e possuir um relacionamento profundamente verdadeiro com uma *Dona*. Toda essa circunstância é visualizada como uma possibilidade de ajuda para outras praticantes, pois como a mesma diz:

*[...] eu daria a minha vida para ler um blog assim antes de ter minha Dona e ser uma escrava. Com os relatos podemos simplesmente sonhar e ver que é possível, ou viver o que não temos coragem ou não conseguimos por diversos motivos*⁸³. (Publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

Domme Dita não apresenta esses objetivos enquanto fatores que a motiva escrever para o seu *blogspot*. Apesar disso, ela confecciona diversas publicações sobre relacionamentos abusivos no BDSM e sobre como devem se dar os relacionamentos entre *escravos* e *Dominadoras*, o que pode servir como fonte de exemplo para seus leitores, ainda que essa não seja a sua principal finalidade em manter e gerir o *blog*.

Para Madame X, o fato de ser fonte de exemplos também é um dos motivos que a move a produzir conteúdo para seu *blogspot*. Inclusive, ela aconselha as pessoas sobre como deve ser um *Relacionamento D/s* saudável, alertando para quem lê sobre os falsos praticantes de BDSM,

⁸² É interessante destacar que Domme Dita traz alguns relatos que evidenciam que os *escravos* sofrem e se questionam muito até descobrir e aceitar que possuem desejos por submissão.

⁸³ Para além de poder ser um exemplo de *escrava real* para outras pessoas, visualizo que a informante também busca ser fonte exemplar para mulheres trans. A Escrava Natural me contou que está escrevendo um livro sobre seu processo de transgenerização para poder ajudar outras pessoas com histórias semelhantes. É interessante notar que em algumas vezes o *blogspot* é utilizado para relatar os avanços e dificuldades do seu processo de transgenerização.

isto é, *peessoas que não sabem jogar* e não tem compromisso com as relações de Dominação Feminina. Apesar de não desejar ser uma grande mentora de Dominação Feminina no Brasil, ou seja, nos seus termos: *a ONU da Fem-Dom*, ela menciona que fica muito feliz com o *feedback* dos seus *fãs*, os quais escrevem para ela agradecendo e mencionando que seus *posts* os ajudam muito⁸⁴. Dessa maneira, é possível assinalar que o seu *blogspot* conforma meios de subjetivação para outras *Dominadoras* e também para homens *submissos*, contextos estes construídos por meio de uma afirmação e autenticação desses desejos e fantasias dissidentes e engendrados a partir de uma prazerosa textualização e iconografia de si.

5.3. A ESCRITA QUE RESGATA O TESÃO E A PAZ: SEXUALIDADE, DESEJO E AJUDA MÚTUA NA TEXTUALIZAÇÃO DE SI EM BLOGSPOTS DE DOMINAÇÃO FEMININA

As inflexões narrativas operadas sobre o dispositivo da sexualidade, sobre os processos de racialização e as estratégias de contestação seja da heteronormatividade, do sexismo ou do racismo proposto pelos saberes do regime da verdade se expressam na atuação de sujeitos ativamente políticos ou não, tanto nos contextos digitais, quanto em âmbitos não mediados pelas tecnologias da informação (FACCHINI, 2008; ESPINDOLA, 2017; SILVA, 2020; SILVA, PINTO, OLIVEIRA, 2017).

Nesse contexto, nos inserimos contemporaneamente em um enquadramento tecnológico em que os processos de subjetivação, isto é, as formações das subjetividades são fortemente mediadas por intermédio das tecnologias digitais, seja de computadores e notebooks ou dispositivos portáteis como *smartphones* e *tablets*. Como comentado anteriormente, Sibilia (2016) destaca que todo esse cenário se expressa em uma atmosfera macrossocial composta por dispositivos de poder proliferados nas mídias digitais e que nos compelem ostensivamente para o exibicionismo e para a confissão de si nesses contextos pelo intermédio, por exemplo, do que Illouz (2011) conceitualiza de “textualização de si”⁸⁵.

Tal contexto se explica pelo fato de que essas mídias induzem os sujeitos a empreenderem atos de confissão expressos em publicações cotidianas que se constroem sobre

⁸⁴ Essas ocorrências são relativamente presente nos comentários das próprias publicações, nos quais pude observar as pessoas elogiando suas postagens e a agradecendo pelo conteúdo. Para além do retorno afetivo de homens *submissos*, Madame X também relata a existência de *Dominadoras* ou casais iniciantes no BDSM que escrevem para ela mencionando que seu *blog* e publicações os auxiliam fortemente a entender mais sobre a *Fem-Dom*.

⁸⁵ Illouz (2011) denomina o processo de textualização de si para sites de relacionamentos. De qualquer modo, podemos estender essa compreensão para os *blogspots* estudados, pois visualizei nesses meios uma extensa descrição sobre si efetuada pelas criadoras de conteúdo digital.

si, de modo que esses meios se tornam aparatos de subjetivação que são massivamente buscados para preencherem demandas e vulnerabilidade sociais⁸⁶ (TURKLE, 2011).

É importante ressaltar que apesar de algumas diferenças no que se refere a possibilidade de criação de conteúdo entre as mídias analógicas e as digitais, também é possível demarcarmos continuidades entre elas⁸⁷. Em sua tese de doutorado intitulada “Dos consultórios sentimentais à rede: apoio emocional pelas mídias digitais”, Juliana do Prado (2015) explicita a presença de discursos de intervenção e apoio caracterizados pela temática da autoajuda em programas televisivos, seja pela presença das pessoas em programas de auditório ou em telefonemas para essas atrações. A partir do que se denomina como *web 2.0*, Prado (2015) explicita como esses fenômenos de autoajuda passam a se plasmar nas mídias digitais, nas quais se observa uma proliferação de *blogs* circundados pela criação de comunidades e conteúdos rodeados pela temática da autoajuda que promovem narrativas de orientação e intervenção subjetiva para sofrimentos oriundos de experiências subalternas expressas em classe, gênero, sexualidade e raça.

De acordo com Facioli e Miskolci (2015), as mídias digitais podem promover palcos de ressignificação de experiências de subalternidade, conformando circunstâncias em que se engendram possibilidades de negociação com as narrativas de poder, nas quais as pessoas compartilham suas incertezas, angústias, dilemas manifestos contradições sociais e morais⁸⁸. Ao refletir sobre os *best-sellers* e os elementos da cultura da autoajuda, Illouz (2014) constata que:

A autoajuda não é apenas um segmento do mercado; ela incorpora uma forma de cultura sem precedentes, ou seja, uma nova forma de o indivíduo se conectar com a sociedade. Visto que a modernidade envolve grande incerteza quanto ao valor pessoal e também quanto às normas e critérios morais que devem guiar os relacionamentos, a autoajuda torna-se um dos principais

⁸⁶ Importante ressaltar que apesar das contribuições instigantes de Sherry Turkle (2011), sua obra “*Alone together: why we expect more from technology and less from each other*” é criticada por alguns autores como Miller e Horst (2015), levando-se em conta que a autora assinala que os modelos de sociabilidade anteriores aos digitalmente mediados eram mais naturais ou autênticos, e que nesse contexto digitalizado do mundo estamos perdendo nossas conexões reais e duradouras, tornando-se sujeitos conectados e juntos, mas por outro lado, solitários.

⁸⁷ Para Horst e Miller (2012), nossas relações sociais foram e são historicamente mediadas por algum tipo de tecnologia. Mesmo antes do advento das mídias digitais e da internet, as mídias analógicas, como a televisão e a telefonia fixa, atravessavam nossas interações, configurando-as em relações mediadas por algum artefato tecnológico. Entretanto, entre as duas mídias existem diferenças no que diz respeito a possibilidade de participação na criação, reprodução e compartilhamento de conteúdo.

⁸⁸ Isso não indica que as narrativas desses meios estejam ausente de percepções sociais generificadas, elitizadas ou racializadas, como demonstram Prado (2015) e Facioli (2013). Além disso, é importante destacar que o fenômeno da autoajuda não é uma exclusividade dos contextos digitais, apresentando-se igualmente em mídias impressas como revistas e livros que procuram fornecer soluções e orientações para vivências pautadas em dilemas sociais de sofrimento, sobretudo no que diz respeito às contradições contemporâneas relacionadas à classe, gênero, sexualidade e raça (GAIAD, 2019; ILLOUZ, 2003, 2014).

caminhos percorridos para moldar a própria individualidade (2014, p. 101, tradução livre⁸⁹).

Como descrito anteriormente, de acordo com Illouz (2011; 2014), vivemos em um contexto contemporâneo rodeado de imprecisões e angústias tanto na esfera mercantil, quanto no campo das emoções e dos relacionamentos afetivos. As relações interpessoais passam no que a autora chama de pós-modernidade a se referenciar em um *ethos* empresarial voltado para uma racionalização das emoções nas condutas dos sujeitos uns perante aos outros (ILLOUZ, 1997). Nesse sentido, fundamentando-se no trabalho da socióloga marroquina Eva Illouz, Gaiad (2019) aponta que:

A autonomia individual, portanto, exposta aos diversos riscos que atormentam o indivíduo na sociedade de alta performance, encontra no mercado emocional uma diversidade de ideais sobre saúde mental e bem-estar psíquico, bem como fórmulas para a construção de um eu “positivo” de elevada autoestima, produtivo e performático (p. 33).

Sendo assim, experienciamos um quadro social em que os afetos vivenciados em relações pessoais se intersectam com as dinâmicas e lógicas mercadológicas, contexto esse que induz os sujeitos a buscarem de aparatos de ajuda para lidar com a fluidez das relações sociais mediadas por repertórios do mundo do trabalho. Nesse sentido, o capitalismo emotivo cria o que Illouz (2011) e Edgar Cabanas e Illouz (2019) nomeiam de *emodities*, que são produtos culturais compostos por ideais de saúde mental, felicidade, inteligência emocional, bem estar psíquico e autoestima que delegam orientações para relacionamentos interpessoais mediante métricas normativas, ou seja, esses produtos veiculados no mercado fornecem fontes para as pessoas promoverem intentos de aprimoramento de si em suas vidas mediante critérios racionalizados e calculados que supostamente viabilizariam a conquista da felicidade.

Diferenciando-se relativamente de uma colonização das subjetividades pelo intermédio de racionalidades normativas veiculadas em discursos de bens simbólicos propagados no mercado que procuram engendrar identidades de acordo com valores sociais hegemônicos, a tentativa das praticantes de BDSM é justamente a contrária de um universo heterocentrado, principalmente quando refletimos sobre as lacunas de poder do dispositivo da sexualidade as

⁸⁹ *Le self-help n'est pas seulement un segment du marché; il incarne une modalité inédite de la culture, c'est-à-dire une nouvelle manière pour l'individu de se connecter à la société. Parce que la modernité implique une incertitude considérable à l'égard de sa valeur personnelle comme à l'égard des normes et des critères moraux qui devraient guider les relations, le self-help devient l'une des principales voies que l'on emprunte pour modeler sa propre individualité.*

quais elas operam e sobre os intentos de inflexão sobre performances de gênero e sexualidade assentadas em concepções normativas⁹⁰.

É nesse espaço de paródia e transformação plástica que aparecem as primeiras práticas contrassexuais como possibilidades de uma deriva radical com relação ao sistema sexo/gênero dominante: a utilização de dildos, a erotização do ânus e o estabelecimento de relações contratuais S&M (sadomasoquistas), para citar ao menos três momentos de mutação pós-humana do sexo (PRECIADO, p. 31, 2014).

Em geral, as praticantes de BDSM creditam as mídias digitais como ferramentas de uma ressignificação das possibilidades de si, compondo outras verdades sobre seus prazeres de modo a autenticar seus estilos de vida (ZILLI, 2018), ainda que no Brasil a comunidade BDSM não se caracterize por ativismos políticos no sentido de um movimento social organizado (FACCHINI, MACHADO, 2013; MACHADO, 2017). Nesse sentido ao produzirem conteúdos digitais permeados por uma legitimação das suas práticas e estilos de vida, essas pessoas proliferam vários possíveis aparatos de subjetivação para sujeitos que estão se iniciando no universo BDSM ou mesmo para aqueles que praticam há algum tempo ao passo que se conforma nesses meios digitais diversos discursos de autoajuda expressos em informações, conselhos e dicas sobre o universo BDSM⁹¹.

Os *blogspots* analisados nesta etnografia possuem um espectro de autoajuda tendo em vista que as mulheres procuram mediante diversas publicações fornecer auxílios expressos em textos acompanhados de sugestões de administração emocional para os *Relacionamentos D/s*, informações pedagógicas sobre práticas de Dominação Feminina e os cuidados que devem permear essas performances. Em várias narrativas encontradas durante o trabalho de campo nos contextos digitais, assim como no decorrer das entrevistas online efetuadas, pude alcançar relatos que indicam que os principais objetivos na escrita de *posts* para os *blogspots* é ajudar outras pessoas, pois nesses âmbitos são veiculados discursos tanto de posituação dessa sexualidade dissidente, quanto narrativas de intervenção, ou seja, de conselhos, dicas e sugestões sobre práticas de Dominação Feminina, sobre o estilo de vida BDSM e sobre os *Relacionamentos D/s*.

⁹⁰ Tal afirmação não indica que as performances do BDSM não se assentem em caracteres normativos.

⁹¹ Como apresentado, o fenômeno da autoajuda possui conexões um contexto macrossocial de incertezas na esfera das emoções, do trabalho e dos afetos. De qualquer modo, ainda durante este tópico, pondero que a criação de repertórios nos contextos digitais de BDSM voltados para a autoajuda igualmente se conectam com uma atmosfera social e cultural envolta por moralidades que circundam e preterem as praticantes de BDSM no Brasil.

No discurso de *Escrava Natural*, o *blog* serve para mostrar para outras pessoas que é possível levar uma vida como *uma escrava perfeita em pleno o século XXI*. Do mesmo modo, Madame X destaca o *feedback* que recebe dos seus leitores sobre como suas publicações os ajudaram a se entender e se aceitar como uma pessoa *submissa*, se apartar de relações abusivas, *servir melhor a Dona*, o que gera na criadora de conteúdo digital emoções expressas em satisfação e felicidade, considerando que está ajudando outras pessoas com experiências, dilemas e estilos de vida similares.

Contudo, a análise dos dados coletados coadunada com o aparato teórico e metodológico desta exploração etnográfica me permitiu compreender que os *blogs* não possuem unicamente objetivos expressos em auxiliar outras *Dominadoras* e *escravos* em questões referentes às suas sexualidades e relacionamentos, uma vez em que esses mesmos meios são creditados por essas mulheres como mecanismos de ajuda para si mesmas, funcionando como instrumentos que geram nelas emoções e prazeres como paz, felicidade e tesão erótico, além de auxiliarem em processos de intervenção racional e calculada sobre seus comportamentos e emoções ao empreenderem atos de retrospectão e introspecção durante a escrita e releitura das postagens publicadas.

Madame X relata em uma publicação: *ao passo que eu ajudo vocês, vou me ajudando, pois o meu maior prazer é escrever para este blog*. Além disso, durante as entrevistas, foi possível constatar que ao escrever e reler as próprias publicações, Madame X produz sensações para si expressas em um tesão erótico ao lembrar todas as dinâmicas que se deram durante as práticas de *Dominação e submissão*. Neste sentido, Madame X me expôs que o seu *blog* se insere como uma ferramenta de uma extensão do prazer, e de certa maneira, de continuação das práticas fetichistas, pois ao longo de cada releitura feita sobre os *posts* publicados, assim como nos momentos da escrita das publicações, aufere-se emoções expressas em tesão erótico.

A experiência narrada por Madame X nos direciona para as contribuições de Hine (2015a) sobre como a internet e seus dispositivos se conformam contemporaneamente em fenômenos corporificados em nossas subjetividades e emoções, de modo que essas tecnologias funcionariam para a informante como uma extensão do prazer obtido durante as práticas de *Dominação Feminina*, tendo em vista que escrever e reler as suas experiências, adquire-se emoções expressas em desejo e prazer. Tais discursos aparecem de modo semelhante nos relatos de *Escrava Natural* que menciona uma *extrema felicidade e prazer* que atinge ao reler e escrever suas publicações sobre sua devoção e entrega aos seus *Donos*.

As informantes desta pesquisa mencionam que ao reler suas próprias publicações, fomentam-se emoções assentadas em paz e felicidade, pois os *blogs* as auxiliam a lembrar de

bons momentos que experienciaram com seus *escravos* ou *Donos*, de maneira que as plataformas operam conseqüentemente como álbuns de fotos que podem ser revisitados para se recordar de lembranças agradáveis do passado. Esse movimento de releitura das publicações por parte dessas mulheres, também as permitem *corrigirem os erros do passado, ver as imperfeições e os acertos e melhorar cada dia mais*, o que conseqüentemente conforma cenários em que os *blogs* atuam como ferramentas de retorno ao passado e como aparatos que possibilitam a transformação e o desenvolvimento de si mesmas. Deste modo, as prescrições e orientações pedagógicas dirigidas para os leitores durante suas publicações igualmente servem como direções estratégicas para suas experiências futuras de Dominação Feminina e para os seus *Relacionamentos D/s*.

Descrito todo esse cenário, é possível refletirmos sobre essa conjuntura mediante as constatações de Illouz (2014) sobre as emoções obtidas no consumo de elementos culturais presentes em *best-sellers* de autoajuda. Ainda que esses *blogs* não se caracterizem por conteúdos monetizados ou de grande audiência como livros de sucesso, a exploração etnográfica permitiu visualizar que os discursos de orientação e intervenção presentes neles e a releitura e escrita das publicações possuem objetivos manifestos na absorção de uma autoajuda para si.

[...], a autoajuda proporciona prazer porque se situa na interface entre a realidade e a fantasia. Ela contém as instruções implícitas ou não com as quais os leitores podem enfrentar seus dilemas, tornando a leitura um ato performativo e essa performatividade é uma fonte de prazer, porque transpõe a fantasia em realidade. [...]. É essa crença que forma o cerne da cultura de autoajuda. A fantasia que a cultura da autoajuda encena é a de um ego que se autogera e se molda (ILLOUZ, 2014, p. 39, tradução livre⁹²).

Deste modo, toda a finalidade de promover aparatos de autoajuda para os leitores não se explica por si só, dado que o manuseio do *blog* igualmente entra como um instrumento de provocação de efeitos terapêuticos para si, e considerando os relatos dessas mulheres que mencionam sinteticamente que: *escrever me traz paz, resgata o desejo, traz memórias e intensifica o prazer*. Domme Dita me relatou durante uma entrevista que o *blog* seria um dos únicos lugares os quais ela poderia se munir para: *extravasos os pensamentos sem filtros*

⁹² [...], le self-help procure du plaisir parce qu'il se situe à l'interface de la réalité et du fantasme. Il contient des instructions (explicites ou cachées) à l'aide desquelles les lectrices peuvent venir à bout de leurs dilemmes, et fait ainsi de la lecture un acte performatif – et cette performativité est une source de plaisir, car elle transpose le fantasme dans la réalité. [...]. C'est cette croyance qui constitue le coeur de la culture du self-help. Le fantasme que la culture du self-help met en scène est celui d'un moi qui s'auto-génère et qui se façonne lui-même.

*morais, desabafar, pois não é todo lugar que dá para falar dessas coisas do universo BDSM, existem muitos tabus e preconceitos*⁹³.

Toda essa conjuntura vislumbra um fenômeno social em que a escrita e a leitura das postagens estabelecem emoções e experiências que se aprisionam no texto publicado, de modo que os sentimentos podem se tornam objetos a serem manipulados, calculados, refletidos, melhorados e corrigidos, principalmente no que diz à um aprimoramento das relações entre *Dominadoras* e *escravos* e vice-versa.

Aprisionados na escrita, os sentimentos tornam-se objetos a serem observados e manipulados. A escrita afetiva faz o indivíduo desligar-se do caráter fluido e não reflexivo da experiência e transforma a experiência afetiva em palavras emocionais e num conjunto de entidades observáveis e manipuláveis (ILLOUZ, 2011, p. 51).

Isso quer dizer que os *blogs* as auxiliariam a portarem o que Illouz (2011) intitula de um “estilo afetivo” em seus relacionamentos, fenômeno esse que se caracteriza por um modelo ideal de comportamentos para relacionamentos afetivos dos tempos atuais e que promulga a necessidade de uma racionalização e de um cálculo das emoções.

De acordo com Sibilia (2004), os *blogs* se configuram por atos de escrita que fomentam um trabalho emotivo circundado por caracteres de introspecção e retrospecção, isto é, escrever para *blogs* conduz o sujeito à uma exploração subjetiva das suas experiências do passado. Nessa lógica, podemos assinalar que essas mulheres buscam remontar suas memórias e resgatar suas emoções prazerosas e positivas dispersas na imensidão de vivências da vida social mediante o uso de mídias digitais e pelo intermédio de uma racionalizada textualização e publicização de si que as ajudariam de alguma forma a administrar sentimentos e se aprimorar enquanto pessoas, *Dominadoras* ou *escravas*.

[...] a internet contribui para uma textualização da subjetividade [...], ou seja, para uma forma de apreensão de si mesmo em que o eu é externalizado e objetificado através de meios visuais de representação e linguagem (ILLOUZ, 2011, p. 113).

⁹³ Apesar desse relato, não encaro como verdade que os contextos digitais estariam ausentes de moralidades e elementos culturais fundamentados nas diferenças como classe, gênero e sexualidade. Como descrito anteriormente, Madianou e Miller (2012) evidenciam por meio do conceito de *polymedia* como diferentes contextos digitais são optados estrategicamente para usos específicos tendo em vista sobre suas permissividades e possibilidades. Por exemplo, apesar de serem plataformas digitais hegemônicas, o *Facebook* e o *Instagram* não permitem conteúdos sexualmente explícitos, o que explica o porquê dessas mulheres optarem pelo manuseio de plataformas *Blogger* como a *Blogspot*, *Wordpress* e *Tumblr*, pois essas viabilizam a publicação de nudez e sexo explícito.

Neste enquadramento tecnológico do “eu” na contemporaneidade, essas mulheres estabelecem viagens subjetivas para o aprimoramento de si, além de se munirem de uma escrita e uma releitura de si através das publicações que geram sentimentos manifestos em felicidade, paz e prazer erótico. As escritas e as releituras de si mesmas nos *blogspots* funcionam como instrumentos de inspeção, introspecção e retrospectiva que visam a correção de *erros do passado*, de modo que essas mulheres buscam portar um estilo afetivo ancorado pela ideia da racionalização dos sentimentos, da comunicação entre pares e da flexibilidade de si e do outro, fatores esses tão caros, por exemplo, aos *Relacionamentos D/s*⁹⁴.

Refletindo-se sobre o holismo etnográfico proposto por Miller e Horst (2015) que orienta o etnógrafo a vislumbrar ambientes não mediados pelas tecnologias digitais que circundam suas investigações, é importante que reflitamos que todos esses empreendimentos de posituação, aprimoramento e ressignificação das possibilidades de si também possuem conexões com a decodificação social que o BDSM possui em nossa realidade social.

Os adeptos ao BDSM ainda convivem com os efeitos de discursos de poder que prescrevem uma normalidade em relação ao uso do corpo e dos prazeres a partir de uma performance social e sexual do corpo que esteja correlacionada com parâmetros heteronormativos e sexistas sobre sexo, gênero e desejo (RUBIN, 2017; ZILLI, 2018). Ainda que não exista mais um consenso da psiquiatria sobre a patologização dessas práticas e nas últimas edições o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) da Associação Americana de Psiquiatria tenha se designado de modo distinto e não integral no tocante à psiquiatrização generalizada do BDSM (SILVA, 2016; ZILLI, 2018), os efeitos do discurso médico e suas considerações sobre a patologização das práticas BDSM ainda rondam as perspectivas sociais e culturais externas sobre esse tipo de erotismo, fazendo com que os adeptos exerçam empenhos constantes para afastar suas experiências da doença e da perversão (FACCHINI, MACHADO, 2013; MACHADO, 2017; SILVA, 2015; SILVA 2018).

Desta forma, a reverberação da complexa linguagem médica ecoa sobre a produção de outros saberes, fundamentando até então, a desaprovação do BDSM sobre o prisma de diversas instâncias sociais e culturais, certificando a perpetuação de impasses à liberdade de expressão desse gênero de prazer (FACCHINI, MACHADO, 2013; MACHADO, 2017; RUBIN, 2017).

⁹⁴ Ressalto novamente que Illouz (1997, 2011) menciona que a operação dessa racionalização dos afetos e da colocação dos mesmos em uma linguagem empresarial e mercadológica empreende tentativas de solucionar as angústias vivenciadas nas incertezas que permeiam os relacionamentos afetivos do mundo contemporâneo. De modo perverso, essas mesmas estratégias pautadas na razão, no cálculo e no *ethos* empresarial causam sofrimentos e mais incertezas.

Exibido todo esse contexto, somos condicionados a compreender que se nos anos 1980, a literatura erótica de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo e os encontros geograficamente referenciados em São Paulo viabilizavam a subjetivação das praticantes de BDSM (MACHADO, 2017), contemporaneamente os contextos digitais podem se configurar como um modelo majoritário de formação e reprodução de saberes e subjetividades dos apreciadores de BDSM, na medida em que as mídias digitais se comportam por uma arquitetura que insere as pessoas em posição protagonistas de criadoras, consumidoras, reprodutoras e compartilhadoras de conteúdo. Além disso, esses universos digitais possibilitam ferramentas de discrição, anonimato e sigilo sobre os estilos de vida referentes ao BDSM, fatores esses caros à essas sexualidades dissidentes.

O preterimento social desse estilo de vida fetichista faz com que as mídias digitais sejam instrumentos estratégicos na construção do que Foucault (2018) intitularia como “saberes localizados”. Nesse seguimento, os contextos digitais viabilizam a propagação uma miríade de materiais imagéticos e textuais referentes ao universo BDSM, que para além de informar e educar o corpo de praticantes leitores, igualmente satura emoções e amplia possibilidades de um desenvolvimento aprimorado de si para quem escreve e relê as experiências sobre si.

Sendo assim, as mídias digitais se revelaram como ferramentas centrais na vida das colaboradoras desta pesquisa, sendo esses âmbitos fomentadores de uma cultura digital que busca a promoção de uma positivação e ressignificação de suas sexualidades. Essas mulheres realizam essas tarefas ao passo que aconselham seus leitores por intermédio de textos e relatos em publicações que visam fornecer intervenção e autoajuda às experiências oriundas do estilo de vida BDSM. Ao empreenderem esses trabalhos de uma espécie de mentoria erótica, as criadoras de conteúdo digital igualmente se auto aconselham e se auto orientam, tendo em vista que é através da escrita e da releitura dos *posts* que seria possível auferir sensações agradáveis e retornos às experiências do passado que podem ser corrigidas e otimizadas em futuros palcos de Dominação Feminina e de *Relacionamentos D/s*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa constatou que a Dominação Feminina e a complexa gama de práticas que estão no seu entorno representam inflexões aos regimes de poder expressos nos saberes normativos sobre gênero e sexualidade, uma vez que possibilita um espaço para mulheres ressignificarem suas posições sexuais e sociais em seus relacionamentos afetivos ou casuais. De qualquer modo, caracterizando-se como qualquer outra expressão de sexualidade que não

está para além das relações de poder, as praticantes de Dominação Feminina trazem para o interior das suas experiências e para o âmago dos seus relacionamentos e estilos de vida diversas concepções e pressupostos que advêm de um universo convencional e desigual de gênero. Ao fetichizar perspectivas generificadas que se assentam em bases patriarcais, conservadoras, e por vezes, coloniais, a Dominação Feminina se orienta pelos mesmos ideais normativos que simultaneamente e expressivamente desloca e inflexiona.

As mulheres que colaboraram com esta pesquisa apresentaram os *blogspots* como ferramentas centrais em suas vidas e igualmente para suas experiências no interior do BDSM. Esses contextos digitais são creditados na qualidade de mecanismos que expandem o repertório de possíveis parceiros sexuais para práticas de Dominação Feminina. Ademais, essas mulheres expuseram seus *blogs* como aparatos de subjetivação e ajuda para pessoas que estão se iniciando no BDSM ou mesmo para aquelas que procuram se aperfeiçoar no amor e nas práticas de *Dominação e Submissão*.

Nesse sentido, os *blogspots* são caracterizados por essas mulheres como substratos de autoajuda para os leitores que acompanham e leem as suas publicações. Similarmente, esses mesmos *posts* repletos de dicas, conselhos, recomendações e experiências de Dominação Feminina fornecem um tipo de autoajuda para suas criadoras, ao passo que a textualização e a publicização de si nesses contextos são qualificadas como fenômenos que promovem sentimentos expressos em felicidade, prazer erótico e liberdade, além de fomentarem a possibilidade de um aprimoramento de si na esfera dos afetos e no âmbito das práticas de Dominação Feminina à medida que se realiza uma releitura das postagens feitas para os *blogs*.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados. **Contemporânea**: Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 1, n. 2, p. 117-138, jul./dez. 2011.

BAYM, Nancy. **Personal connections in the digital age**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BAYM, Nancy. Social Networks 2.0. The internet in everyday life: Social Networks 2.0. The internet in everyday life: exploring the tenets and contributions of diverse approaches. In: CONSALVO, Mia.; ESS, Charles (Org.). **The handbook of internet studies**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade e diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limites of “sex”**. Londres: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 2019.

CABANAS, Edgar.; ILLOUZ, Eva. **Manufacturing Happy Citizens: how the science and industry of happiness control our lives**. Cambridge: Polity Press, 2019.

ESPINDOLA, Carolina Bonoto. Movimentos sociais em movimento: o ativismo LGBT das margens às redes. In: 4º CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE: MÍDIAS E DIREITOS DA SOCIEDADE EM REDE, 2017, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** Santa Maria: UFSM, 2017. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/3-2.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2021.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2008.

FACCHINI, Regina.; MACHADO, Sarah Rossetti. Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM, no contexto brasileiro. **Revista Sexualidade, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 14, p. 195-228, 2013.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. **Conectadas: uma análise de práticas de ajuda-mútua feminina na era das Mídias Digitais**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2013.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues.; MISKOLCI, Richard. Conectadas: experiência de subalternidade e ajuda-mútua feminina online entre mulheres de classes populares. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 129-159, jul./dez. 2015.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues.; PADILHA, Felipe André. Ética e pesquisa em Ciências Sociais: reflexões sobre um campo conectado. **Mediações**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 228-258, jan./abr. 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Fátima Regina Almeida de. **Bondage, Dominação/Submissão e Sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, Goiânia – GO, 2012.

GAIAD, Maraisa Gardinali. **A sociologia das emoções em Eva Illouz**: o fenômeno da literatura de autoajuda. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras - Unesp/Araraquara, Araraquara - SP, 2019.

GREGORI, Maria Filomena. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 47-74, jan./jun. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna. Manifesto Cyborg. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna.; KUNZRU, Hari.; TADEU, Tomaz. (Org).

Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet**: Embedded, Embodied and Everyday. Londres: Bloomsbury Academic Publishing, 2015a.

HINE, Christine. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. Entrevista concedida a Bruno Campanella. **MATRIZES**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 167-173, jul./dez. 2015b.

HORST, Heather A.; MILLER, Daniel. **Digital anthropology**. Londres: Berg, 2012.

ILLOUZ, Eva. **Consuming the romantic utopia**: love and the cultural contradictions of capitalism. Los Angeles: University of California Press, 1997.

ILLOUZ, Eva. **Hard romance**: Cinquante nuances de Grey et nous. France: Seuil, 2014.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. **Oprah Winfrey and the glamour of misery**: an essay on popular culture. Nova York: Columbia University Press, 2003.

ILLOUZ, Eva. **Why love hurts**: a sociological explanation. Cambridge: Polity Press, 2012.

LATOUR, Bruno. Faturas/Fracturas: da noção de rede à noção de vínculo. In: SEGATA, Jean.; RIFIOTIS, Theophilos. (Org.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília, ABA Publicações, 2016.

LEITÃO, Débora Krischke.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 42, p. 41-65, 1. sem. 2017.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **A cultura S&M**. Monografia - Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2000.

LOVELUCK, Benjamin. **Redes, liberdades e controle**: uma genealogia política da internet. Petrópolis: Vozes, 2018.

- MACHADO, Sarah Rossetti. **De transtornos, tormentos e delícias: atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014)**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2017.
- MADIANOU, Mirca.; MILLER, Daniel. Polymedia: Towards a new theory of digital media in interpersonal communication. **International Journal of Cultural Studies**. v. 16, ed. 2, p. 169-187, 2013.
- MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MCCLINTOCK, Anne. Maid to Order: Comercial Fetishism and Gender Power. In: GIBSON, Pamela Curch; GIBSON, Roma. (Org.). **Dirty Looks: Woman, Pornography, Power**. Londres: British Film Institute, 1993. p. 87-116.
- MCQUIRE, Scott. A casa estranhada. **Revista do Programa de Pós-Graduação Da Escola de Comunicação da UFRJ**, v. 14, n. 1, p. 195-232, 2011.
- MELO, Marília Loschi de. **A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, 2010.
- MILLER, Daniel.; et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. Londres: UCL Press, 2019.
- MILLER, Daniel.; HORST, Heather. A. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 91-111, jul./dez. 2015.
- MILLER, Daniel.; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.
- MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. São Paulo: Editora Autêntica, 2017.
- MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos: Revista de Pós-Graduação de Ciências Sociais**, v. 12, n. 2, p. 9-22, 2011.
- MISKOLCI, Richard. O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero**, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1º sem. 2009.
- MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 91, p. 269-295, 2014.
- MISKOLCI, Richard. Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 275-297, jul./dez. 2016.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of oppression**. Nova York: New York University Press, 2018.

PADILHA, Felipe André. **Entre macacos velhos e queerpiras**: uma etnografia por entre as interfaces dos serviços comerciais de busca por parceiros online no interior paulista. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2019.

PADILHA, Felipe André.; FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma analítica das mídias digitais. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 54, n. 3, p. 305-316, set./dez. 2018.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos**: masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo. São Paulo: Annablume, 2019.

PISCITELLI, A.; et al. **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011.

PRADO, Juliana do. **Dos consultórios sentimentais à rede**: apoio emocional pelas mídias digitais. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n- edições, 2014.

REIS, Aparecido Francisco dos.; CARVALHO, Gabriel Zamian de. Com_puta_dor: relações BDSM mediadas digitalmente em Campo Grande/MS. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 21, p. 50-64, jan./jul. 2016.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: RUBIN, Gayle. (Org.). **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SANTOS, Raíra Bohrer dos. **Castelo de pixels**: Relacionamentos BDSM no mundo digital virtual 3D Second Life. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2016.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

SCHRADIE, Jen. Ideologia do Vale do Silício e desigualdade de classe: um imposto virtual em relação à política digital. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 85-99, jun. 2017.

SIBILIA, Paula. A vida como relato nos blogs: mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do “eu”. In: VIII Congresso Luso-Afro-Basileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra. **Anais eletrônicos...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <ces.uc.pt/lab2004/pdfs/PaulaSibilia.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2016.

SILVA, Fernanda dos Santos.; PINTO, Gabriela Rousani.; OLIVEIRA, Rafael Santos de. “Preta e Acadêmica”: a resistência da mulher negra contra o encarceramento em massa a partir da prática do ciberfeminismo. In: 4º CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE: MÍDIAS E DIREITOS DA SOCIEDADE EM REDE, 2017, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** Santa Maria: UFSM, 2017. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/3-9.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2021.

SILVA, Marcelle Jacinto da. **Jogos de inversão, jogos de poder**: uma etnografia online sobre práticas de feminização masculina em contexto sado-fetichista. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE, 2015.

SILVA, Mayara Larissa Benatti. Limites e possibilidades da democracia no ciberespaço: uma análise sobre a militância feminista na rede. In: VI SIMPÓSIO NACIONAL GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2020, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 2020. Disponível em: <<http://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1015/990>>. Acesso em: 20 out. 2021.

SILVA, Vera Lucia Marques da. A psiquiatrização do sexo não normativo: BDSM e a 5ª revisão do manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais. **Vivência**: Revista de Antropologia, Natal, n. 48, p. 25-38, 2016.

SILVA, Vera Lucia Marques da. **Sob a égide do chicote**: Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade. Curitiba: Editora Appris, 2018.

SILVEIRA, Sergio Amadeu de. **Tudo sobre tod@s**: Redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais. São Paulo: Edições SESC, 2017.

SONTAG, Susan. Fascinante Fascismo. In: RIEFENSTAHL, Leni. (Org.). **The last of the Nuba**. Nova York: Harper & Row, 1974.

TURKLE, Sherry. **Alone Together**: Why We Expect More From Technology And Less From Each Other. New York: Basic Books, 2011.

ZELIZER, Viviana. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 32, p. 135-157, jan./jun. 2009.

ZILLI, Bruno Dallacort. **A perversão domesticada**: BDSM e o consentimento sexual. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.